



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

RUTH RODRIGUES SANTOS

**“A FESTA QUE É A MESMA, SENDO CONTINUAMENTE OUTRA”:** A ressignificação da Festa (do pau da bandeira) de Santo Antônio de Barbalha Ceará através das mudanças e continuidades.

JOÃO PESSOA/PB  
2015

RUTH RODRIGUES SANTOS

**“A FESTA QUE É A MESMA, SENDO CONTINUAMENTE  
OUTRA”**: A resignificação da Festa (do pau da bandeira) de Santo  
Antônio de Barbalha Ceará através das mudanças e continuidades.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia  
da Universidade Federal da Paraíba para a obtenção do título de Mestre  
em Sociologia.

**Orientador: Profº Dr. Antonio Giovanni Boaes Gonçalves**

JOÃO PESSOA/PB  
2015

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

S237f Santos, Ruth Rodrigues.  
A festa que é a mesma, sendo continuamente outra: a resignificação da Festa (do pau da bandeira) de Santo Antônio de Barbalha, Ceará através das mudanças e continuidades / Ruth Rodrigues Santos.- João Pessoa, 2015.  
112f. : il.  
Orientador: Antonio Giovanni Boaes Gonçalves  
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA  
1. Sociologia da cultura. 2. Festa de Santo Antônio.  
3. Tempo de festa. 4. Sociabilidade. 5. Mudança.  
6. Continuidade.

UFPB/BC

CDU: 316.7(043)

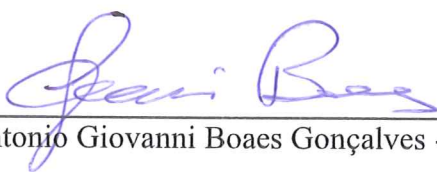
RUTH RODRIGUES SANTOS

**“A FESTA QUE É A MESMA, SENDO CONTINUAMENTE OUTRA”:** A resignificação da Festa (do pau da bandeira) de Santo Antônio de Barbalha Ceará através das mudanças e continuidades.

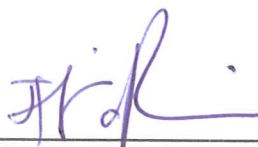
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da universidade Federal da Paraíba para a obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Aprovado em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2015.

Banca examinadora:



Prof. Dr. Antonio Giovanni Boaes Gonçalves - Orientador



Profa. Dra. Flávia Pires (PPGS-UFPB)



Profa. Dra. Luciana Chianca (PPGA-UFPB)

JOÃO PESSOA/PB  
2015

## DEDICATÓRIA

Dedico àqueles a quem este trabalho possa vir a ser um instrumento de contribuição para ampliação dos olhares e dos saberes sobre quem são os outros e o que os leva a sê-los. Dedico às festas, que *inventam* os homens. E aos homens que *vivem* a festa. Dedico por fim, aos Carregadores do Pau da Bandeira da Festa de Santo Antônio de Barbalha Ceará.

## **AGRADECIMENTOS**

São muitos os agradecimentos, tantos que me limito a dizer apenas alguns, mas que tenho e guardo todos comigo. Devo agradecer à vida e os caminhos pelos quais percorri que me trouxeram até aqui.

Agradecer às escolhas, as minhas, as dos outros, as acertadas, as erradas, as que tive que fazer, as que não queria, as que fiz por amor, e as tantas outras que me fizeram experimentar os mais variados tipos de sabores e dissabores.

Agradecer às pessoas, as que atribuímos os nomes de amigos e família (a estes em particular e com maior ensejo), que são tão tantas e de relevância tão essencial que não ousaria citá-las diminuindo sua importância a seus nomes. Então a todos e a cada um, meu sincero: Obrigada.

Agradecer à Deus, que me fez redescobri-lo na sua magnitude, estando nas coisas mais simples da vida, num lugar, numa ação, em mim, mas de forma mais plena, nos outros. Estive com Deus longe de onde eu o procurava, e onde eu sequer imaginei que pudesse encontrá-lo. Peço que Ele me conceda a graça de agradecê-lo pelos incontáveis bens que me proporciona, dando-me a possibilidade de dizer menos e fazer mais, de ser cada vez melhor, buscando encontrar-me na minha busca particular por Ele.

Agradecer ao meu brilhante orientador Giovanni. Ouso colocá-lo apenas assim para significar não o professor, mas a pessoa dele em todas às suas competências. Pessoas assim me inspiram a acreditar que a escolha de ser educador é recompensadora, me faz almejar ser tão boa quanto, tenho-o como referência de responsabilidade, de entrega e gosto pelo que faz, garantindo assim um trabalho primoroso e de excelência. Obrigada professor, pelas orientações, pela compreensão, pela cobrança, pela dedicação, pela atenção, por estar junto.

Ao CNPq por ter custeado financeiramente o período do mestrado, bem como ao programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba, a querida Nancy, a todo o corpo docente, e a alguns em particular: a professora Cris (Teresa Cristina Matos) uma mulher tão forte quanto competente, ao professor Adriano

de Léon, por ser um ser humano tão (in)crível, professora Simone Brito de uma seriedade cativante. Bem como aos que estiveram do lado de cá junto comigo, meus colegas de sala, que abrilhantaram e enriqueceram as aulas com suas inteligências tão singulares, boas companhias desde os grupos de estudo às mesinhas de bar e rodas de troca de experiência.

Por fim, e modéstia à parte, mas reconhecendo meu valor, agradecer a mim, por não ter me deixado desistir em muitos momentos, agradecer por ter continuado, agradecer a minha lucidez e sanidade que embora tão rara, se sobrepunha aos acasos e percalços do árduo percurso a que minhas escolhas me levaram, abrindo meus olhos e me fazendo enxergar, em meio a uma miopia momentânea, que o que é melhor é sempre o que virá, mas que isso é consequência do que se constrói no terreno do aqui e do agora. Agradecer a algumas pessoas em especial, por me fazerem acreditar que eu podia, pelo incentivo nas horas mais acertadas e pela companhia, não de sempre, mas sempre que se fazia necessário, na medida do possível.

Agradecer pela descoberta de que são as mudanças e continuidades que nos permitem ser sempre renovados/ressignificados sendo os mesmos do que nunca fomos e de que jamais seremos!

*“Uma mudança deixa sempre patamares para uma nova mudança.”* (Maquiavel) ,

*“Quando os ventos de mudança sopram, umas pessoas levantam barreiras, outras constroem moinhos de vento.”* (Érico Veríssimo)



## RESUMO

A festa é um fenômeno social que possibilita múltiplas interpretações, essa multiplicidade advém da diversidade dos elementos que a articula e compõe, sejam a cultura, a religiosidade, a identidade individual e coletiva, os símbolos, rituais, o divertimento (a partir da ludicidade), a política, economia, turismo, etc. É um fenômeno temporal, visto que se identifica o *tempo de festa* e também espacial, pois os lugares da festa (a rua, a praça, a casa, a igreja, o terreiro, etc.) expressam além do consenso, as tensões e os conflitos. Este conjunto de elementos torna-se um campo rico para se analisar as interações entre os indivíduos como “agentes sociais”. Considerando sua vitalidade social e cultural é que propomos analisar a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio, que ocorre anualmente na Cidade de Barbalha, Estado do Ceará, que integra as festividades juninas e as expressões da religiosidade popular local. Proponho-me refletir sobre a dinâmica da festa, expressa num *tempo extraordinário*, que articula as relações e formas de interações entre os indivíduos e grupos envolvidos nos processos de expectativa, preparação e realização da festa, buscando identificar como as mudanças e continuidades contribuem para sua constante realização. Mostraremos que a continuação da festa se dá pela renovação dos interesses e da participação dos indivíduos, que consequentemente se renova, resignificando assim a festa, que sendo a mesma, é continuamente outra.

**Palavras-chave:** Festa de Santo Antônio; Tempo de festa; Sociabilidade; Mudança; Continuidade.

## **ABSTRACT**

The party is a social phenomenon that allows multiple interpretations, this multiplicity comes from the diversity of the elements that articulates and composes, whether culture, religion, the individual and collective identity, symbols, rituals, fun (from playfulness) , politics, economy, tourism, etc. It is a temporal phenomenon, since it identifies the party time and space also because the party places (the street, the square, the house, the church, the religious community, etc.) express beyond the consensus, the tensions and conflicts. This set of elements becomes a rich field to analyze the interactions between individuals as "social actors". Considering its social and cultural vitality is that we propose to analyze the Feast of St. Anthony of Stick of Flag, held annually in the city of Barbalha, Ceara State, which includes the June festivities and expressions of popular religiosity site. I propose to reflect on the party dynamics, expressed in an extraordinary time, which articulates relations and ways of interactions between individuals and groups involved in the expectation processes, preparation and holding of the party in order to identify how changes and continuities contribute to its constant achievement. We show that the continuation of the festival is by renewal of interest and participation of individuals, which in turn is renewed, so reframe the party, that being the same, is continuously another.

**Keywords:** Feast of St. Anthony; Party time; sociability; change; Continuity.

## LISTA DE FOTOS

<b>Foto 1:</b> Imagem panorâmica da entrada de Barbalha – CE.....	41
<b>Foto 2:</b> Localização da Região Metropolitana do Cariri (RMC) .....	42
<b>Foto 3:</b> O pau da bandeira hasteado defronte à Igreja Matriz de Santo Antônio; a foto não apresenta datação .....	43
<b>Foto 4:</b> O momento do corte do Pau da Bandeira.....	48
<b>Foto 5:</b> Rua da Matriz.....	53
<b>Foto 6:</b> O Largo da Igreja do Rosário.....	54
<b>Foto 7:</b> Área externa da Igreja Matriz de Santo Antônio.....	54
<b>Foto 8:</b> Carroça da cachaça do Sr. Vigário.....	58
<b>Foto 9:</b> “Noite das solteironas” .....	61
<b>Foto 10:</b> Kit das Solteironas.....	61
<b>Foto 11:</b> Grupo de Reisado do Congo.....	71
<b>Foto 12:</b> Grupo folclórico dos Penitentes.....	71
<b>Foto 13 e 14:</b> Bandas Cabaçais e Pífanos.....	71
<b>Foto 15:</b> localização e distância percorrida do carregamento do Pau da Bandeira, do Sítio Flores à Igreja Matriz de Santo Antônio.....	75
<b>Foto 16:</b> Os caminhões que transportam os carregadores do centro da cidade à mata..	76
<b>Foto 17:</b> Oração anterior ao corte do Pau.....	77
<b>Foto 18:</b> Corte do Pau da bandeira.....	77
<b>Foto 19:</b> O batismo de lama dos novatos.....	80
<b>Foto 20:</b> Meu batismo.....	80
<b>Foto 21:</b> “Marcando território” .....	81
<b>Foto 22:</b> “Guardando o lugar”.....	81
<b>Foto 23:</b> “Esse lugar é meu”. Todas as fotografias mostram o que simbolicamente os carregadores chamam de “marcar território”, todas as legendas foram tiradas das falas dos carregadores.....	82
<b>Foto 24:</b> As cordas que auxiliam no direcionamento do pau da bandeira.....	82
<b>Foto 25:</b> Momento da oração que inicia o cortejo.....	83

<b>Foto 26:</b> Início do Cortejo.....	82
<b>Foto 27:</b> Divisa entre a zona rural e urbana de Barbalha – CE.....	83
<b>Foto 28:</b> Momento de preparação para tirar o pau da bandeira do chão.....	85
<b>Foto 29:</b> momento em que erguem o pau do chão para dar continuidade ao cortejo....	85
<b>Foto 30:</b> No largo do Rosário os carregadores exaltam Santo Antônio levantando o pau acima da multidão.....	86
<b>Foto 31 e 32:</b> Carregamento do Pau.....	86
<b>Fotos 33 e 34:</b> Hasteamento do pau em épocas diferente.....	88

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>14</b>
<b>CAPÍTULO I: OLHARES SOBRE A FESTA: REFLETINDO SOBRE A FESTA COMO FENÔMENO SOCIAL NAS CIÊNCIAS SOCIAIS</b>	<b>24</b>
<b>CAPÍTULO II - A FESTA (DO PAU DA BANDEIRA) DE SANTO ANTÔNIO</b>	<b>40</b>
2.1 O “Tempo da festa”	<b>41</b>
2.2 O Pau da Bandeira: “uma festa dentro da festa”	<b>71</b>
<b>CAPÍTULO III: MUDANÇAS E CONTINUIDADES: SOBRE AS FORMAS DE APROPRIAÇÃO DA FESTA</b>	<b>91</b>
3.1 Sobre a dinamicidade dos rituais (parte I): da renovação	<b>91</b>
3.2 Sobre a dinamicidade dos rituais (parte II): do aspecto socializador	<b>100</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>106</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>109</b>

## INTRODUÇÃO

Os vários estudos existentes sobre festas no Brasil demonstram a importância do seu significado enquanto objeto de investigação para as ciências sociais. À medida que avançamos na procura por respostas que o fenômeno pode nos oferecer, deparamo-nos com uma realidade multifacetada de representações cultural, política, religiosa, artística, social e histórica de um povo; um microcosmo que nos remete ao macrocosmo sociocultural.

Neste sentido, para entender o Brasil, muitos cientistas sociais têm analisado como elemento central de nossas formas de temporalidade, espacialidade, pertencimentos, expressões. Em outras palavras, do “jeito de ser brasileiro” ou das “maneiras estruturantes que tornam o Brasil, Brasil”, como diz DaMatta (1997a, 1997b).

Na nossa cultura, destaque especial deve ser dado às versões religiosas da festa, pois nossa sociedade é herdeira de um processo civilizatório de cunho fortemente religioso, diga-se católico português, em si festivo, e que se embeveceu pelos encontros com as culturas negras e indígenas. Nosso catolicismo, de aspecto fortemente popular como nos mostram Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Carlos Rodrigues Brandão, entre tantos outros, tem na festa – antropologicamente falando – uma de suas expressões mais destacada. Festas religiosas, em seus mais variados formatos, pululam pelo Brasil. Neste quesito, são proeminentes aquelas dedicadas aos oragos ou santos padroeiros.

Historicamente, suas origens remetem ao período colonial. Festa e religiosidade teriam contribuído para se dar a mediação entre as diferenças culturais que se instalaram no Brasil, o que teria dado origem a uma cultura nacional diversificada (AMARAL, 1998). A Igreja Católica, segundo D’Abadia:

adotou o princípio das festas pagãs para homenagear e cultuar os seus santos. Elas têm o objetivo de louvar e agradecer as graças concedidas aos homens pela divindade protetora escolhida que, no universo católico, correspondem a Jesus, à Virgem Maria, ao Espírito Santo e aos santos de maneira geral. (...) Na igreja, os santos foram surgindo de acordo com os seus feitos e com as posições doutrinárias católicas. Essa postura possibilitou o aparecimento de inúmeros santos que chegaram ao Brasil na bagagem do colonizador (D’ABADIA, 2010, p. 94).

Dos povos que nos deixaram heranças culturais, advém um grande número de santos que passaram a ser cultuados no Brasil, dentre estes se destacam São Pedro, São João e Santo Antônio, cujas datas festivas ocorrem no mês de Junho, as chamadas festas juninas, em geral caracterizadas por fogueiras, comidas e danças típicas no Nordeste Brasileiro. Com grande número de devotos, os santos tornaram-se cada vez mais populares, e conseqüentemente suas festas acabaram ultrapassando as portas da igreja e ganharam a rua, gerando conflitos onde de um lado estava predominantemente a ortodoxia da Igreja Católica e do outro o catolicismo popular conquistando cada vez mais espaço e adeptos, este, que segundo Zaluar (1980), faz parte de um sistema de reciprocidade com as divindades cósmicas, em um sistema socialmente construído pelos homens como parte integrante de sua própria visão de mundo.

As festas de padroeiros refletem a natureza da relação que as pessoas mantêm com o santo: assemelha-se a uma relação de parentesco, havendo proximidade e, sobretudo, uma identificação que ultrapassa a barreira do inatingível, abrindo a possibilidade de *se estar mais próximo* do santo, seja através de uma oferenda, um sacrifício, uma promessa, um ritual, uma prece, enfim, qualquer ato ou gesto empreendido cuja certeza da resposta se registra no imaginário popular, na famosa expressão: “o santo é de casa”. D’Abadia diz que “o santo padroeiro fortalecia as relações comunitárias e afinava os laços de pertencimento da comunidade. Por isso, a consagração de capelas, igrejas e paróquias faz parte de ações práticas da Igreja Católica” (2010, p. 103).

Foi exatamente o que aconteceu em Barbalha, cidade do sul do Ceará que começou como Vila e cresceu em torno da capela erguida em homenagem a Santo Antônio, isso por volta de 1778. Reproduzindo um costume colonial, conta-se que, aproximadamente em 1853, o insigne Padre Ibiapina, recomendou que à frente da igreja fosse erguido um mastro com a bandeira do santo, indicando o período em que seus festejos tomavam início. Podemos dizer que a festa de Santo Antônio surgiu concomitantemente ao surgimento do assentamento que deu origem à cidade de Barbalha. Os festejos lhe dedicados constituem expressão proeminente da identidade dos barbalhenses, mesmo hoje, quando o cenário religioso local excede os limites do catolicismo.

Algo nesta história tem chamado atenção não só das pessoas comuns como dos que se dedicam às pesquisas e estudos de temáticas variadas, que neste caso tomamos por referência a importância que é atribuída aos rituais que se desenvolvem em torno de

um elemento da festa, *o mastro*, ou pau da bandeira de Santo Antônio. Ele é motivo que aglutina uma grande soma de pessoas e esforços no sentido de complementar a festa do santo padroeiro. É preciso escolher, em uma localidade distante da cidade, uma árvore no meio da mata, cortá-la e descascá-la, desfazendo-a de sua feição de árvore. Já na forma de mastro, ou simplesmente “pau”, descansará à beira da estrada por alguns dias, até finalmente ser transportado no lombo de muitos homens, por um percurso de quilômetros, até a Igreja Matriz de Santo Antônio, onde será elevado para sustentar a bandeira do Santo. As celebrações coletivas em torno do mastro assumiram tamanha proporção, a ponto de se tornarem a parte mais importante da festa. Tamanha é sua importância que a referência deixou de ser simplesmente a Festa de Santo Antônio para se transformar na Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio: uma festa dentro da Festa.

A festa acontece desde o ano de 1928, entre o final do mês de Maio e o décimo terceiro dia do mês de Junho. Por recomendação do vigário local da época, o ritual do pau da bandeira foi incorporado de forma proeminente ao festejo. Trata-se de uma festa profano-religiosa, assim entendida à luz das ideias de Sanchis (1983), em que sagrado e profano não estão separados como dois polos contrários e excludentes, antes se integram num todo chamado festa, que permite, propicia e requer a mistura. Torna-se religiosa por tratar de símbolos religiosos, o que autoriza a agência da Igreja pelas celebrações, procissão, trezenas, missas, visita da imagem do santo às casas de alguns cidadãos da cidade<sup>1</sup>, enfim, o que toca a liturgia hagiológica prescrita pelo cânone católico; profana por ser também um espaço de “farra”, “bebedeira”, dança, diversão, “pegação”.<sup>2</sup>

A festa “de hoje” (fala recorrente dos nativos), não é a mesma que se fazia ao final dos anos de 1920, vem passando por transformações, incorporando novos elementos, descartando alguns e ressignificando outros. Como fenômeno social, está permeada por contradições e conflitos que advêm não só da religião ou das formas de

---

<sup>1</sup> É feita uma lista com o nome das pessoas que tenham interesse em receber a imagem do santo em sua residência, vale salientar que a lista é extensa e nem sempre é possível que todos sejam contemplados, as pessoas aguardam com ansiedade o momento de receber o andor de Santo Antônio. Cada “noitáro” como é chamada a pessoa que recebe o santo em casa, passa um dia com o santo, sendo responsável por fazer a ornamentação do andor, fazer oração convidando os vizinhos, amigos, parentes e comunidade e em seguida sair em procissão pelas ruas da cidade com destino a Igreja Matriz de Santo Antônio para mais um dia de trezena. Santo Antônio visita (como costumam dizer pela cidade) trezes casas que é o número de dias que se realiza a trezena ao santo, cada noite uma casa diferente, por isso o nome *noitáro*.

<sup>2</sup> “*Pegação*” é uma expressão utilizada no contexto da pesquisa que designa envolver-se (sensual ou sexualmente) com alguém sem pretensões duradouras. Expressão amplamente difundida pela mídia nacional.



sociabilidades cotidianas, mas também das esferas política, econômica, cultural e midiática. É expressão de um conjunto de fatores que, objetiva e subjetivamente, estão relacionados entre si, seja nos saberes, personagens, cenários, símbolos, ritos, espaços, etc.

Esse mesmo conjunto de fatores confere à festa um caráter multiplural, tanto na forma de vivência, nas formas de expressão ou de relação que se estabeleça entre o participante e a festa, quanto nos rituais que são o meio pelo qual buscamos compreender como ocorreram tais mudanças, hoje incorporadas à festa, através de um processo de adaptação do “tradicional” ao “moderno”, adaptação que consideramos necessária, no que concerne especificamente à continuidade da festa.

O pau da bandeira, a noite das solteironas e a procissão são alguns dos rituais que dão forma à festa ao passo que são constituídos por ela. Os rituais ao longo do tempo e gradativamente, estão sendo “reinventados”, reelaborados, constantemente e de maneira mais incisiva, podendo-se perceber mudanças significativas, como por exemplo, as intervenções (cada vez mais contundentes) da política local, como é o caso do projeto de parceria entre a Prefeitura Municipal de Barbalha e as escolas municipais no incentivo às crianças e jovens participarem dos grupos folclóricos com a criação dos “grupos mirins”. Há também a intervenção de instituições e organizações ambientais como o Instituto Chico Mendes de Conservação da Diversidade (ICMBio – CE) e culturais como Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) que nos últimos anos instituíram normas e regras para a realização da festa. Vale atentar para mudanças que ocorreram no interior dos grupos culturais e folclóricos, adaptando peças da vestimenta ou dos instrumentos que compõe a performance. Incluiremos nesta discussão a apropriação e o uso dos espaços por grupos específicos, que se tornaram um meio de identificação dos seus frequentadores como *“os cult”, os alternativos, os LGBT, o da juventude*, etc.

O intuito é mostrar como a festa adere, se (re)organiza e se adapta a estas mudanças, acreditando que isto é o que lhe confere sua continuidade. Partimos da hipótese que pra entender este processo, antes é preciso entender a relação estabelecida entre o participante e a festa, seja do carregador do pau da bandeira, da mulher “solteirona”, do turista, do morador de Barbalha, bem como as formas de sociabilidade que se institui entre os diferentes grupos e esferas sociais que compõem a festa e como estes se conectam para que, atendendo ao interesse de cada grupo, a festa se apresente como um resultado único dos diferentes esforços.

Proponho-me a compreender a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio a partir das variantes de pesquisadora e nativa ao mesmo tempo, agregando saberes do senso comum, carregados de sentimentos e sentidos, e também do aparato conceitual-metodológico adquirido nos anos de formação no curso de Ciências Sociais e nesta etapa do mestrado.

Com relação ao processo investigativo, ainda se discute em algumas áreas das ciências e das pesquisas científicas questões sobre a neutralidade e imparcialidade do pesquisador quanto à metodologia aplicada à investigação do objeto, sobretudo no campo das ciências sociais. A Antropologia e a Sociologia, além de outras ciências dedicaram-se e identificaram-se com o método de pesquisa qualitativo, onde “a observação participante, a entrevista aberta, o contato direto, pessoal, com o universo investigado constituem sua marca registrada” (VELHO, 1997, p. 123), afirmando que o envolvimento do pesquisador é necessário para que haja uma maior e melhor conexão com certas áreas e dimensões da sociedade possibilitadas pelo contato (VELHO, 1997).

Sobre o objeto escolhido – na verdade, poderia inverter esta fala e dizer que o objeto também me escolhera – há muito me circunda, diria que desde a infância. Em Barbalha, desde muito cedo se começa a participar da Festa do Pau da Bandeira, voluntariamente ou não. Quer seja uma participação direta ou um “envolvimento” indireto. Memórias, estórias, contos, conversas, paisagens, espaços, transitam em torno da festa. Nela, passado e presente, novas e velhas gerações se comunicam, e nesse enredo dificilmente alguém fica de fora. A festa é uma realidade englobante, que tem sua própria temporalidade, o *tempo da festa*. Como um tear, é uma estrutura que sustenta símbolos, discursos, conversas, interações, conflitos, tensões, sentimentos, gestos, performances, enfim, “fios” que, em certa temporalidade, tecem sentidos (como rotas) à(s) identidade(s) dos barbalhenses.

O interesse pela festa esteve presente de alguma maneira em diferentes momentos da minha trajetória, seja na infância quando ficava ansiosa pela chegada do parque de diversões, seja na adolescência quando comecei a questionar os porquês da festa com mais afinco, identificar o que levava as pessoas a repetirem anualmente aquele ritual, quais motivos sustentavam a atitude daqueles homens que se dispunham a carregar o pau da bandeira, como as novas gerações estariam dispostas a repetir os esforços das gerações mais velhas, se haveria de a festa se prolongar por muito tempo, enfim questionamentos que me despertaram o interesse em saber mais.

Durante a graduação em Ciências Sociais, esses questionamentos ganharam novos contornos, foram se iluminando com teorias e conceitos. Problematizações indicavam possibilidades de respostas, que ao mesmo tempo convertiam-se em novas perguntas. O interesse em conhecer, entender, compreender, capturar um tipo de significado e sentido, para mim desconhecido, foi se renovando ao longo das leituras e atividades do grupo de pesquisa sobre a dimensão da relação entre natureza e cultura na festa do pau da bandeira do qual passei a integrar de 2009 a 2011.

Diante de toda esta vivência na festa, que fez parte da minha formação pessoal e também acadêmica, passei a questioná-la por outros ângulos e, ampliando assim as possibilidades de conhecê-la e compreendê-la de maneira mais significativa, tratava-se, então, de reconhecer a presença da subjetividade e da carga afetiva que em mim continha, ainda que, para alguns, elas sejam hóspedes indesejadas, o que foi meu caso (DA MATTA, 1978).

Escolhi, bem como propõe Da Matta, relativizar, transformando o exótico em familiar e o familiar em exótico, imergir na festa como pesquisadora, sem desconsiderar a subjetividade construída desde meus primeiros anos de vida enquanto cidadã barbalhense. Esta jornada me fez perceber que, como afirma Gilberto Velho (1997), o que sempre vemos e encontramos pode ser familiar mas não é necessariamente conhecido e o que não vemos e encontramos pode ser exótico mas, até certo ponto, conhecido, acreditando que a partir destas definições aquilo que observamos ou vivenciamos nos passa a ser conhecido ou desconhecido. A descoberta foi que muito do que eu sabia não era como eu achava que conhecia sobre a festa. Esta longa e válida citação de VELHO (1997) exprime o que me levou a escolher a festa que eu “tanto conhecia”:

Não só o grau de familiaridade varia, não é igual a conhecimento, mas pode constituir-se em impedimento se não for relativizado e objeto de reflexão sistemática. Posso estar acostumado, como já disse, com uma certa paisagem social onde a disposição dos atores me é familiar, a hierarquia e a distribuição de poder permitem-me fixar, grosso modo, os indivíduos em categorias mais amplas. No entanto, isto não significa que eu compreenda a lógica de suas relações. O meu conhecimento pode estar seriamente comprometido pela rotina, hábitos, estereótipos. Logo, posso ter um mapa mas não compreendo necessariamente os princípios e mecanismos que o organizam. O processo de descoberta e análise do que é familiar pode, sem dúvida, envolver dificuldades diferentes do que em relação ao que é exótico. Em princípio dispomos de mapas mais complexos e cristalizados para a nossa vida cotidiana do que em relação a grupos ou sociedades distantes ou afastados. Isso não significa que, mesmo ao nos defrontarmos, como indivíduos e pesquisadores, com grupos e

situações aparentemente mais exóticos ou distantes, não estejamos sempre classificando e rotulando de acordo com princípios básicos através dos quais fomos e somos socializados (VELHO, 1997, p 128-129).

Como o autor afirma, familiaridade não tem a ver com conhecimento científico, porém é também um certo tipo de apreensão da realidade, esta familiaridade que é uma forma de conhecimento está presente no pesquisador bem como nos informantes encontrados/escolhidos na investigação em que considere suas opiniões, vivências, percepções, e dentre eles estiveram carregadores do pau da bandeira, as moças em busca de casamento, os pagadores de promessa, os políticos fazendo propagando, turistas, católicos, os adeptos de outras formas de religiosidade, entre outros. Pessoas comuns dos encontros do dia-a-dia, algumas sem formação acadêmica ou sem pretensões científicas, mas que poderiam dar valiosas contribuições para o conhecimento da vida social, pois vivenciaram aquele fenômeno dentro ou fora do *tempo de festa* (VELHO, 1997). A maneira como cada participante vive a festa é o que a torna plural, diversificada, multifacetada. Um espaço do sagrado e do profano, da organização e da desordem, do real e do imaginado, do conflito e da contenção, do individual e do coletivo, do todo e das partes.

Percebê-la como fenômeno abrangente, levou-me ao modelo de investigação baseado na autoridade dialógica em que “a etnografia é composta de discurso e que seus diferentes componentes estão relacionados dialogicamente, [o que] não significa dizer que sua forma textual deva ser a de um diálogo literal” (CLIFFORD, 1998, p.44). A abordagem baseada na observação participante auxiliou-me no processo de captação do ponto de vista do outro, de como este age e o que sente a partir das suas ações no campo. Na observação participante é possível e imprescindível que haja também a realização de entrevistas, que no caso ocorreram no formato semiestruturado, com tópico-guia, utilizando-se de instrumentos para gravação de sons e imagens (BAUER; GASKELL, 2003).

Na perspectiva de Amaral (1998) de que a festa é uma das vias privilegiadas no estabelecimento de mediações da humanidade, busquei mostrar que os informantes/entrevistados seriam esta mediação, através da participação e da rede de interações que constroem ao longo da realização da festa. A festa enquanto mediação,

busca recuperar a imanência entre criador e criaturas, natureza e cultura, tempo e eternidade, vida e morte, ser e não ser. A presença da música, alimentação, dança, mitos e máscaras atesta com veemência

esta proposição. A festa é, ainda, mediadora entre os anseios individuais e os coletivos, mito e história, fantasia e realidade, passado e presente, presente e futuro, nós e os outros - por isso mesmo revelando e exaltando as contradições impostas à vida humana pela dicotomia natureza e cultura, mediando ainda os encontros culturais e absorvendo, digerindo e transformando em pontes os opostos tidos como inconciliáveis (AMARAL, 1998a, p. 19).

Tracei como proposta metodológica entrevistar uma variedade de pessoas que de alguma maneira participassem da festa, e que sendo assim agregam valor e significado àquele fenômeno mas, que muitas vezes passam despercebidas. Resultando deste empreendimento, a festa poderia ser vista de um prisma múltiplo de olhares. Nesse processo entrevistei crianças, adolescentes, homens, mulheres, idosos, religiosos, representantes da administração pública, carregadores do pau da bandeira, visitantes, “solteironas”, professores e artistas locais. Busquei ampliar ao máximo o lastro de opiniões.

Participei das reuniões realizada pela “Sociedade dos Carregadores do Pau”, acompanhei o processo de produção da carroça da cachaça do Sr. Vigário, conversei com pessoas nas portas de suas casas, no meio da rua, com barraqueiros quando comprava algo, enfim considerei relevante toda forma de participação e comportamentos, compondo assim um diário de campo.

Outro fator metodológico fundamental diz respeito às entrevistas, que procurei realizar propositadamente alguns dias antes da festa ou durante o acontecimento da mesma, por acreditar que o *tempo de festa* exerce, de alguma maneira, influência quanto à participação e o discurso.

Esta dissertação está estruturada em três capítulos, além de uma introdução e considerações finais. No capítulo 1 – “Olhares sobre a festa: refletindo a festa como fenômeno social nas Ciências Sociais” – apresento o percurso teórico que segui, conceituando e buscando mostrar como as *festas* se tornaram e ainda são uma importante fonte de pesquisa para a compreensão da sociedade e nas relações entre os indivíduos, no intuito de compreender sua função social, estrutura e relevância para o desenvolvimento dos grupos sociais, sobretudo no que diz respeito ao aspecto socializador da qual é fonte de interação e integração social. O objetivo é mostrar de que maneira as festas estão atreladas aos significados e significantes da vida em sociedade através dos laços que unem indivíduos, grupos, objetos, objetivos, transformando a variação e a multiplicidade em unicidade. Para isso é necessário também perceber os símbolos, os significados e sentidos dos ritos e rituais presentes no universo da festa.

No capítulo 2 – “A festa (do pau da bandeira) de Santo Antônio” –, apresento a festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio como um evento de suma importância para a cidade, considerando o fato do desenvolvimento da mesma ter-se dado a partir dela. Apresento-a conforme a proposta da etnografia, detalhando desde a expectativa gerada pelo *tempo da festa* aos rituais que a compõem: o cortejo do pau da bandeira (corte, descanso, carregamento e hasteamento da bandeira), a participação das mulheres no ritual masculino, e os poderes do Santo Casamenteiro, a “noite das solteironas”, às relações que são criadas dentro do ambiente festivo entre as esferas política, econômica, turística.

No capítulo 3 – “Mudanças e continuidades: sobre as formas de apropriação da festa” –, busco mostrar como acontece a associação/interação entre os diversos atores/personagens da festa e as esferas sociais: econômicas, políticas, culturais e religiosas e como, resultado desta relação, acontecem os processos de apropriação e renovação dos espaços, em sua maioria simbólicos, como um aspecto do processo de reinvenção da festa.

Essa dinâmica, propiciada pela transitoriedade de espaços, pessoas, interesses, instituições, caracteriza o aspecto socializador que o ambiente festivo possibilita. Neste sentido a discussão se beneficia dos conceitos de “efervescência coletiva”, “sociação e sociabilidade”, conforme apresentados por Durkheim (1996) e Simmel (2006) respectivamente, incluindo a contribuição de novos autores e também pesquisadores do referido festejo. O objetivo foi perceber e interpretar como acontecem as relações e apropriações e de que forma contribuem para que a festa continue acontecendo de forma “igual” porém inegavelmente renovada.

Considerarei que é a partir da relação construída entre o indivíduo e a festa que se encontra o dado que se repete, que permanece, que continua. Logo ao passo que a participação e os rituais se repetem incluindo novos indivíduos, consequentemente inovam-se também os significados caracterizando a dinamicidade não só do festejo em si, mas das próprias relações sociais que se estabelecem nesse ambiente. Concretizada nas ações práticas dos agentes, a festa é o meio pelo qual se pode ir da subjetividade à objetividade através da materialidade do simbólico, sem esquecermos que o fator que impulsiona todo este movimento, no caso das festas da religiosidade popular como é o caso aqui exposto, é a crença, a fé, a devoção dos participantes, e como consequência disso, pode-se perceber como a representação dessas práticas interferem, influenciam e complementam a vida individual e social dos mesmos.

No referencial teórico, utilizo autores já consagrados das ciências sociais, bem como autores contemporâneos que se dedicaram às pesquisas sobre festas em seus mais variados aspectos. Teses, dissertações, trabalhos acadêmicos, publicações em revistas compõem a fundamentação teórica. Desta maneira foi possível perceber a festa tanto de um ponto de vista macro, quando recorremos aos conceitos de “efervescência coletiva”, “sociação” e “sociabilidade”, como também de maneira singular e próxima, a partir da produção de pesquisadores que tiveram por objeto de estudo a Festa de Santo Antônio, apresentando-a nas variações das possibilidades de enxergá-la, como é também o caso do presente trabalho.

## **CAPÍTULO I: OLHARES SOBRE A FESTA: REFLETINDO SOBRE A FESTA COMO FENÔMENO SOCIAL NAS CIÊNCIAS SOCIAIS**

A festa, enquanto objeto de estudo das Ciências Sociais, apresenta uma larga produção teórica, não neste campo de pesquisa, como em áreas afins. As bibliografias produzidas retratam a pluralidade de possibilidades que o campo das festas nos permite perceber. Dentre os vários autores considerados clássicos, contextualizamos a discussão à luz de Durkheim, visto que suas produções ainda são consideradas significativas na abordagem de temas referentes ao poder do todo em relação às partes. Fez-se uso do seu conceito de efervescência coletiva, que nos coloca num dos pontos de significações e significados da festa, além deste autor, uma bibliografia mais contemporânea, com significativas contribuições nos auxiliou a entender e consequentemente compreender mais qualitativamente este ambiente e seus desdobramentos.

Neste capítulo, a partir de uma revisão de literatura, apresentaremos algumas abordagens sociológicas e antropológicas da festa, no sentido de preparar a reflexão sobre a Festa de Santo Antônio, esta apresentada com detalhes descritos segundo a relevância dos fatos, pela minha perspectiva, pois sendo a festa ampla, tais escolhas seriam inevitáveis.

A festa tornou-se um importante referencial de análise nos estudos sobre comportamento, modos de vida, religião, sociabilidade, entre outros, partindo de diversos pontos de observação: dos ritos e rituais, das cerimônias, dos símbolos, do conjunto de ações, das representações e experiências individuais e coletivas, enquanto fato social total, a partir de sua estrutura ou função. Enquanto fenômeno social se configura pela participação coletiva, como afirma Durkheim (1996), pela “superação da distância entre os indivíduos”, que faz com que o grupo se sobressaia e apareça um “estado de efervescência coletiva”.

O aspecto socializador da festa é possível na medida em que se estabelecem vínculos entre os participantes, entre os grupos, e entre estes com o mundo real e o sobrenatural, com a dimensão subjetiva da vida, buscando a “realiança”, da “religere”, que atende pelo nome de religião, que parece ter nascido das próprias efervescências coletivas (DURKHEIM, 1996). Esta (re)aliança se dá por meio das promessas, sacrifícios, oferendas, trocas, entre os indivíduos e os seres divinos. Para Zaluar (1983,



p. 79-80), as festas fazem parte de um sistema de reciprocidade entre o cosmo e os homens, é este sistema (criado socialmente) que permite aos agentes sociais perceber e interpretar os fatos ordinários e extraordinários de sua existência ao passo que integra sua visão de mundo.

A festa é um momento, é um acontecimento. Para autores como DaMatta (1997a) é também a quebra da rotina, a fuga do cotidiano. Para Duvignaud (1983), é um fenômeno que tem poder subversivo, pois representa uma ruptura com a ordem social, entretanto, à medida que promove a ruptura, torna-se fonte de mediação. Sobre esta função mediadora da festa, Amaral (1998) diz que ela intermedeia anseios individuais e coletivos, e nela cabem as dicotomias do presente e futuro, passado e presente, nós e os outros, pois “toda festa ultrapassa o tempo cotidiano [...], toda festa é ritualizada nos imperativos que permitem identificá-la” (AMARAL, 1998, p. 17). É possível identificá-la a partir de algumas particularidades que lhe são características, pautadas na relação entre o tempo e o espaço, por exemplo.

Sobre o *tempo de festa*, Del Priore (1994), diz tratar-se de um tempo de utopia que tem sido celebrado ao longo da história dos homens:

Tempo de fantasias e de liberdade, de ações burlescas e vivazes, a festa se faz no interior de um território lúdico onde se exprimem igualmente as frustrações, revanches e reivindicações dos vários grupos que compõem uma sociedade. Mas o tempo fáustico da festa eclipsa também o calendário da rotina e do trabalho dos homens, substituindo-o por um feixe de funções (DEL PRIORE, 1994, p. 09).

As funções das quais a autora se refere significam um momento de prazer e descanso durante a realização da festa, porém todos os elementos que a compõem (música, danças, comidas) têm uma importante função social, que é a de introjeção dos valores da vida coletiva, a partilha dos sentimentos, comportamentos e conhecimentos de quando se vive em comunidade. Desta forma, a festa tem por função também “reafirmar igualmente, laços de solidariedade ou permite aos indivíduos marcar suas especificidades e diferenças” (DEL PRIORE, 1994, p. 10).

Nesta mesma perspectiva, Bakhtin (1987) diz que as festas têm relação marcada com o tempo e que se ligam a períodos de crise, de transtorno, na vida da natureza, da sociedade e do homem; momentos ligados à morte, ressurreição e renovação constituem aspectos marcantes da festa e, tais momentos é o que cria um clima típico de festividade.

Para DaMatta (1997a) a festa é um dos mecanismos para romper com a vida diária e criar um ambiente onde ‘tudo é possível’, é a inversão do comportamento cotidiano, do abrandamento das normas, como é o caso do Carnaval. Característica esta comprovada por Martins e Freire (2014), quando no seu estudo sobre a festa de Santo Antônio, descrevem a transformação do cenário que ocorre na cidade no tempo da festa:

Tudo acontece no espaço-tempo da festa que promove encontros impossíveis no tempo da realidade do cotidiano. No contexto da festa, o céu encontra a terra; a ilusão a realidade; o religioso o profano; o permitido o proibido; o incluído o excluído. A festa religiosa, muito além do sentido aparente do termo, representa bem mais que uma manifestação do poder católico instituído. Festa adquire o sentido de unidade, uma ruptura entre as separações e diferenças do cotidiano. Igreja e rua se integram na mesma casa que é o espaço público. O povo invade os altares com suas representações mais autênticas: aboios, pamonhas, tapiocas, mandiocas, artesanato junto ao sangue e corpo de Jesus. O simbólico da comida sagrada, mesclado à sagrada comida do povo, regalada pela terra e pelo trabalho (MARTINS; FREIRE, 2014, p. 13).

O tempo de festa é um dos elementos que a compõe, tal qual os rituais, os participantes, os lugares. Pode ser considerado como sinônimo da própria festa, no sentido de que quando consideramos o que acontece antes, durante e/ou depois dela (relativo ao tempo cronológico, quantitativo, de horas, dias, semanas etc.), associamo-nos à festa e não à vida cotidiana. Pela festa é possível que haja renovação e realização dos desejos, da força, da fé, seja individual ou coletivamente. Para Perez (2009), ela tem o poder de transfigurar a estrutura da vida cotidiana:

Ela toma a seu cargo os mesmos sujeitos e objetos, quase a mesma estrutura de relações do correr da vida, e os transfigura. A festa se apossa da rotina e não rompe, mas excede sua lógica, e é nisso que ela força as pessoas ao breve ofício ritual da transgressão. As festas pontuam e regulam o curso de nossas vidas, a periodicidade das passagens (crises), marcam os tempos fortes, os momentos culminantes das pessoas e das coletividades, expressando as alternâncias de ritmo e de intensidade da vida coletiva (PEREZ, 2009, p. 16).

O tempo da festa, neste sentido, não se limita apenas ao instante, o momentâneo, o passageiro. Como um tempo “atemporal” mantém relações estreitas com o passado, presente e futuro. Olhando para a história e desenvolvimento cultural do Brasil, encontramos relatos sobre realizações festivas que fizeram parte do cotidiano em diversas regiões do país. Alimentadas por forças culturais, econômicas e políticas ao mesmo tempo, referentes à colonização portuguesa, como consequência de “interpenetrações culturais”, derivada das trocas e “traduções” da cultura dos negros e

índios. Neste alicerce, finca-se um ethos da *feira*, considerando-se permanências e mudanças.

A relação entre festa e Igreja é marcada por disputas simbólicas. É preciso olhar para a História do Brasil e perceber como o processo de colonização contribuiu para a composição do cenário cultural do país, principalmente pautado nos preceitos e dogmas da Igreja Católica e também no papel do Estado que detinham o poder centralizado entre essas duas instituições, o que resultou em separação entre festas oficial e popular, e por consequência, dos grupos sociais que dela participam: naquela a elite e o poderio eclesiástico e do Estado, e nesta o povo, a população marginalizada, no caso do Brasil, índios e negros (DEL PRIORE, 1994).

Além do elo com o tempo, Bakhtin (1987) observou também a oposição entre as festas oficiais e as festas populares, no caso o carnaval, e os efeitos que esta causava nos grupos aos quais eram reservadas. Diz que

A relação da festa com os fins superiores da existência humana, a ressurreição e a renovação só podia alcançar sua plenitude e sua pureza, sem distorções, no carnaval e em outras festas populares e públicas. Nessa circunstância a festa convertia-se na forma que se revestia na segunda vida do povo, o qual penetrava temporariamente no reino utópico da universalidade, liberdade, igualdade e abundância (BAHKITIN, 1987, p. 8).

As festas oficiais (da Igreja e do Estado) não criavam essa segunda vida, pelo contrário apenas fortificavam o regime em vigor. As festas oficiais tendiam “a consagrar a estabilidade, a imutabilidade e a perenidade das regras que regia o mundo: hierarquias, valores, normas e tabus religiosos, políticos e morais vigentes”. Opondo-se a esta condição, o carnaval, a festa da rua, da praça pública era a “liberação temporária da verdade dominante”, a quebra, mesmo que provisória, das relações de hierarquia e privilégios, é a festa da renovação que se opunha a toda regulamentação (BAKHTIN, 1987, p. 8 - 9).

Contudo, este tempo da “elevação” é também da sublevação, marcado por contradições, disputas, mistura de crenças, hábitos e influência dos povos (espanhóis, portugueses, índios, africanos) que constituíram a cultura brasileira. No período colonial as festas eram formas de divertimento fantasia e lazer, mas era também espaço de demarcação e segregação.

Além do fator tempo, outro elemento bastante observado nos estudos sobre festas, é esta disputa por espaço, e como os grupos se apropriam destes para representar

e se expressar. Como expressa Souza: “enquanto do lado da religião oficial, a celebração da missa e a realização da procissão se constituem como os principais instrumentos de regulação, do lado do povo é exatamente a quebra das regras o que demarca a diferença entre a festa e o cotidiano do trabalho” (SOUZA, 2011, p. 3).

Quando se aborda a festa, é preciso considerar as oposições e paradoxos que a constituem, como vimos entre oficial e popular, povo e elite, e devemos também abordá-la a partir do par: sagrado e profano. Para Lopes (2006) a parceria entre Estado e Igreja convertia as festas simultaneamente em sagradas e profanas. Trata-se da interpretação dos ritos, do significado dos símbolos, das formas de representação e expressão (danças, músicas, vestimentas, objetos) a partir do sagrado ou religioso e do profano.

A religião católica, representada pelo catolicismo oficial definia aquilo que era considerado sagrado. A religião tem estreita relação com as festas, para entender estas é preciso pensar o papel que a religião representa em todo este contexto, visto que para Eliade (1992) a religião dita regras e normas que deixam marcas, também inconscientes nos indivíduos, e através destas marcas é possível a explicação de certos comportamentos, o que, em parte nos permitem compreender a complexidade da festa enquanto fenômeno.

Dentre os autores que enfatizaram os vínculos entre festa e religião, destacamos Durkheim, a quem “a própria ideia de cerimônia religiosa, de alguma importância, desperta naturalmente a ideia de festa” (Durkheim, 1996, p. 456). Seguindo seu pensamento, as celebrações religiosas são formas de aproximar os indivíduos, fortalecer os laços da vida coletiva, à festa também cabe este efeito, em certa medida. Desta forma, constata-se que as festas, no Brasil, sobretudo as religiosas representavam importantes vias de disseminação de valores religiosos atrelados a valores seculares. Como afirma Passos (2014), se vasculharmos os fatos históricos, culturais nas origens deste país encontraremos as raízes e as matrizes religiosas da sociedade brasileira, considerando que

A presença marcante da religião teve um significado forte na formação do povo brasileiro, por meio de festas, percepção do tempo e espaço e pelas representações simbólicas. A tradição religiosa não é um mero acervo histórico-cultural, mas sim expressão de vida (PASSOS, 2014, p. 8).

Anteriormente vimos a associação entre a festa e a Igreja, tempo, espaços, e percebemos as oposições que desta relação emanam. Por meio das festas, expressam-se

poder, prestígio, autoridade. Prova disso é que no período colonial, a participação nas festas, em sua maioria homenagens a governadores, bispos, reis, era obrigatória para cristãos, e posteriormente para os índios e negros, estender a festa ao público significava uma concessão, generosidade do poderio real daquela época, fortalecendo os laços entre Igreja e Estado, mas também entre estes e os “convidados” (AMARAL, 1998).

Sobre este período, autores como Del Priore destacam a demonstração de poder através das organizações das festas pela corte portuguesa e o incentivo destes à participação da população:

Também organizavam festas em torno das “Entradas”, recepções solenes dedicadas, desde a Idade Média, a soberanos, bispos e autoridades. Sendo públicas, essas cerimônias revestiram-se de importância cada vez maior a partir do século XVI nos rituais de corte europeus e eram marcadas por novidades a cada uma delas. Com a centralização dos Estados absolutistas como Portugal, elas serviram à cristalização de ideias absolutistas por meio da aclamação dos oficiantes mais próximos do poder (DEL PRIORE, 1994, p. 14).

A festa tornou-se um espaço para a mistura de povos, ritmos, danças, músicas, modos de vestir, possibilitou diminuir as tensões entre as diferentes etnias, “entretanto, ela se formava e se consolidava justamente a partir das diferenças culturais, da participação de múltiplos atores anônimos, do barulhento uso de ritmos e danças — o riso crítico, jocosos e farsescos da cultura dos diferentes grupos no interior dessa mesma festa (AMARAL, 1998, p. 27). Desta variedade e mistura entre os grupos, surge também a transgressão à regra e à ordem exigida pela Igreja durante a realização das festas. Os negros e os índios incorporaram às festas suas próprias formas de expressão reverenciando deuses e orixás, possibilitando a abertura de espaço para “a repressão do catolicismo inquisitorial”:

O chamado da festa acabava incentivando a quebra das regras e o rompimento dos rígidos padrões de comportamento exigidos pelas autoridades. Isto porque a aparente “promiscuidade” da festa era relativa e a participação maciça de todas as classes se dava dentro de regras razoavelmente bem estabelecidas (AMARAL, 1998, p. 29).

Considerando as diferenças que se tornavam cada vez mais evidentes, a tentativa (pelo menos aparente) de agregação de todos na festa, fez surgir também o efeito oposto, ou seja, a festa virou um espaço de separação, havia vários sentidos nas funções aparentemente irrelevantes da festa, a mistura entre o sacro e o profano valia para diminuir e caricaturar o pagão, o inculto, o diferente do europeu branco e civilizado (DEL PRIORE, 1994, p. 49).

Com a abertura para a participação dos diversos segmentos sociais na festa, o controle tornou-se de certa forma limitado, sobretudo nas expressões das danças e músicas que se mesclavam com os ritmos dos portugueses, mostrando que as fronteiras não estavam bem definidas, entre popular e erudito, sacro e profano. Os padrões, normas e regras estabelecidos pelas autoridades eclesiásticas e pelos burocratas do Estado, já não delimitavam de maneira eficiente os espaços, a separação entre as esferas, e a mescla de expressões acarretou em novas formas de expressividade e participação, ainda pautadas na religiosidade, mas que não encontravam dentro das determinações da Igreja, do catolicismo oficial, o seu lugar, como por exemplo o fenômeno das “Santidades” movimento de resistência dos indígenas à dominação portuguesa, iniciado em São Vicente, espalhando-se por Ilhéus e Recôncavo baiano no final do século XVI, misturaram símbolos, ritos e crenças aos da religião católica resultando neste novo culto religioso. Na descrição de Schwartz:

De modo geral, o culto da santidade parece ter sido uma combinação da crença dos tupinambás em um paraíso terrestre com a hierarquia e os símbolos do catolicismo... Em honra aos “santos” entoavam-se novos cânticos, realizavam-se cerimônias que podiam durar dias a fio ... É patente que o movimento vingou entre os indígenas que tiveram contato com os portugueses. Os líderes principais eram ex-escravos, embora os índios residentes nas aldeias também aderissem ao culto... Apesar de algumas variações nos detalhes de sua vida religiosa, fica evidente que foram consideravelmente influenciados pelo contato com o catolicismo. Os símbolos e a hierarquia da Igreja foram adotados. Os líderes proclamavam-se “papas” e nomeavam bispos. Despachavam-se “missionários” para difundir o culto e pregar a resistência contra os portugueses... Em 1610, o governador Diogo de Meneses relatou que havia mais de 20 mil índios e escravos fugidos em aldeias, onde continuava a nomeação de “bispos e papas”. (SCHWARTZ, 1995, p. 55 – 56).

A festa que já era pública, tornou-se também de apropriação do povo, das comunidades, o que Amaral chama da “conquista popular da festa” dizendo:

Acontecendo nas ruas, no contexto de exaltação e alegria de gente de todo o tipo reunida, as festas, começam a ganhar, aos poucos, alguma independência da festa oficial. Danças, fantasias, personagens dos desfiles e carros alegóricos, ritmos e harmonias profanas invadem lentamente o quadro da comemoração original e embora estejam articuladas com o todo a que devem se amoldar, cada uma dessas manifestações tem vida própria e significado peculiar (AMARAL, 1998, p. 35).

Tendo fincadas suas raízes na religião, as festas oficiais e também as festas populares, atraíam a população pois era uma forma de mediação entre os indivíduos e os seres divinos, especialmente os santos. Nas procissões que circulavam pelas ruas, os

fiéis demonstravam gratidão por graças alcançadas na colheita, na cura de doenças, resolução de problemas pessoais, recuperação de coisas perdidas, entre outras, causando assim uma nova ordem na participação e na mediação, a partir da festa, entre o sagrado e o profano, o humano e o divino (DEL PRIORE, 1994). As mediações aconteciam de variadas maneiras, como por exemplo, os *milagres*, a releitura nas formas de uso dos instrumentos musicais e adereços das vestimentas da elite pelas classes populares (carpinteiros, alfaiates, correeiros, entre outros) simbolizando o domínio dos colonizadores sobre o povo, a inserção da distribuição de comida, fatores estes que contribuíram para a popularização das festas (DEL PRIORE, 1994; AMARAL, 1998).

Desta forma, as festas invadiram as ruas, quebraram as regras e normas e o povo passou a celebrá-las não apenas como “convidados”, mas como anfitriões. “A religiosidade popular é uma forma para se conhecer a própria cultura, reflete a ação das pessoas, particularmente das camadas populares. Está circunscrita no cotidiano, na repetição, nas contradições, nas permanências e singularidades” (PASSOS, 2014, p. 9).

As festas da religiosidade popular caracterizam-se por ser do povo, para o povo e com o povo, numa estreita relação com as divindades a que suas ofertas, crenças e homenagens se destinam. Representam uma forma de ruptura com as hierarquias dominantes, mas não com a religião, é a expressão mais plural e diversificada do catolicismo oficial instaurada pelos colonos, que permite que o povo se aproxime de suas divindades através de seus rituais, oferendas, por meio do festejar. Como mostra Passos, “o catolicismo popular expressa uma trama ordenada de símbolos, o que faz com que sua prática seja real e possa, ainda, dinamizar a vida de diversas regiões e muitos grupos” (PASSOS, 2014, p. 9). Para Zaluar (1983, p. 13-4), “os devotos dessa religião não a concebem como teoria pura, desligadas das coisas terrenas; o catolicismo popular é uma religião voltada para a vida aqui na Terra, nesse sentido é uma religião prática”.

Para Martins (2013), as festas populares religiosas do Brasil seriam um fenômeno resultante das práticas de relaxamento das tensões sociais provocadas pela ordem instituída. Afirma que:

Pode-se inferir que quanto mais atividades forem realizadas dentro dos templos, ou em seus parâmetros, maior será o controle, mais claramente essas atividades serão consideradas próprias do “sagrado controlado instituído”. Por outro lado, quanto mais se realizam ritos ou folguedos nas ruas, longe dos santuários, mais fora do controle eclesiástico estarão eles. Serão elementos populares que ganharão

essencialmente o rótulo de profanos, com um sentido sagrado atribuído pelo povo (MARTINS, 2013, p. 32).

A expressão da religiosidade pelo povo, transformou-se (de certa forma em oposição ao catolicismo oficial) em catolicismo popular, que ao invés de distanciar, ordenar, hierarquizar, segregar, permitiu uma maior aproximação do povo com o divino, do sagrado com o profano, da objetividade e da subjetividade, dos santos com o povo, esta relação estreita-se a ponto de tornar-se íntima, e neste contexto a festa torna-se mais uma vez importante expressão simbólica adquirindo novos significado e novas funções sociais.

Grande parte das festas populares é realizada no contexto da religião, exprimindo uma concepção do mundo. Entre nós, muitas estão relacionadas ao catolicismo popular ou com religiões afro-brasileiras, como o tambor de mina do Maranhão, que está muito próximo ao catolicismo popular. Geralmente as festas populares são realizadas como forma de pagamento de promessas a santos ou outras entidades. Constatamos, nessas festas, a relação íntima e os limites ambíguos entre devoção e brincadeira, entre sagrado e profano (FERRETI, 2007, p.7).

Com o Catolicismo popular, a separação entre o sagrado e o profano é constantemente colocado em discussão, ocorre que nestas festividades o que separa o profano do religioso são ainda as determinações hierárquicas da Igreja, sendo profano aquilo que não está sob seu controle, desconsiderando as formas de manifestação do catolicismo popular, mesmo este tendo raízes e fundamentos na religiosidade.

Sob novas formas de fazer, como uma maior participação popular, a conquista do espaço (as ruas, as praças, as casas), o excesso, o divertimento exacerbado, a inclusão de alimentos, bebidas, danças e músicas de diversas origens, novos símbolos, ressignificações, entre outros aspectos, o catolicismo e a festa popular trouxeram como consequência novos resultados, considerando que “a cultura popular não é uma série de combinações estáticas, dadas de uma só vez, mas está em constante processo histórico de mudança, adaptações e reinvenção. A ação de recriar é um exercício coletivo” (PASSOS, 2014, p.5).

O desenvolvimento desta prática desde a colonização acarreta implicações e influência nos dias atuais que foram e são essenciais para entender não só a religiosidade como também a cultura e identidade de quem a vive. O catolicismo popular brasileiro é, assim como as festas, algo dinâmico, dispõe de um poder de adaptação e de mudança que garante sua permanência. Para Brandão,



Religião sob o controle de elites civis e eclesiásticas mas inquestionavelmente aberta a todos e não apenas a uma minoria exclusiva de eleitos, o catolicismo brasileiro recriou seus ritos dos festejos de rua, uma espantosa variedade que se presta aos mais variados fins conjugados e quer cobrir justamente a polissemia de atores sociais que se reconhecem pertencentes a ele e multiplicam até hoje festas públicas para atestar justamente isto. E por isso mesmo não é raro que as mesmas missas, cortejos e danças de praça sirvam para louvar um padroeiro comunitário, festejar uma boa colheita, a derrota do inimigo, a súplica pela chuva, a identidade do negro ou do camponês pobre, o aniversário da cidade, a vitória de um time de futebol, o desespero da mãe cujo filho morre aos poucos, a memória de um herói, a lembrança de um acontecimento que merece sua festa. (BRANDÃO, 1989, p. 6).

Analisando as formas contemporâneas dessas manifestações populares, como o Círio de Nazaré, Brandão afirma que por meio destas os grupos reinventam gestos e restauram sua identidade fragmentada, além de dialogar com os valores culturais e religiosos. Para ele

a cultura brasileira, o simbólico, o fantástico e o mítico são respostas diferentes à fixação do real. As manifestações culturais e a vida povo estão ligadas ao desenvolvimento de seu pensamento e de sua capacidade, como também a sua capacidade de se adequar às transformações e aos desafios sociais (PASSOS, 2014, p.8).

Essas práticas sociais festivo-religiosa que permitem a fuga das atividades e regularidades da vida cotidiana, do trabalho, de atitudes, de práticas, permitem também que um sistema simbólico seja criado para e a partir da festa, e é este sistema que admite a introdução de objetos que, se não sagrados, tornam-se sacros através dos rituais, pois festeja-se sempre *algo*, mesmo quando o objeto seja aparentemente irrelevante, a função do símbolo não é apenas significar o objeto, mas celebrá-lo utilizando diversas formas de expressão para fazer aparecer o valor que se atribui a este objeto (AMARAL, 1998).

Sobre o sentido do símbolo, Brandão (1989) o relaciona com os rituais de passagem, cerimônias como: o casamento, o batizado ou a morte. É uma forma de oscilação que acontece entre um sentido universal e a afirmação simbólica do valor individual. Trata-se da reafirmação do papel que é representado pelos participantes no tempo de festa:

E, mesmo a partir do que acontece com a própria pessoa individual, quando ela festeja ou é festejada, que emerge clara a ideia tão antiga e atual de que a festa é uma fala, uma memória e uma mensagem. O lugar simbólico onde cerimonialmente separam-se o que deve ser

esquecido e, por isso mesmo, em silêncio não-festejado, e aquilo que deve ser resgatado da coisa símbolo, posto em evidência de tempos em tempos, comemorado, celebrado. Aqui e ali, por causa dos mais diversos motivos, eis que a cultura de que somos ator-parte interrompe a sequência do correr dos dias da vida cotidiana e demarca os momentos de festejar. (BRANDÃO, 1989, p.02).

Acrescenta,

Eis que os símbolos dos sistemas de festas de que sou parte, ou alvo, aos poucos me ensinam a substituir a pura energia do desejo do prazer ou o temor de seu fim em mim pela serena vontade de conviver em paz comigo mesmo, entre todos, e possuir a compreensão de tudo. Eis que a festa restabelece laços. Sou eu que se festeja, porque eu sou daqueles ou daquilo que me faz a festa. Estou sólida e afetivamente ligado a uma comunidade de eus-outros que cruzam comigo a viagem do peso da vida e da realíssima fantasia exata das festas que nós fazemos, para não esquecer isto. Juntos, diferencialmente irmanados, pedimos à festa a evidência de que tudo isso, que é a vida, e a vida impositivamente social, é suportável e até bom, porque, sendo irrecusável, pode ser até previsível se revivido com afeto e com sentido (BRANDÃO, 1989, p.02).

O símbolo por si só, não informa o tipo de relação com os indivíduos ou a importância que estes lhe atribuem, é através do processo de transformação do objeto e do reconhecimento coletivo, que o símbolo passa a ter significado. “A ideia de ver o deslocamento como mecanismo crítico nas transformações de objetos em símbolos é básica também para entender a natureza do rito” (AMARAL, 1998, p. 51), como no caso de uma árvore que se transforma em mastro para homenagear um santo.

“As festas da cultura popular geralmente são organizadas como forma de reciprocidade, de retribuição ou de agradecimento por uma graça alcançada e que necessita ser retribuída” (FERRETI, 2007, p.8), é o que se verifica de forma explícita nos festejos dos santos padroeiros.

O catolicismo popular no Brasil caracteriza-se como um estilo de vida, pois constitui, de determinada forma, a identidade não só do local mas também dos próprios indivíduos. Agradece-se ao santo padroeiro com festa,<sup>3</sup> com sacrifício, como retribuição pela graça alcançada.

Os santos podiam ser homenageados por meio de novenas, ladainhas, festas ou danças. Quase todos os santos mais poderosos, ou por serem os padroeiros das localidades importantes ou por serem santos de devoção generalizada no meio rural – como o Divino, São Benedito, São João – tinha seu dia de festa (ZALUAR, 1983, p. 58). (...) Nas áreas tradicionais os festejos iniciavam muito antes do dia do santo, com a saída da sua bandeira, em geral acompanhada pela folia para

<sup>3</sup> Sobre festas de santos ver mais em ZALUAR (1982).

percorrer a região recolhendo contribuições. O tempo gasto, o espaço percorrido e a presença ou não da folia, bem como o número de participantes, variavam de acordo com a popularidade do santo ou a importância da localidade que o grupo representava. Após a chegada da bandeira, tinha início a festa propriamente dita, quando de toda área de influência do santo, acorriam pessoas para a cidade ou povoado de onde a bandeira havia saído (ZALUAR, 1983, p. 66).

As festas de santo padroeiro configuram uma das importantes formas de expressão e de vivência do povo brasileiro. A religiosidade, a fé, a devoção tramita entre os limites dos mundos vividos e imaginados criando laços de proteção, confiança e, pela crença dos féis, de reciprocidade.

Um santo só existe pela vontade de seus fiéis e ele é o que a aldeia ou grupo de fiéis quer que ele seja. Este é um princípio importante de seu culto, que tem apenas uma longínqua relação com a mesma personagem da liturgia católica. O santo não é mais do que um nome, uma imagem e uma lenda ou por outras palavras é um símbolo, uma norma, uma conduta ou um modelo onde se refletem os valores sociais (ESPIRÍTO SANTO, 1990, p. 115 apud PEREIRA, 2008, p. 26).

O distanciamento com o catolicismo oficial, não causou a separação com a religião, mesmo com perspectivas e ações diferentes, a Igreja católica influenciou na disseminação e de certa maneira no incentivo no culto aos santos, pois para cada arraial (pequenos povoados organizados pelos colonos em território brasileiro) erguia-se também uma igreja (capelas), e santos como Santo Antônio, São José, São Gonçalo tornavam-se próximos às comunidades e as festividades em homenagem a eles eram usadas pelo clero para manter a fé e a devoção da população (PEREIRA, 2008). O que antes era uma estratégia da Igreja para atrair e manter os fiéis, tornou-se algo muito mais abrangente, repleto de significados a ponto de identificá-lo como parte da identidade histórico-cultural do país.

As festividades de santos configuram um dos maiores movimentos e acontecimentos significativos da cultura brasileira, que se renova e se reintegra à sociedade na medida em que se ressignifica. “Celebrar gratuitamente o santo de devoção ou fazer promessa constitui um dos principais traços da religiosidade popular” (SOUZA, 2011, p.5), certamente é este o tipo de situação que incentiva a permanência destas festividades, ou seja a participação dos indivíduos, nas romarias e procissões, através das promessas, dos cultos, dos rituais, compromissos fixados com o santo não somente dentro do grupo que participa, mas principalmente da relação que o indivíduo constrói particularmente com o santo, denotam a base na qual se firmam e reafirmam seus princípios tendo em vista que “as promessas dos homens aos santos criavam

obrigações rituais entre os homens e reforçava os laços morais entre eles” (ZALUAR, 1983, p. 108).

Esta ligação íntima que o devoto estabelece com o santo, para Souza (2011) está pautada mais precisamente na dimensão sacrificial,

Vivendo em um mundo natural sobre o qual se tem pouco controle, o devoto se orienta pelas relações que estabelece com o sobrenatural. Assim, não apenas os acontecimentos extraordinários são tomados por milagres, mas aquilo que escapa ao seu controle é submetido a uma relação de troca com o santo da sua devoção. Dessa forma, se a devoção é gratuita, a tendência é a exaltação do santo em festa realizada em sua glória. Mas se a lógica da promessa é a realização do sacrifício, a dimensão festiva não se realiza enquanto não se acertam as contas com o santo. E quanto maior a causa maior a dimensão sacrificial. Sacrifício que vale todos os esforços, pois é a contrapartida do devoto ao poder mediador do santo (SOUZA, 2011, p. 5).

Não há como desvincular a noção da retribuição das festas da religiosidade popular, pois os rituais, os sacrifícios, os objetos transformados em sagrados, o grau de proximidade entre as pessoas e entre estas e o santo, os espaços, todos estes elementos interligam os mundos real e sobrenatural, a espiritualidade se exprime por forças reais, a vida espiritual e a vida física se mesclam a ponto de tornarem-se um só, pela prática do rito:

Quando um rito serve apenas para distrair, não é mais um rito. As forças morais que os símbolos religiosos exprimem são forças reais, com as quais devemos contar e das quais não podemos fazer o que nos apraz. Ainda que o culto não vise a produzir efeitos físicos (...) pois é através delas que o grupo se afirma e se mantém ... um rito portanto é diferente de um jogo: é vida séria (DURKHEIM 1996, p. 416 – 417).

Essa vida séria, a qual se refere Durkheim, é permeada nestas ocasiões pela presença da ludicidade, do divertimento, já que a festa é quebra da rotina, do cotidiano, do trabalho, cabe a ela proporcionar o oposto disso, que é um momento de descontração, de alegria, uma válvula de escape. Para Oliveira (1999), a festa popular é uma ocasião especial para a vazão dos sentimentos de fé, além de constituírem momentos de recreação, descontração e principalmente de encontro, percebe-se isto tanto nas comemorações dos centros urbanos quanto do interior, especialmente nos festejos juninos, dedicados a São João, Santo Antônio e São Pedro.

Sobre a devoção e a diversão, Chianca (2007) diz que “o calendário festivo dedicado aos santos é marcado por momentos alternados de devoção e diversão, com predominância circunstancial de um ou outro aspecto conforme o momento histórico e a experiência pessoal de cada ator/situação” (CHIANCA, 2007, p. 51). As festas em homenagem aos santos configuravam algo feito pela comunidade para a comunidade, restringia-se à participação dos moradores locais e/ou localidades e povoados vizinhos. Porém desde a colonização até os dias atuais, as festas populares vêm passando por mudanças que a transformaram, este é inclusive assunto recorrente nas pesquisas e estudos realizados sobre a festa.

Os festejos juninos ou do mês de Junho, em homenagem a Santo Antônio, São Pedro e São João adquiriram cada vez mais popularidade, as danças, as comidas que se tornaram típicas pois grande parte das festas tinha a ver com a produção agrícola, sendo a colheita uma das homenagens e oferta em retribuição ao santo, com músicas e rituais. Alguns deles são:

**Os compadrios de São João ou batismo de fogueira:** Essa forma de parentesco espiritual é muito comum na tradição cristã e se manifesta também no Brasil rural e urbano (...) se utilizavam a estrofe cantada em simultâneo pelos futuros compadres que face a face se davam as mãos direitas para saltarem a fogueira três vezes seguidas alternadamente e repetindo as palavras rituais: “São João disse, São Pedro confirmou/ vamos ser compadres/ que São João mandou. Viva São João, viva São Pedro e viva nós dois, compadre!”. No fim um se encontrava no lugar do outro e se consideravam como “compadres de fogueira”, relação que implica respeito e consideração entre as partes, podendo mesmo incluir algumas obrigações recíprocas no que se refere à ajuda mútua.

**Os Mastros juninos (paus) e as “bandeiras de santo” (estandartes):** Presentes no Brasil nas procissões e festas religiosas desde o século XVI, as bandeiras e estandartes valorizam as imagens dos santos e anunciam também a imagem social da homenagem ali rendida; familiar, profissional, eclesíástica ou corporativa. A sua mobilidade torna as bandeiras de santo muito frequente nas procissões [...] Diferentemente das bandeiras e estandartes, os mastros são fixos e marcam o local onde uma cerimônia se desenrola: diante de residências, praças ou igrejas. Os mastros podem ser erigidos para todos os santos, mas é, sobretudo, nas festas de São João e Santo Antônio que eles são presentes.

**O casamento junino (ou casamento caipira, matuto):** outro ritual bastante comum na festa junina põe em cena um casal de jovens “rurais” – conhecidos como caipiras (ou matutos). Enquanto ritual festivo, esse casamento revela seu mecanismo, consistindo em imitar a Natureza e o Caos social, representado aqui pelas metáforas da gravidez entre indivíduos de diferentes classes sociais ou – quando do mesmo nível hierárquico – pela desregulação das leis sociais e católicas dominantes, preconizando o casamento de uma noiva virgem com a reprovação prévia de ambas as partes e suas famílias. O

casamento recupera a ordem social e restabelece através da celebração religiosa e civil de duas pessoas.

**A promessa ao santo:** o princípio de uma promessa exige do fiel um pagamento, manifestando um sacrifício pessoal que pode ser financeiro, mas que deve implicar em investimentos extraordinários para aquele que executa. Quando o dinheiro não está diretamente envolvido nessa troca, temos o corpo-domínio no qual se impõem penas e dores (CHIANCA, 2007, p. 64-71. Grifos meus).

Houve investimentos financeiros latentes para a realização e sobretudo ampliação dos festejos, tornando-se hoje um dos principais e maiores eventos da região Nordeste. As festas de mastro e os festivais de Quadrilha junina são as manifestações que mais atraindo investimentos econômico-político, a festa tornou-se também mercadológica.

As festas de mastro são comuns no catolicismo popular. Para autores como Cascudo (1988) os mastros estão relacionados à fecundação vegetal, visto que parte dos festejos acontecem no período de produção agrícola e colheita (milho, arroz, feijão, etc.). Os mastros têm como função também informar, é utilizado para sinalizar que aquela comunidade está em festa em homenagem ao santo padroeiro local, identificado pela bandeira hasteada com a figura do santo. Nos festejos juninos, por exemplo, é comum encontrar mastros com a bandeira de São João, São Pedro e Santo Antônio.

De tradição portuguesa, os mastros são símbolos constantemente ressignificados durante a festa, deixa de ser apenas um tronco de árvore e adquire significado simbólico em honra ao santo ofertado. Além de outras significações, trata-se de uma forma de mediação ou representação da crença e devoção entre o povo e o santo. Diferenciam-se pelos momentos de escolha, preparação, carregamento e hasteamento. A madeira tem de ser de boa qualidade, de tamanho adequado, já que servirá para sinalizar, deve ser alto, em outras interpretações diz-se que quanto mais próximo ao céu mais bênçãos e proteções serão recebidas e, outro destaque é para o transporte ou carregamento que é também feito de maneira diferenciada.

A importância das festas com mastros comprova-se pelo número de cidades que a praticam em diversas regiões do país. Na cidade de Penha em Santa Catarina, as comemorações são em homenagem a São Sebastião, o mastro é enfeitado com arranjos de folhas e flores. Em Capela no Estado de Sergipe, o mastro que será erguido no dia de São Pedro, é enfeitado e a noite é feita uma grande fogueira em torno dele, o objetivo é conseguir pegar os brindes quando o pau cair no chão, esta tradição acontece há quase

oito décadas na cidade. Olivença em Ilhéus (BA) festeja São Sebastião, a festa representa a espiritualidade e religiosidade do povo caboclo.

Alba Zaluar refere-se às transformações pelas quais as festividades vêm passando, destacando o que a festa era (na vida rural, no campesinato do Brasil) em comparação ao que é hoje, considerando o sistema capitalista que permeia e regula as relações sociais da vida comum, e, portanto, da produção tanto material, quanto simbólica. As mudanças que se tornaram rotineiras nas festas no sentido simbólico de ressignificá-las, de fazê-las continuadas, incluíram-nas também na lógica de ser um produto.

Esta tornou-se uma questão importante para os estudiosos e pesquisadores da festa, da religiosidade e da cultura popular de modo geral. Não se pode negar, que espetacularização da festa levam a dois caminhos: um refere-se à dualidade entre o “tradicional” e o “moderno”, com a introdução de novos elementos e novas formas de realização e participação nos ritos, considerando as novas gerações; há uma certa *descontinuidade* com alguns elementos à medida que há também, pela inserção dessas novas práticas, elementos que possibilitam sua permanência. Por outro lado, os investimentos econômicos, políticos, o incentivo ao turismo religioso, acarreta não só à festa, mas ao lugar uma maior visibilidade e conseqüentemente maior desenvolvimento econômico. Não se trata de investimentos irrisórios e de produções “sutis”, trata-se de produções de festas grandiosas, a ponto de mobilizar as diversas regiões são realizadas, como por exemplo, a região Nordeste, numa espécie de “disputa” acirrada, exemplo disso é a disputa travada em torno do “Maior São João” do mundo, protagonizada pelas cidades de Campina Grande (Paraíba) e Caruaru (Pernambuco).

A espetacularização é um fato, e sobre este termo, entendemos a festa transformada em produto, com investimentos financeiros com fim de agregar preços e não valores, a festa que é vendida e comprada. Bem como as mudanças as quais viemos nos referindo, esta vertente não pode deixar de ser considerada, logo adaptar-se a este processo que se torna cada vez mais contundente. O que resultará ou quais serão as conseqüências que a longo prazo irá apresentar são questionamentos que nos permitem agora criar apenas suposições e hipóteses. Nos capítulos que seguem será apresentada a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio, bem como seus desdobramentos incluindo as transformações pelas quais passou a partir também deste processo de espetacularização, culminando na inovação, reutilização e ressignificações dos espaços e das ações dos seus agentes.

## CAPÍTULO II - FESTA (DO PAU DA BANDEIRA) DE SANTO ANTÔNIO

Neste capítulo, falarei da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio ou Festa de Santo Antônio que no Cariri representa a abertura do circuito de festividades juninas. Estas festividades, importantes no Nordeste, além de Santo Antônio, comemorado no dia 13, dedicam-se a São João, São Pedro, São Gonçalo e São Marçal.<sup>4</sup>

Se São João, de maneira geral, é o santo mais importante dos festejos juninos, em Barbalha, Santo Antônio o ultrapassa em prestígio e expectativa. Isso se deve à “tradição” da sua festa, elemento há muito associado à identidade do barbalhense. Aqui, o santo constituiu-se naquilo que Chauí (2000) denomina semióforo, e a festa tornou-se um momento importante do complexo de significados que ele proporciona.

A partir da história e etnografia apresentarei elementos da festa. A expectativa gerada pelo *tempo da festa*, os seus momentos principais como “rituais”, a estruturação espacial, o ritual do pau da bandeira – momento mais importante, a ponto de dar nome à festa, ou a se constituir “uma festa dentro da festa” (Martins, 2013, p. 31) –, a procissão do santo, os elementos “profanos” e técnicos/logísticos. Outro aspecto a ser destacado é a relação entre a festa e a política local mediante o interesse da administração pública na organização e promoção do evento – uma confluência que se iniciou na década de 1970, precisamente no ano 1973, em plena Ditadura Militar, no Governo Municipal de Fabriano Livônio Sampaio – e a reação das pessoas diante do entrecruzamento do político/econômico/turístico com o festivo religioso.

---

<sup>4</sup> Composto os festejos juninos, as festas de São João, santo comemorado no dia 24, são as mais conhecidas e divulgadas. Contudo, a ênfase em determinado santo varia conforme a região. Por exemplo, em São Luís, São Marçal é comemorado no dia 30 de junho, com festa o dia inteiro, mobilizando a cidade a partir do encontro de grupos de bumba-meu-boi no bairro do João Paulo. Menos conhecido, São Gonçalo também é comemorado na primeira semana do mês de junho. Em Sergipe, as comemorações concentram-se em homenagem a São Pedro, santo junino comemorado no dia 29, com a tradicional Festa do Barco de Fogo na cidade de Estância, bem como a Festa do Mastro na cidade de Capela, e também pelas festas de forró, em Nossa Senhora do Socorro com o Forró Siri e o Forró Caju, realizado na capital comemorando o São João. No Estado da Paraíba, comemora-se o mês junino com as festas de São Pedro na cidade de Belém e a festa conhecida como “o maior São João do mundo” em Campina Grande. Esta que disputa acirradamente com o São João de Caruaru em Pernambuco, em Recife e Gravatá. Na Bahia destaca-se a festa junina de São Gonçalo dos Campos e na capital Salvador.



## 2.1 O “Tempo da Festa”

A Festa de Santo Antônio é uma das inúmeras festas da religiosidade popular brasileira denominadas “festas de padroeiro”. São festas comemoradas em todo o Brasil, onde a religiosidade católica e suas manifestações reforçam as estruturas das relações sociais a ponto de se constituírem fato social total.

Os exemplos se multiplicam. Dificilmente uma cidade brasileira não possui um santo padroeiro ao qual se dedica uma festividade específica em seu louvor. Um “tempo de festa” emerge todo ano, criando parênteses no ritmo ordinário da vida para celebrar algo. A sociedade entra num estado de efervescência coletiva, como pensou Durkheim (1996), reforçando valores, o sentimento de pertença e modulando também seus próprios conflitos, pois a festa no geral, e a religiosa em particular, não é apenas o tempo do consenso, da celebração do “estar juntos”, mas também das contradições, das articulações de poder e da reafirmação das hierarquias sociais.<sup>5</sup> Não se trata simplesmente do tempo da inversão como diz DaMatta a respeito do carnaval, mas também não chega a ser o seu oposto, mero “ritual de reforço” como propõe este autor (DaMatta, 1997a, 1997b) para as chamadas festas da ordem. O formato das festas de padroeiros, pelo que tenho observado, ao conjugarem aspectos profanos e religiosos ao mesmo tempo, coloca-se em algum lugar, para se aproveitar a linguagem dual de DaMatta, entre a “festa da desordem” e a “festa da ordem”, ou entre os “ritos de inversão” e os “ritos de reforço”.

Em Barbalha, os festejos de Santo Antônio praticamente surgem concomitantemente com o primeiro assentamento populacional do qual derivou a cidade. Em torno de uma pequena capela dedicada a Santo Antônio de Pádua, a cidade cresceu e se desenvolveu como conta a poetiza barbalhense, Terezinha Couto Duarte: “Santo Antônio de Pádua, padroeiro de Barbalha, nós te saudamos, como cidadão imortal desta comunidade que viste florescer e progredir em torno de tua capela – hoje transformada em magnífico templo.” (DUARTE, 1979, p. 109-110).

---

<sup>5</sup> Pires (2013), ao realizar uma etnografia da festa na cidade de Catingueira, na Paraíba, ao descrever seus aspectos constituintes, mostra-nos não apenas um lugar de convivência desinteressada, mas formas de contradições, conflitos e hierarquias que lhe são inerentes.

Paz e Silva (2013) também enfatizam as tensões e conflitos presentes nos bastidores da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio em Barbalha, assim como Araújo (2013). Ainda nesta perspectiva, é pertinente o texto de Albuquerque Júnior (2011).

O Município de Barbalha está localizada ao sul do Estado do Ceará, a 560km da capital Fortaleza. Beirando o poetismo, Cariry a apresenta como uma “cidade encravada no Vale do Salamanca, circundada pelas florestas das encostas do Araripe e pelos Verdes Canaviais. No verde dos canaviais Barbalha cintila como uma pérola. A pérola do Cariri” (CARIRY, 2013, p. 81).



(Foto 1: Imagem panorâmica da entrada de Barbalha – CE. Fonte: Blog do Crato: blogdocrato.blogspot.com.br)

Juntamente com outros municípios: Juazeiro do Norte, Crato, Jardim, Missão Velha, Caririaçu, Farias Brito, Nova Olinda e Santana do Cariri formam o que hoje é considerada a Região Metropolitana do Cariri (RMC), pela Lei Complementar Nº 78 de 26 de Junho de 2009.<sup>6</sup> O clima da região é bastante peculiar devido à localização, à margem da Chapada do Araripe, onde se viabilizam “temperaturas amenas, chuvas estáveis, permeabilidade do solo e acumulação de água subterrânea, ocasionando irrigação por meio de fontes perenes que brotam das nascentes nas encostas da chapada, além de vales úmidos, solos férteis e um ambiente florestal privilegiado” (ALEXANDRE et al, 2013, p. 51). Esta característica permitiu que, de uma cultura do gado realizada nos primeiros anos de povoamento pelo colonizador, Barbalha se transformasse em polo de produção agrícola, especialmente da cana-de-açúcar, atividade que persiste até os dias atuais, dando à cidade o epíteto de Cidade dos Verdes Canaviais. A “cultura” da cana-de-açúcar, ao lado da cultura religiosa católica, especialmente o catolicismo popular, foram os pilares que sustentaram a formação e o desenvolvimento da Região. Desta forma, Barbalha não foge à regra que presidiu a

---

<sup>6</sup> Ver em Diário Oficial do Estado (<http://imagens.seplag.ce.gov.br/PDF/20090703/do20090703p01.pdf>)

colonização portuguesa do Brasil, com suas sociabilidades agrário-escravocrata e híbrida como sugeriu Gilberto Freyre.



(Foto 2: Localização da Região Metropolitana do Cariri (RMC). FONTE: Inventário ambiental de Fortaleza: [inventarioambientalfortaleza.blogspot.com.br](http://inventarioambientalfortaleza.blogspot.com.br)).

A região do Cariri, além dos aspectos econômico, agrícola, geográfico, climático mencionados, apresenta uma vitalidade cultural, sobretudo, relacionada à religiosidade popular. As festividades voltadas aos santos católicos fazem parte da história das cidades do Cariri. Cada uma delas celebra festa de seu santo padroeiro – muitas com levantamento de mastro<sup>7</sup>, embora não tenham a mesma força que ganhou em Barbalha. Vale destacar também que até hoje, as festas de padroeiros não são celebradas apenas na cidade ou vila, cada sítio ou localidade, possui seu próprio santo de devoção e proteção a quem se dedica festa com levantamento de mastro. A devoção ao santo remonta ao ano de 1778 quando fora solicitada ao senhor Francisco Magalhães Barreto e Sá a construção da capela ao santo, ponto de partida para o crescimento e desenvolvimento da cidade de Barbalha. Mas apenas em meados de 1853 ouviu-se falar em pau da bandeira em Barbalha. Uma das versões de origem de tal feito (CARIRY, 2013), é que supostamente Padre Ibiapina em suas peregrinações evangelizadoras e de ação social pela região em meados do século XIX (por volta de 1853 a 1860), tenha recomendado

<sup>7</sup> Festa de São Sebastião em Nova Olinda; Festa de Nossa Senhora Santana em Santana do Cariri; Festa de Santo Antônio em Araripe; Festa de São José em Missão Velha, entre outros. Em algumas cidades da redondeza, como: Brejo Santo (Sagrado Coração de Jesus) e Milagres (Nossa Senhora dos Milagres) por exemplo, as festas de padroeiros são comemoradas não com o levantamento de mastro, mas com vaquejadas; ou ainda em Jardim (Santo Antônio) que mantém a tradicional Festa dos Caretas.

ao povo que hasteasse um mastro com a bandeira do santo em homenagem ao padroeiro local.

O mastro passou a ser hasteado em frente à Igreja Matriz de Santo Antônio para que o mesmo servisse como forma de anúncio aos cidadãos barbalhenses e aos viajantes que passavam pela cidade, sobre as comemorações que se realizavam em homenagem ao santo padroeiro. Em 1928 (SOUZA, 2003), o Padre José Correia de Lima, vigário de Barbalha, motivado pelo costume do hasteamento da bandeira nas festas juninas, nas renovações e nas festas dos santos, resolveu instituir de forma solene o ritual do carregamento do mastro na Festa de Santo Antônio.



(Foto 3: O pau da bandeira hasteado defronte à Igreja Matriz de Santo Antônio; a foto não apresenta datação. FONTE: Acervo IPHAN- CE, acesso na página do site “Barbalha Terra de Santo Antônio”<sup>8</sup>)

Nem só por festas de oragos a região tornou-se conhecida. As romarias são outra manifestação bastante concorrida. Juazeiro do Norte, cidade vizinha a Barbalha, é nacionalmente conhecida como terra de Padre Cícero,<sup>9</sup> para onde milhares de romeiros se deslocam anualmente:

<sup>8</sup> A página *Barbalha Terra de Santo Antônio* está disponível no Facebook, a página apresenta Barbalha contando sua história através de fotografia, imagens, reportagens, entrevistas que homenageiam tanto a cidade quanto alguns moradores locais. O acesso é livre e está disponível para a reprodução de imagens e publicações. Há historiadores, jornalistas, professores, radialistas, que junto com um grupo de outras pessoas, alimentam a página de maneira séria e competente levando informações para aqueles que a buscam numa das formas que hoje é a uma das mais utilizadas, que é a internet através das redes sociais, por exemplo, bem como blogs, que também está sendo utilizados nas imagens e em algumas informações.

<sup>9</sup> Outra figura importante na região foi a do Beato Zé Lourenço, líder carismático religioso da comunidade milenarista do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto, localizada no Crato durante a década de 1920.

Outro elemento importantíssimo na constituição da população e da cultura caririense ocorreu entre fins do século XIX e início do XX, quando o fenômeno Padre Cícero Romão Batista do Juazeiro foi historicamente construído pela fé do povo sertanejo e por sua esperança em obter uma vida de melhoria espiritual e social na terra da Mãe de Deus. Os romeiros foram fundamentais na história da região, que até hoje recebe anualmente milhões destes, especialmente no período das grandes romarias de Juazeiro do Norte (Nossa Senhora das Candeias, em fevereiro, Nossa Senhora das Dores, em setembro, e Finados, em novembro). Não há como entender a historicidade do Cariri, sem se referir às contribuições dos romeiros de *Padim Ciço*, com sua memória, oralidade, saberes e práticas culturais que enriquecem o catolicismo popular e o cotidiano do sul do Ceará (ALEXANDRE et al, 2013, p. 56 – grifos do original).

Analisando a festa como linguagem (DaMatta, 1978; Brandão, 1973, 1985 e outros), podemos ver que seus elementos, conforme Amaral (2000), do mesmo modo que os termos do parentesco, são elementos de significação e, como eles, só podem ser compreendidos a partir de um sistema englobante. É um sistema que envolve política, religião, economia, cultura popular, os atores efetivos e sua capacidade de criatividade, e a própria natureza. Cada elemento é um “nó” que ao ser “levantado”, traz para o *setting* de investigação todos os outros formando uma rede de derivações. Segundo Alexandre e colaboradores (2013), a festa de Santo Antônio é um fenômeno rico em detalhes, integrando história, cultura e meio ambiente, o que a torna digna de reconhecimento como Patrimônio Cultural Imaterial. Ao elaborarem inventário exigido pelo IPHAN como parte do processo de reconhecimento<sup>10</sup>, os autores nos dão uma boa visão da festa a partir de alguns “bens associados”:

**Celebrações** (Corte do Pau da Bandeira, Benção da Bandeira, Carregamento e Hasteamento do Pau da Bandeira, Desfile dos Grupos de Folguedos, Trezena de Santo Antônio, Procissão de Santo Antônio), **Formas de Expressão** (Bandas Cabaçais, Capoeira, Dança da Maresia, Dança de São Gonçalo, Dança do Capim da Lagoa, Dança do Coco, Dança do Maneiro Pau, Dança do Milho, Dança do Pau de Fitas, Lapinhas, Incelências, Penitentes, Quadrilhas, Reisado do Congo e Reisado de Couro), **Ofícios** (Carregador da Bandeira, Carroça da Cachaça, Comida dos Carregadores, Confecção da Bandeira, Confecção das Máscaras do Reisado, Confecção dos Objetos Rituais dos Penitentes, Cortadores do Pau, Fabricação do Guincho, Ornamento do Carro Andor e Fabricação de Tesouras), **Lugares** (Barbalha, Bairro Bela Vista, Sítio Flores, Praça da Matriz,

<sup>10</sup> O inventário sobre a festa concluído em 2011, enviada ao Departamento de Patrimônio Imaterial (DPI), órgão vinculado ao IPHAN, pela Superintendência do IPHAN no Ceará, sob a coordenação da professora e antropóloga Renata Marinho Paz e sua equipe, que faziam mapeamentos e pesquisas sobre a festa desde 2002. O processo de registro se encontra em fase de conclusão, desde a entrega da documentação a administração pública da cidade de Barbalha solicita junto ao IPHAN agilidade no processo de registro.

Rua da Matriz, Rua do Vidéo e Sítio Joaquim) e Edificações (Biblioteca Municipal, Casa de Câmara e Cadeia, Casarão Hotel, Centro de Hipertensão e Diabetes, Chalé das Freiras, Cineteatro, Igreja do Rosário, Igreja Matriz de Santo Antônio e Palacete Alencar) (ALEXANDRE et al, 2013, p. 50 – grifos em negrito são meus).

Considerar a festa como um sistema de significados, leva-me a pensá-la, como faz Van der Port (2012, p. 135) a propósito do candomblé da Bahia, como um “importante ‘banco de símbolos’ que entra em relações de troca com circuitos cada vez mais amplos da ‘economia de representação’.

Parafraseando este autor, vejo que essas relações de troca entre a festa de Santo Antônio e “os mundos da literatura, das artes, do entretenimento, da ciência e da política” etc. podem ser rastreadas até a época em que ela passou a desempenhar um papel cada vez mais importante como um marcador da identidade barbalhense. É verdade que o que serviu para o candomblé, em extensão e profundidade, não se aplica mecanicamente à festa de Santo Antônio de Barbalha, mas certamente conservam-se semelhanças quanto ao processo de trocas e circularidades de símbolos, um fluxo constante que revela as formas de apropriação e ressignificação dos elementos por parte dos indivíduos e das instituições na construção das relações que fazem com que a festa seja não somente resultado dessa interação, mas também um meio que lhe possibilita funcionar como fato social total (PAZ e SILVA, 2013, p. 159).

A princípio, trata-se de uma festa religiosa, sendo a Igreja a principal patrocinadora já que o motivo é religioso, centrado na figura de Santo Antônio. Mas por outro lado, a parte profana é também de grande importância. São duas faces que se comunicam e se complementam. Sobre isso Amaral explica que:

As festas parecem oscilar mesmo entre dois polos: a cerimônia (como forma exterior regular de um culto) e a festividade (como demonstração de regozijo e alegria). Elas podem se distinguir dos ritos cotidianos por sua amplitude e do mero divertimento pela densidade. Na verdade os dois elementos tem afinidades. Durkheim já observava o aspecto recreativo da religião e a cerimônia religiosa é, em parte, um espetáculo (representação dramática, no caso de um mito ou aspecto dele ou de um evento histórico). Este caráter misto poderia ser tomado como um primeiro termo de definição da festa, pois ele parece ser fundamentalmente ambiguidade: refere-se a um objeto sagrado ou sacralizado e tem necessidade de comportamentos profanos. Toda festa ultrapassa o tempo cotidiano, ainda que seja para desenrolar-se numa pura sucessão e instantes, de que o “happening” constitui o caso limite. Toda festa acontece de modo extra-cotidiano, mas precisa selecionar elementos característicos da vida cotidiana. Toda festa é ritualizada nos imperativos que permitem identifica-la, mas ultrapassa

o rito por meio de intervenções nos elementos livres (AMARAL, 1998a, p. 17).

Do lado religioso, tem-se a procissão, a quermesse, trezena e saudação ao santo padroeiro, bem como o **“hasteamento da Bandeira de Santo Antônio”**. Do lado dos festejos sociais tem-se o **“carregamento do pau da bandeira”**, juntamente com as “barracas com bebidas e comidas típicas, leilões, shows artísticos etc.”. Então, o hasteamento da bandeira – o que implica o levantamento do mastro – é tido como religioso, e o carregamento do pau é lido como social/profano. Considerando que o contato se dá na mesma substância (elemento concreto: árvore, “pau”, mastro), a separação entre as duas dimensões dificilmente se fará nitidamente; sempre haverá equivalências, tal como prova o fato de que a Festa de Santo Antônio passou a ser traduzida como a Festa do Pau da Bandeira.

O que se vê como uma grande comunhão entre esses dois espaços, decorre de um histórico de conflitos e desavenças, o pau da bandeira ao passo que une estes dois momentos, também os separa. Une no sentido de representar, como vem sendo feito desde as origens da festa, como forma de anúncio do início de festejo em homenagem ao santo, e separa quando a tomada popular da festa ultrapassa esse limite do que a igreja considera religioso, abrindo espaço para dentre outros aspectos, a espetacularização do festejo. O ritual do pau da bandeira (corte, carregamento e levantamento) contava apenas com moradores locais, mas a partir da década de 1970, a política local percebeu a festa como um grande potencial mercadológico e lucrativo, surgiu, então, outro formato para a festa. Inicia-se a estreita relação com a política, que de modos diferentes, ocorre até hoje, fato que será discutido em páginas posteriores. Sobre a mudança e nova concepção da festa, Cariry (2013) diz:

Tudo nesta festa muda, com grande velocidade, no bojo das grandes transformações econômicas, sociais e culturais pelas quais a região passa. No entanto, as mudanças que impulsionaram a transformação da Festa do Pau da Bandeira não são tão antigas como parecem e estão registradas nos anais históricos da década de 1970. A pequena festa religiosa de antigamente se tornou na grande festa turística de hoje, a partir de uma intervenção bem calculada e positiva do poder público e de muitas lideranças da cidade de Barbalha. Se a tradição aqui não foi inventada, podemos dizer que foi reinventada e potencializada como evento de grande envergadura, com apelo turístico e alcance midiático, tendendo a uma visão moderna da cultura como capital simbólico e do turismo como propulsor do desenvolvimento (CARIRY, 2013, p. 110).

Ainda segundo este autor, o objetivo do então prefeito da cidade Dr. Fabiano Livônio Sampaio (gestão 1974 – 1977), era promover a ampliação dos espaços para as manifestações culturais locais, dando-lhe maior visibilidade. À esta ação da Prefeitura, envolveram-se algumas instituições como o Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização), paróquia, comércio local, e pessoas como o historiador e radialista João Hilário, D. Celene Queiroz, entre outros.

De fato, a iniciativa do prefeito alcançou seu objetivo, a festa do pau da bandeira desde então tornou-se cada vez mais conhecida, bem como os grupos de manifestação popular local, muitos dos quais desconhecidos pelos próprios barbalhenses e que passaram a ter visibilidade com sua inserção durante o festejo. O destaque maior foi dado ao “pau da bandeira”, que se tornou um elemento de destaque. Os rituais a ele relacionados ganharam tamanha proporção dentro da festa a ponto de torná-lo sinônimo dela. É hoje um dos seus principais símbolos, o mais aguardado do festejo, é também o elemento de conjugação dos dois momentos da festa: o religioso e o profano. Talvez dessa sua capacidade tenha extraído a maior parte da força que lhe proporcionou certa autonomia, levando-o a se tornar uma “festa dentro da festa”.

Se há algo que caracteriza a festa, é seu caráter extraordinário, que não necessariamente começa no primeiro dia de festa. O tempo de festa ao qual nos referimos antecipa-se à abertura oficial da festa, e além do mais, não se trata de tempo cronológico, organizador da vida social como um todo, diz respeito a uma experiência de tempo (temporalidade) vivenciada particular ou coletivamente em grupos específicos, embora toda a coletividade acabe sendo afetada por ela.<sup>11</sup> Falar, pois, sobre este tempo, é considerar a existência de outra temporalidade: ordinária, que permeia a rotina cotidiana do “dia-a-dia” ou “vida” (DAMATTA, 1997a). Os eventos situados fora dessa rotina, como nas festas, têm caráter aglutinador das pessoas, grupos e categorias sociais. São eventos *extraordinários* construídos pela e para a sociedade, marcados pela espontaneidade e descentralização, sendo mais individualizados e como propriedade de todos.

A festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio, acontece entre o último domingo do mês de Maio ou primeiro domingo de Junho e estende-se ao dia treze de Junho, dia do santo padroeiro. Porém a vivência e experimentação do *tempo de festa* já acontece

---

<sup>11</sup> Por exemplo: o motivo da festa é católico, mas seus efeitos não se restringem apenas aos católicos. Outras denominações religiosas, de uma forma ou de outra se veem afetadas pelo “tempo da festa”.



desde meses antes desta datação. Para constatar tal afirmativa, analisaremos o tempo da festa sob três momentos: a expectativa, a preparação e a realização.



(Foto 4: O momento do corte do Pau da Bandeira. FONTE: madsonvagner.blogspot.com.br.

Ano: 2014)

O aspecto extraordinário da festa gera uma espécie de expectativa caracterizada pela preparação dos ânimos e do cenário (envolvendo elementos climáticos, espaciais etc.), mudança de comportamento das pessoas, articulações e relações envolvidas para que o evento aconteça, enfim um conjunto de fatores que mostram e caracterizam a chegada do *tempo da festa* como “passagem de um domínio a outro [...] marcada por modificações no comportamento e, tais mudanças criam as condições para que eles [eventos extraordinários] sejam percebidos como especiais” (DAMATTA, 1997a, p. 49). Essa mesma expectativa “torna-se o centro de convívio social, ocasião da qual ao seu modo, cada um participa” (SILVA, 2013, p. 215).

Araújo (1994), durante sua pesquisa sobre a festa em questão, traz-nos de maneira quase poética a descrição da expectativa a qual nos referimos, mostrada a partir de diversas perspectivas dos feitos de alguns grupos, que segundo ele, baseia-se na “naturalidade e mistérios” de suas ações:

A naturalidade e o mistério destas horas de vésperas têm origens celulares, nos microcosmos da grande manifestação de inteireza e fragmentação. Em todas as partículas vitais da sociedade os protagonistas do espetáculo cuidam de suas existências comuns na simultaneidade que preparam em si mesmos o maravilhoso da Festa. Os carregadores do Pau, em seus locais de trabalho, de moradia e nos

demais limites tangíveis e não tangíveis de suas existências, já elaboram expectativas e emoções; em grupos de amigos tensionam músculos, corações e mentes. Os responsáveis e os componentes de reisados, pastoris, penitentes, quadrilhas, bacamarteiros e demais grupos de brincantes, que desfilarão na manhã de domingo e farão apresentações no Parque da Cidade, providenciam para que indumentárias, adereços e instrumentos estejam em perfeitas condições. Aqueles que constituirão a multidão que vai emoldurar o movimento – sem perceber que ela própria é uma parte indispensável do espetáculo –, seja comparecendo à missa de abertura, seguindo o cortejo matinal dos grupos —folclóricos, indo ao Parque para assistir aos shows, aguardando para ver e acompanhar o cortejo vespertino do Pau, também eles cuidam de suas roupas, dos acertos com os amigos, das expectativas e dos desejos interiores. Enfim de tudo aquilo que os transforma em participantes do teatro re-fundante. Os organizadores tomam as devidas providências, para que tudo funcione como desejado. O que se traduz por um febril movimento de entra e sai, de ordens e contra-ordens, de tarefas em andamento nos locais onde ficam os centros de controle e decisão institucionalizados. Sem esquecer que, em outros locais, próximos ou distantes, no mesmo município ou territórios afastados, centenas de pessoas também se preparam para as festividades (ARAÚJO, 1994, p. 27).

*Os ventos frios*<sup>12</sup> que vêm da Chapada do Araripe, típicos do final do mês de Maio e começo de Junho servem para anunciar a aproximação do tempo da festa. Com sua chegada, pelas ruas se ouve frequentemente a expressão: *Óh, o ventim da festa! Olha o vento de Tôin! Tá já chegando a festa, ó o frio já!*

Um repertório musical temático também se antecipa para compor este momento marcado pela expectativa, pela preparação. Além das muitas produções musicais locais, há duas que são marcantes nesse período. A mais conhecida delas é *Festa de Santo Antônio*, interpretada por Luiz Gonzaga com letra de Alcymar Monteiro e João Paulo Jr. Diz a letra:

(Atenção senhores protestantes, Barbalha de Santo Antônio já se acha evangelizada)<sup>13</sup>

A festa de Santo Antônio  
Em Barbalha é de primeira  
A cidade toda corre  
Prá ver o pau da bandeira

<sup>12</sup> O clima da região é marcado por basicamente dois períodos, um de seca e um de chuva, o primeiro período corresponde aos meses de julho a dezembro, o segundo vai de janeiro a junho.

<sup>13</sup> Não consta na letra original da música a frase destacada, apenas na versão cantada. Ver em: <http://letras.mus.br/luiz-gonzaga/1561361/>

Olha quanta alegria, que beleza  
 A multidão faz fileira, hoje é dia  
 Vamos buscar o pau da bandeira  
 Homem menino e mulher  
 Todo mundo vai a pé

A cachaça na carroça  
 Só num bebe quem num quer

Só se houve o comentário  
 Lá na igreja do Rosário  
 Que a moça pra ser feliz  
 Reza-se lá na matriz:  
 “Meu Santo Antônio casamenteiro,  
 Meu padroeiro, esperei o ano inteiro.”  
 (Alexandre et al, 2013, p. 45)

Além desta, a música *Verdes Canaviais* (*Linda Barbalha*), escrita e interpretada por Alcymar Monteiro, faz-se ouvir repetidamente pelas ruas em carros de som, bares, nas casas, toques de celular etc.:

Seus olhos verdes são lindos canaviais.  
 Os seus cabelos são pendões de coqueirais.  
 As Chaminés dos seus engenhos são reais.  
 O seu perfume é gostoso demais.  
 Cheiro de mel que o vento traz.  
 Cheiro de mel que o vento traz.

Cana Kaiana lá do vale da colina,  
 É triturada na moenda da usina.  
 Como o pulsar do teu coração menina,  
 De corpo nu cada vez sempre mais linda.  
 Desse riacho quero beber!  
 Nas suas curvas vou me perder!  
 Nas suas curvas vou me perder!

êêêê...

Menina moça linda Barbalha!  
 Lábios de açúcar beijos de mel!  
 Água corrente cristalino véu!  
 Caldas do tempo pedaço do céu!  
 Caldas do tempo pedaço do céu!

Clarão de lua, orvalho e neblina!  
 Fruto da terra, fulôr divina.  
 De renda ou chita você me fascina!  
 Fonte da vida mãe da minha sina.  
 Fonte da vida mãe da minha sina.<sup>14</sup>

Estas duas músicas tornaram-se hinos da festa. Ambientam sonoramente a sua atmosfera e se são fontes de entretenimento, são também motivos de sociabilidade entre os barbalhenses. Não raro, ouve-se estas músicas como toque de chamadas dos telefones celulares. O porquê da música como toque do celular, surge em respostas do tipo: *É a cara da festa essa música; Só lembra a festa de Santo Antônio; Quando toca essa música a gente já fica mais ansioso esperando pela festa; Já é pra ir entrando no clima.*

Assim como a música, outros elementos servem de motivos para gerar expectativa e alimentar as relações entre as pessoas. A compra da *roupa da festa*, por exemplo. De um modo geral, envolve homens e mulheres, de todas as faixas etárias, mas o destaque dá-se ao *short do dia do pau*, voltado ao público feminino, que antes do domingo de abertura da festa, já se encontra absorvido completamente pelo consumo. Fato que movimenta consideravelmente o comércio local, e também a cidade vizinha (Juazeiro do Norte- CE), esta, por oferecer maior variedade de preços e opções. Uma das entrevistadas disse-me que, “dentre as roupas que tinha comprado para a filha de dez meses de idade, reservaria um *short* novo para ser vestido apenas no dia do pau da bandeira”.

A festa enquanto representação possibilita que sejam sanados desejos, vontades que na ordem da vida comum não o são. Mas não se trata apenas de exibicionismo, refere-se a algo mais profundo, ou seja, o sentimento de participação coletiva, levando à identificação com os demais, porém sem perder o caráter individual. Situação que nos remete ao que disse Simmel sobre a moda: como forma de sociação, ela une e separa as pessoas ao mesmo tempo (SIMMEL, 2008).

O sentimento das pessoas, em relação à situação, pode ser apreendido em expressões como estas: *Se todo mundo compra o short eu não posso deixar de comprar; Minhas amigas todas vão de short novo, e eu vou com short velho? Não, tenho que*

---

<sup>14</sup> Fonte: <http://letras.mus.br/alcymar-monteiro/1673614/>

*comprar também.* Se até a “cidade veste seu melhor vestido, estampado de folclore e sai às ruas” (SILVA, 2013) o povo assim também o faz.<sup>15</sup>

Nesse clima, a cidade começa a se preparar, recebendo cuidados especiais para tornar-se esteticamente adequada ao tempo da festa. As guias das calçadas são pintadas de branco, os muros da cidade ganham cor, as árvores são podadas, as praças são reformadas, o pau da bandeira do ano anterior é retirado da frente da Igreja Matriz, a madeira é reutilizada e a bandeira guardada onde foi confeccionada, as ruas são limpas; durante o dia, bandas cabaçais perambulam pelas ruas tocando zabumba, triângulo e flauta, disputando com os carros de som que tocam as músicas mencionadas anteriormente. Uma rádio (Rádio de J. Livino), localizada no Centro da cidade, que durante o resto do ano dedica-se a anunciar óbitos e outras notícias relacionadas a falecimentos, no período da festa também veicula as músicas tema da festa, mostrando com isso que assim como a morte, a festa também é algo extraordinário, uma mudança na rotina. O vento frio, as músicas, os *shorts*, a ornamentação da cidade ilustram a chegada do espírito festivo, a maneira de se preparar para a festa. Uma das avenidas – conhecida como corredor cultural – que se estende do largo do Rosário até a Igreja Matriz de Santo Antônio, ganha ornamentação destacada, com bandeirolas coloridas e iluminação especial. O marketing comercial e político distribui-se ao longo de sua extensão dependurado em faixas alusivas ao santo, à espera do grande público. Além do corredor cultural, existem dois outros lugares fundamentais onde a festa concentra apresentações (dança com quadrilhas, de músicas com artistas locais e nacionais, teatro, quermesses, bingos, etc.), são a Rua da Matriz, localizada ao lado da Igreja Matriz de Santo Antônio, representa a *face* religiosa, e o Parque de Eventos Governador Tasso Jereissati (popularmente conhecido como parque da cidade), onde acontecem os eventos

---

<sup>15</sup> A *roupa* é elemento importante nos rituais, dos mais cotidianos aos mais extraordinários: no fardamento escolar ou de trabalho, ou na fantasia de Carnaval, nas vestimentas do ritual da missa católica ou na roupa branca dos rituais na umbanda, também as pinturas corporais indígenas, que não sendo roupas, adquirem o mesmo significado destas, a lingerie da “lua de mel”, a roupa “de domingo”, expressão antiga, que designa a melhor roupa que deve ser usada em ocasiões especiais etc. Juntamente com outros elementos, a roupa auxilia na composição do cenário e do imaginário, tendo papel importante na “performance” da festa. Em cidades do interior, há algumas décadas, a roupa da festa era uma peça importante. As pessoas se preparavam o ano inteiro, guardando dinheiro para comprá-la, que de modo geral, deveria ser inteiramente nova, dos sapatos à gravata; não poderia ser igual a de mais ninguém, e por isso, cercava-se de uma aura misteriosa até o dia da festa, quando finalmente poderia ser exibida. Hoje, esse costume já se desbotou, assumindo novas feições. Em Barbalha, no caso das roupas femininas, há um apelo à sensualidade, que para alguns entrevistados deve-se à relação com o santo casamenteiro, que pressupõe sexualidade, mas que sem dúvida, cujo primeiro formato foi o dos desfiles implementado na década de 1970, e que foi recebendo novos significados com o formato dos carnavais fora de época que se popularizaram por todo o Brasil, a partir da década de 1990. Sobre a “roupa da festa” ver também PIRES (2003).

turísticos e de cunho mercadológico (*shows*, feira de artesanato, barraquinhas de comida, bijuterias, etc.). Sobre este aspecto da festa Silva (2013), diz:

A rotina da cidade é quebrada na semana que antecede a abertura da festa com os varais de bandeirinhas cruzados sobre as ruas da cidade. A multiplicidade de cores, sinaliza que é tempo de festa, chamando o Nordeste para se preparar para o domingo que se aproxima, o “dia do pau da bandeira!”. Quem passa pelas ruas enfeitadas não consegue mais dissociar a dimensão festiva de suas vidas. Bandeiras, bonecos gigantes, representando brincantes, faixas, sons e movimento, quebram o cotidiano dos moradores. As ruas enfeitadas parecem o caminho que leva todos à mesma condição: devotos do Santo Antônio. É como se o santo nordeasse o consenso entre os homens; sem ele não haveria a Festa, a alegria! (SILVA, 2013, p. 217).

Os moradores aguardam ansiosos pela ornamentação. Gera-se a expectativa de que seja mais caprichada e mais bonita que a do ano anterior, tornou-se um tipo de termômetro para identificar a atuação da administração pública no evento, avaliado em êxito ou fracasso do que está por vir. Alguns entrevistados disseram-me: “se os políticos não investem na ornamentação que é o mínimo que podem fazer, já que é isso que as pessoas que vêm de fora enxergam primeiro, ainda mais porque também é algo barato, não tem nada demais nessa ornamentação, e eles todo ano aproveitam coisas do ano anterior, então se nem isso prestar, é sinal que o resto também não vai ser bom.” É importante ressaltar que a festa ser “boa ou não”, segundo os moradores, está diretamente ligada às responsabilidades da Prefeitura. Desde que a festa passou a ter investimento e intervenção direta da política local (dividindo a responsabilidade com a Igreja) as cobranças sobre a organização da festa<sup>16</sup> recaem sobre a administração pública.

---

<sup>16</sup> A organização da parte social da festa, mais especificamente dos shows culturais, deixou de ser organizada pela Prefeitura Municipal e passou a ser organizada por empresas terceirizadas como: RBA Eventos, ou Jota Rodrigues Produções e Eventos (organizam eventos como a Expocrato, Juaforró, festas de grande porte na região). Ainda assim, as mudanças não agradaram aos moradores que continuaram reclamando da falta de investimento e organização da festa nesse setor.





(Foto 5: Rua da Matriz. FONTE: Site Miséria: [miseria.com.br](http://miseria.com.br). Ano: 2012)



(Foto 6: O Largo da Igreja do Rosário. FONTE: Blog do Crato: [blogdocrato.blogspot.com.br](http://blogdocrato.blogspot.com.br). Ano: 2011)



(Foto 7: Área externa da Igreja Matriz de Santo Antônio. FONTE: Site da Prefeitura Municipal de Barbalha: [barbalha.ce.gov.br](http://barbalha.ce.gov.br). Ano: 2012)

Põem-se, então, a relembrar nostalgicamente do tempo em que a festa era melhor: “o tempo bom já passou, agora está ruim, não presta mais. A única coisa que

ainda presta é o dia do pau da bandeira, só tá faltando eles acabarem como isso também”. A nostalgia é um fenômeno recorrente, não só em Barbalha, mas em todo processo que envolve a rememoração, na qual o presente se confronta ao passado. As lembranças de como a “festa era boa” associam a festa com as inevitáveis mudanças pelas quais passa. Para Soares (2013), esta relação entre passado e presente se forja a partir da experiência da tradição; as práticas tradicionais são permeadas por descontinuidades bem como a ideia de continuidade advém do novo, é necessário, portanto construir uma narrativa entre estas temporalidades distintas, pois segundo ele, disso se originaria a união e razão para os vínculos e sentimentos comunitários e indenitários emergidos no tempo de festa.

Um quesito peculiar e curioso da “arrumação” da cidade é a *expectativa* pela chegada do parque de diversões. Enquanto os eventos já citados até aqui fazem parte da preparação da cidade que acontece com algumas semanas de antecedência do início oficial da festa, o parque de diversões chega a apenas três dias da data inicial. A garotada fica ansiosa quanto aos brinquedos que virão neste ano: “virá algum brinquedo novo?” Dando vida escrita à sua memória, o historiador da cidade professor Josier, descreve como esta expectativa era sentida por ele no seu tempo de menino:

As barracas de palha e coqueiro, recém-construídas, se enfileiravam no entorno da praça exercendo suas atividades comerciais. E os carrosséis? Era uma expectativa total! A sua chegada para as crianças simbolizava a alegria materializada nos “cavalinhos”, “roda gigante”, “polvo” e “montanha russa”. As “barracas de tiro ao alvo”, os chamados jogos de azar complementavam o ambiente festivo (...). Todo movimento se fazia em torno do palco em forma de círculo, permanentemente armado no centro da cidade, onde os grupos faziam suas evoluções e se apresentavam os artistas; o ambiente festivo convergia e recepcionava a população, incluindo os que pra lá se dirigiam após as novenas e procissão do santo até a casa do noitaro. Uma festa feita pelo povo para o povo e em nome do santo! (SILVA, 2013, p. 220-1).

Estes eventos fazem parte do imaginário local que se construiu juntamente com a vivência e participação de cada morador na sua relação com a festa, hoje em dia tais acontecimentos são tomados como uma espécie de contagem regressiva, ao passo que a cidade é organizada, os brinquedos e turistas vão chegando, os moradores atribuem, entendem e interpretam como sendo sinais de que a hora da festa está finalmente chegando.



Até aqui, pode-se perceber claramente que a festa não é apenas o momento da “apoteose” ou do espetáculo. É um processo que requer preparação e exige esforço coletivo desenvolvido, em grande parte, nos bastidores. É o que acontece, por exemplo, com elementos essenciais e característicos da festa, em torno dos quais se dá uma mobilização e socialização de indivíduos e de famílias: a confecção da Carroça da Cachaça do Sr. Vigário; a confecção da Bandeira de Santo Antônio, e o mais recente, que tem se tornado também “uma festa dentro da festa”: a Noite das Solteironas.

A carroça da Cachaça do Sr. Vigário sugere a articulação entre as contradições e paradoxos possibilitados pelo ambiente festivo – a inversão como diz DaMatta – ao atrelar o profano ao religioso. As variações de interpretações por parte da população também compõem a significação desse ato; alguns o percebem como falta de respeito porque mistura coisas que não deveriam se misturar, outros o veem como brincadeira ligado ao lúdico, ou ainda como uma forma de crítica, e assim por diante. Agostinho do Santos<sup>17</sup> falando sobre sua origem no início do século XX, diz que:

Não tinha naquela época a “Cachaça do Seu Vigário”, não. Tinha um homem chamado Melquíades que andava com uma cabaça cheia de cachaça, assim a tiracolo. O povo acreditava muito nele, gostava dele. Então ele ia batendo nas costas dos carregadores e botando na boca deles a cachaça da cabaça. Os carregadores iam tomando aquela cachaça pra animar [...] Ai surgiu a cachaça do seu vigário (SANTOS, 2009).

A cachaça se popularizou e é hoje um dos principais atrativos da festa. Saiu da cabaça e passou a ser carregada em cima de uma carroça dentro de um barril, e além de atração local, tornou-se produto turístico. Segundo Souza (2009), a carroça na qual é transportada a bebida e a comida dos carregadores viveu dois momentos distintos, muitos dos elementos componentes dela passaram a ganhar novos significados, novos sentidos voltados para sua popularização e atrativo para o turismo. Num primeiro momento a carroça era apenas um meio de transporte da bebida, a partir dos anos de 1970, ganha uma dimensão nova: o burro é enfeitado, há uma pequena coberta de palha e o tonel é substituído por outro com capacidade maior de armazenamento. “Agora, a carroça já não é apenas um transporte, mas é a carroça com Cachaça do Sr. Vigário, título irreverente que satiriza a autoridade eclesiástica” (SOUZA, 2009, p. 3).

---

<sup>17</sup> Parte do documentário produzido por Rosemberg Cariry (2013).



(Foto 8: Carroça da cachaça do Sr. Vigário. Fonte: Site Os Urbanistas: osurbanitas.org. Ano: 2010)

Ela faz parte do desfile das apresentações do domingo do dia do pau, e após o desfile circula pela cidade durante todo o dia, oferecendo gratuitamente a cachaça aos moradores e visitantes, pessoas de fora às vezes pedem que algum parente ou amigo de Barbalha guarde um pouco da cachaça para experimentar, receosos que quando cheguem não haja mais a cachaça, o que às vezes acontece devido à grande procura. Para os que gostam de beber, a cachaça da carroça é tão importante quanto pegar no “pau de Santo Antônio”, no sentido lúdico da brincadeira. Segundo alguns entrevistados, é preciso ter coragem para encarar a tal cachaça, pois a mesma é a mistura de várias bebidas destiladas. A cachaça, o barril, a carroça, o condutor da carroça e o jumento são figuras garantidas na festa, são enfeitados a cada ano de uma maneira diferente, trabalho este organizado e elaborado por um grupo de pessoas que se sente honrado em fazê-lo. É um atrativo que diverte o ambiente e as pessoas, que chegam a fazer filas para tirar fotos e é claro, experimentar a famosa cachaça. Vale ressaltar, contudo, que se alega que a principal e original função da cachaça é “abastecer” os carregadores durante o percurso de carregamento do pau, que segundo eles, é o combustível que lhes dá coragem para encarar o longo caminho. Silva (2013) ressalta a importância da cachaça:

A fé e a festa, desde a mata, abrem espaços para a manifestação do sagrado e do profano, representados respectivamente por rezas, amizades, alegria e simpatias para acelerar casamentos, relacionados com o santo e goladas de aguardente. Apesar de a cachaça ser um componente da festa, a embriaguez, é voluntária, não faz parte do ritual, sendo o uso de aguardente apenas uma forma de encorajar os

devotos, ou seja, de superar os medos, de adaptar mentalmente o condicionamento físico do corpo ao desafio de carregar o peso do pau. (SILVA, 2013, p. 224).

Outro símbolo indispensável na festa é a bandeira de Santo Antônio. Todos os anos uma nova bandeira é confeccionada pela artista plástica local, Sandra Sobral, em parceria com senhora Lourdes Luna que faz a doação do tecido. Desde o ano de 1999, a artista dedica-se a este empreendimento como pagamento de promessa (não revelada) feita ao Santo Padroeiro, trata-se de trabalho que exige da artista muita criatividade, tendo em vista que todos os anos a imagem deve ser diferente das anteriores<sup>18</sup>, também por este motivo os moradores criam certa expectativa em relação a ela. No dia 13 de Junho, a bandeira é hasteada, permanecendo no mastro por alguns meses, e para que a ação do tempo não a destrua, faz-se a retirada e sua posterior guarda. Desde que se adotou essa prática, 14 bandeiras foram recolhidas, e agora compõem uma coleção sob guarda da Secretaria de Cultura e Turismo da cidade e que durante o período festivo, fica exposta ao público num *stand*/ateliê montado pela artista Sandra Sobral no Centro da cidade. Ela diz:

Bom, pra mim a Festa de Santo Antônio tem dois significados: um profano e um religioso. O profano é representado pelo pau e o religioso pela bandeira em si. Então quando há o encontro do profano com o religioso que é justamente com o hasteamento da bandeira, então aí há a junção. Eu acho! O sentido verdadeiro pra mim. A bandeira representando o religioso e o pau o profano, com as festividades, os palcos, os shows, o cortejo do pau. (...) A bandeira significa o que? As trezenas de Santo Antônio, a quermesse e também a procissão).

A bandeira, portanto, representa o lado religioso da festa, que, porém, não teria muito significado sem a sua outra metade, ou seja, o mastro. O conjunto que surge com o hasteamento, ou seja, bandeira e mastro juntos representa a totalidade da festa. Contudo, o sentido religioso assume aspecto principal, pois não somente os objetos em si, mas a maneira como as pessoas o interpretam indica uma relação mais estreita com a fé, com a crença, já que, em última instância, os esforços convergem para homenagear o santo padroeiro.

E por falar em religioso e profano, esta relação é também estreita quando se trata da forma de participação das “moças”, ou melhor, *solteironas* na festa, aquelas que querem, pedem e rogam a Santo Antônio que lhes *arrume um marido!*

<sup>18</sup> Galeria de imagens: [diariodocariri.com](http://diariodocariri.com)

Na religião católica, são atribuídas a alguns santos, “tarefas” específicas. Assim, Santo Expedito é o santo das causas justas e urgentes; São Judas Tadeu, das causas impossíveis; São Longuinho é o santo que encontra coisas perdidas, bem como Santo Antônio, embora seja este mais conhecido como santo casamenteiro. Antes de falarmos das solteironas e sua relação com o santo, é preciso que se saiba um pouco da história deste santo.

Santo Antônio<sup>19</sup> é conhecido na hagiologia católica pela sua ligação com o povo. Desde suas origens, foi tido como um santo popular. Essa fama se espalhou pelo mundo, e com os portugueses chegou ao Brasil. Era tido como defensor dos pobres e injustiçados. Sobre sua relação com o casamento, existem muitas versões, não havendo um consenso. Uma delas a explica como derivação da ligação do santo com coisas perdidas, o que inclui as pessoas. E já que “entre o perdido e o desejado a fronteira é sempre muito tênue” (VAINFAS, 2003, p. 30), por conta do desejo dos fiéis por encontrar algo, a primeira especialização do santo metamorfoseou-se para a segunda: arranjar casamento, maridos.

A relação entre os devotos e Santo Antônio é uma das mais representativas da maneira íntima com que os santos são tratados no Brasil (FREYRE, 2001). Essa intimidade pode ser traduzida nos diversos tipos de “tortura” e “chantagens” a que o “santo” é submetido: “o roubo do Menino Jesus dos seus braços ou o amarrando e colocando a imagem de cabeça para baixo em poços até a concessão da graça alcançada” (Alexandre et al. 2013, p. 48). O que para alguns, beira a falta de respeito com a imagem, para outros não passa de uma forma lúdica de intermediar sua relação com o santo, lúdica mas que não exclui a seriedade e a fé com que devotam seus pedidos. Encontrei na internet muitas simpatias, preces, orações relacionadas ao santo e sua fama de casamenteiro, não se sabe ao certo, a procedência das mesmas, mas o fato é muitas delas estão presentes nos relatos dos entrevistados. A “oração para os namorados” reza-se assim:

Meu grande amigo Santo Antônio, tu que és o protetor dos namorados,  
olha para mim, para a minha vida, para os meus anseios.  
Defende-me dos perigos, afasta de mim os fracassos,  
as decepções, os desencantos.  
Faze que eu seja realista, confiante, digna e alegre.  
Que eu encontre um namorado que me agrade,

---

<sup>19</sup> Sobre a história de Santo Antônio, consultar VAINFAS (2003).

seja trabalhador, virtuoso e responsável.  
 Que eu saiba caminhar para o futuro e para a vida a dois com as disposições  
 de quem recebeu de Deus uma vocação sagrada e um dever social.  
 Que meu namoro seja feliz e meu amor sem medidas.  
 Que todos os namorados busquem a mútua compreensão,  
 a comunhão de vida e o crescimento na fé.  
 Assim seja.

Além das orações, as simpatias são comumente feitas ou no dia 13 de Junho, dia do santo, ou no dia 12 do mesmo mês, no qual se comemora o Dia dos Namorados. Da lista das mais conhecidas estão:

**Gelo no Santo:** Com os olhos fixos na imagem, fale para o santo que enquanto ele não te trazer um novo amor ele ficará na geladeira. Se o santo demorar em atender seu pedido, coloque a imagem no congelador. Quando você arrumar um novo namorado, tire o santo dessa fria!

**Sete rosas:** No dia de Santo Antônio coloque sete rosas em um vaso que deve estar em frente a uma imagem do santo casamenteiro. Reze para ele pedindo um novo amor. Quando as pétalas secarem, leve-as para uma igreja onde acontecem muitos casamentos.

**Sem o menino Jesus:** Pegue a imagem de Santo Antônio e tire o menino Jesus do colo dele e vire-o para a parede. Prometa devolver o que lhe foi tomado assim que ele te trazer um namorado.

**De cabeça para baixo:** Coloque o Santo Antônio de ponta cabeça dentro de um copo com água ou cachaça e avise o santo que ele só será “desafogado” e colocado na posição certa quando um novo amor entrar em sua vida.

**Banho:** Nessa também é necessária a aquisição de uma estatueta do Santo Casamenteiro, pegue a imagem e coloque embaixo de sua cama, deixando-a lá por três dias consecutivos. No 4º dia tome um banho preparado com a crosta de maçãs e mel. Nesse período sempre que for dormir mentalize uma áurea carmim em torno do seu leito. Não se esqueça de ter fé e acreditar que vai acontecer, pois talvez esse seja o ingrediente essencial e o que geralmente falta nas simpatias.<sup>20</sup>

Fórmulas deste tipo, são levadas a sério por mulheres que desejam arranjar namoro ou casamento, embora o bom-humor não seja descartado do ritual. Vale destacar que não adianta realizar todos os “atos” e “gestos” na ausência da convicção na simpatia e no santo. É isto o que defende a solteirona mais famosa de Barbalha: Socorro Luna, que tem se tornando a grande promotora de “simpatias” em prol de namoro e casamento. Além das simpatias mais conhecidas, cria outras específicas, na qual o

---

<sup>20</sup>Fonte: fcnoticias.com.br

ingrediente principal é “o pau da bandeira de Santo Antônio”. Para aglutinar suas simpatias e divulgar a fama casamenteira do santo, ela organiza todo ano a “Noite das Solteironas”, desde 2003, ajudada por um grupo de amigas.

Esta “festa dentro da festa” ocorre no sábado, véspera da abertura oficial da Festa de Santo Antônio, um dia depois da noite do “Pré-pau”, uma pré-festa organizada pela Prefeitura Municipal e lideranças políticas.

Sobre a “noite das Solteironas”, diz Socorro Luna:

Ela se tornou uma festa dentro da festa de Santo Antônio. Nós tivemos a ideia de criar a noite das solteironas [...] nós começamos a pensar em simpatias, coisas diferentes para serem vendidas para os turistas, para a pessoa que visita nesta época. Como Santo Antônio é tido como santo casamenteiro, já havia a tradição de que a moça que pega no “pau”, casa. E nós tivemos ideia de tirar a casca do pau e transformar em simpatia. A primeira simpatia que nós criamos foi o “kit milagre”<sup>21</sup> foi um sucesso, vendeu para o país inteiro. Ai depois a gente foi criando novas simpatias. Criamos o “chá casamenteiro”, criamos o “terço para arranjar outras solteirices”, e esse ano a gente vem com uma novidade bem interessante que é a “essência do amor”, é um banho que você toma e em seguida você sai e os cupidos já estão tomando de conta de sua vida. Nossa noite é uma noite romântica, é a noite que as pessoas vêm realmente para paquerar, para se sentir bem num ambiente tranquilo. E, além do ambiente tranquilo, aproveitar e adquirir nossas simpatias (Luna, 2009).

A noite das solteironas vem adquirindo cada vez mais destaque, chamando a atenção da mídia local e nacional. Sua idealizadora, conhecida como “a solteirona de Barbalha”, no período das festividades participa de vários programas de rádio e televisão. Ao promover sua criação, promove a Festa de Santo Antônio de maneira geral.



<sup>21</sup> O “Kit Milagre” é composto por uma medalhinha do santo, uma oração e um pedaço da casca do “pau de Santo Antônio”. Para consegui-la, Socorro Luna participa do corte da árvore, ou recorre aos carregadores, que há muito tempo a vem fornecendo às interessadas.

(Foto 9: “Noite das solteironas”. FONTE: site G1 – Globo. Ano: 2011. Foto 10: Kit solteirona. Fonte: Diário do Cariri (jornal online). Ano: 2013)

Esses elementos acabam corroborando a dimensão carnavalesca da festa, e por outro lado, revelam o dinamismo da cultura (popular), os vários processos de traduções culturais que lhe são peculiares (HALL, 2003).<sup>22</sup> Do ponto de vista dos que vivem a festa, para uns, essas “inovações” representam um ganho, e para outros, uma perda da essência dos significados originais do festejo. Celene Queiroz, conhecida como a guardiã do folclore da cidade e também criadora e organizadora da festa juntamente com outros nomes como Teresa Rocha, Antônia Lima, contribuíram inestimavelmente com seus trabalhos junto a Prefeitura Municipal na década de 1980. Na História certamente há de se mencionar tais nomes, Celene Queiroz em entrevista ao documentário de Rosemberg Cariry sobre as “invenções” acerca da festa, diz: “essa parte do santo casamenteiro é mais um brincadeira que o povo reinventou”, faz parte da animação e da diversão do povo, pra ela o santo é milagroso mas não pelas histórias das cascas e dos chás, mas por ele ser “nosso protetor e padroeiro” (CARIRY, 2013, p. 107).

Outra forma de ativar os poderes casamenteiros de Santo Antônio é o costume de esfregar as solteironas no “pau do Santo”, como dizem. Durante o cortejo do pau da bandeira pelas ruas da cidade, as mulheres que se aproximam (intencionalmente ou não) são capturadas e “esfregadas” no tronco pelos carregadores. Uma das explicações populares para o fato, é o sentido fálico<sup>23</sup> relacionado ao “pau da bandeira”. Outro sentido remete-se à dádiva: se o pau é um presente para homenagear o santo, o contato com ele dará maior fluidez ao pedido. Sobre o aspecto “viril” associado ao “pau da bandeira”, diz Neves (2009) em entrevista a Rosemberg Cariry:

Eu acho que é uma festa máscula, tanto é que o pau da bandeira é carregado só por homens, não se vê mulher lá e nem pode haver mulher lá. É uma festa máscula. Então tudo isso cria essa aura de

<sup>22</sup> Especialmente os capítulos: “Pensando a diáspora: reflexões sobre a terra no exterior” e “Notas sobre a desconstrução do popular”.

<sup>23</sup> A associação entre o “pau da bandeira” e o “pau” como sinônimo de pênis, ocorre de várias maneiras. Uma delas, difundida na região, refere-se à uma tradição cultural passada de geração a geração, na qual se enaltece a virgindade feminina. A moça não pode ter relações sexuais antes do casamento, caso isso aconteça, somente o casamento poderia restaurá-la moralmente. A partir disso, estabeleceu-se a homologia com o ato de “esfregar-se” no “pau de Santo Antônio”, que simbolicamente representa uma “violação” da moça pelo Santo, o que lhes obriga a reparação pelo casamento. A multivocalidade do fato é retratada, por exemplo, na produção de blusas de blocos (de homens e mulheres) no tempo da festa. As frases tornaram-se motivo de disputa de criatividade e inovação entre eles, frases como: “Nois é pau”, “Esse ano eu quero ver o pau subir”, “Se sentar no pau, casa” etc.

machismo, de masculinidade em torno do pau da bandeira. E essa coisa das mulheres escrever o nome no pau da bandeira pra casarem, é mais um componente desse complexo que existe aí. Uma poetiza de Barbalha, muito inspirada, Helena Lutércia Coelho, qualificou o pau da bandeira de símbolo fálico do homem Cariri (CARIRY, 2013, p. 108).

O mastro é um dos símbolos que mais desperta curiosidade e múltiplas interpretações como vimos até agora. E a festa como um todo abarca diferentes esferas: política, cultural, histórica, ambiental. Ultimamente, tornou-se foco de questões ambientais. A relação *natureza e cultura* na festa são mutuamente importantes para a realização da mesma. Afinal, trata-se de um ritual em que uma grande árvore deve ser retirada de uma Área de Preservação Ambiental Chapada do Araripe (APA)<sup>24</sup>. Após alguns embates intelectuais e jurídicos entre a instituição que administra a APA e os envolvidos na realização da festa (prefeitura, carregadores, moradores), acordou-se, em 2008, o estabelecimento de alguns termos e obrigatoriedades sobre cuidados e regras acerca dos procedimentos a serem adotados a partir daquele ano.

Criou-se o Termo de Ajustamento de Conduta<sup>25</sup> (TAC) um pacto assinado por representantes do Ministério Público Federal, Prefeitura e órgãos ambientais tendo como objetivo disciplinar o processo de corte e retirada da árvore da mata, bem como ações para continuar a viabilização da realização da festa, levando em consideração a preservação da floresta. Algumas das ações foram: replantio de mudas nativas de onde a árvore for retirada, trabalho de conscientização e informação da população e dos carregadores sobre a importância deste processo, a restrição de pessoas durante o ritual do corte, limitando o número ao necessário e suficiente para fazê-lo ou supervisioná-lo.

Estes novos elementos que vão sendo inseridos no ambiente da festa contribuem para reorganizá-la, atribuindo-lhe novos significados. Estas intervenções se mostram inevitáveis diante das mudanças advindas do tempo presente, na qual a sustentabilidade tanto cultural como ambiental,<sup>26</sup> está na pauta das preocupações políticas e sociais atualmente. Os carregadores reconhecem e se preocupam com esta questão:

A gente vê de uma maneira muito positiva, principalmente porque a gente sabe que é uma tradição de muitos anos, e a gente procura

<sup>24</sup> A APA Chapada do Araripe está localizada na Floresta Nacional do Araripe (FLONA) administrada pelo Instituto Chico Mendes de Conservação Ambiental (ICMBio). Para maiores esclarecimentos consultar a página eletrônica do Instituto: (<http://mapas.icmbio.gov.br/i3geo/icmbio/mapa/externo/home.html?dmkjejhngp1v0kj85cdf1snc7>).

<sup>25</sup> Consultar portal online do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade: <http://www.icmbio.gov.br/portal/>

<sup>26</sup> Sobre a dimensão cultural e ambiental da festa, ver Silva (2008); Cardoso e Silva (2013).



mantê-la viva da melhor maneira possível. A gente sabe das dificuldades que a gente vem encontrando nesses últimos anos pra que a gente posa encontrar um mastro da bandeira, é uma situação que nos preocupa. A gente vai ter que ver com bons olhos essa situação, porque a mata na realidade não tá fornecendo condição pra que a gente tenha esse pau de bandeira regular: quando ele não é exagerado, ele é fino. A gente vai ter que sentar e analisar toda essa questão. A gente sabe que a gente não pode afetar a natureza de forma nenhuma, como também a gente não pode deixar uma memória, uma tradição se acabar, porque é a história de um povo. Então, eu como barbalhense, um católico, apostólico romano e também devoto de Santo Antônio, me sinto muito orgulhoso, pra participar desse evento que todos os anos nós barbalhenses participamos. E com muita fé eu acredito que todos estejam aqui com o mesmo objetivo, eu que faço parte de uma geração nascida nessas três última décadas e na realidade o papel da gente é de fundamental importância por que serve de exemplo pros outros. Então eu espero que essas pessoas, que futuramente vá me substituir, também tenha esse compromisso e leve a sério, não leve pelo lado da brincadeira, pelo lado pejorativo, leve como uma coisa seria, como uma tradição e realmente venha quem tenha a fé e seja devoto de Santo Antônio. Eu acredito que a pessoa não venha participar de um evento desse sem ter uma fé, sem ter um comprometimento, eu acho que todos devem ter esse comprometimento, porque sem ele eu acho que a festa é inviável, é impossível de acontecer (Carregador Edvan (Bebê) - Junho de 2010).<sup>27</sup>

Diante da importância que esta festa assume na cidade, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) iniciou os trabalhos de pesquisa com levantamento de informações, documentos, entrevistas, mapeamentos de bens culturais acerca da festa desde 2002, dando início ao processo de reconhecimento e valorização da mesma como Patrimônio Cultural Brasileiro. Integrante da equipe que desenvolveu e produziu o inventário, Soares (2013) diz que esta festa faz parte da paisagem da cidade:

Ao abordarmos uma festa considerada tradicional, como é a Festa de Santo Antônio em Barbalha, sobretudo tecendo considerações sobre a composição de um inventário e o desenvolvimento do processo de registro de tal manifestação, gostaríamos de pensá-la como um conjunto de práticas e discursos que configuram uma determinada paisagem da cidade.

Conquanto a Festa de Santo Antônio seja uma manifestação sujeita a novas dinâmicas e reformulações a cada ano, não deixa de ser uma referência paisagística na medida em que se delinea – por meio de imagens, memórias, políticas, propagandas – a construção de alguns sentidos concernentes a determinados espaços e práticas, tornando-os centrais nos discursos e percepções envolvendo a instrumentalização

<sup>27</sup> Algumas entrevistas, a exemplo dessa, foram concedidas ao Josier Ferreira da Silva, ao seu projeto *Relação entre Cultura e Natureza na festa do Pau da Bandeira de Barbalha Ceará*, do qual fui pesquisadora bolsista, desenvolvido juntamente com a Universidade Regional do Cariri (URCA), em Junho de 2010.

de noções como identidade, tradição, cultura, cultura popular, etc. (SOARES, 2013, p. 240).

É importante constar, que até então, o processo de registro junto ao IPHAN não fora concluído<sup>28</sup>. O último embargo, deu-se por conta da nomenclatura que seria usada para fazer o registro da festa, uma discussão que envolveu questões de cunho ideológico, e não propriamente técnicos. Na documentação enviada ao Departamento de Patrimônio Imaterial do Estado do Ceará (DPI) havia referências distintas quanto à denominação do bem cultural; em alguns documentos constava a denominação “Festa de Santo Antônio” e em outros “Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio” (Soares, 2013). À primeira vista, tratava-se apenas de uma diferença pouco significativa, mas que, contudo, gerou muita polêmica entre os envolvidos. Os carregadores do pau da bandeira, representados pelo “Capitão do Pau”, o senhor Rildo Teles, opôs-se à cognominação “Festa de Santo Antônio”, pois entendia que isto averbaria a inclusão de todos os rituais e grupos que participam da festa. Em sentido contrário, defendia que o registro deveria ser feito apenas como Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio, devido à dimensão, importância e grandiosidade que este tem dentro da Festa. Diante disso, criou-se o embate com aqueles que defendem a proposta inclusiva. As discussões atrasaram o andamento do processo, em cujo desfecho, sob protesto dos carregadores, decidiu-se pelo registro como “Festa de Santo Antônio”.

Outro momento importante na história da festa, e que lhe imprimiu significativas mudanças ocorreu na década de 1970, conhecido como “o período de carnavalização”. Marca a atuação direta da Prefeitura Municipal sobre os rumos da festa, que antes fora “controlada” pela Igreja e pelas famílias tradicionais de Barbalha. A partir de então, segundo Cariry (2013), “o prefeito Dr. Fabriano Livônio Sampaio homem honesto, amante de sua terra e de grande zelo com a coisa pública, muito colaborou para o crescimento e divulgação da festa.”. Desde esse período em diante, a festa permaneceu como importante projeto político das sucessivas gestões. Tornou-se carro chefe de propagandas políticas, motivo forte para eleger candidatos. Prefeitos como Rommel Feijó, João Hilário, Antônio Inaldo de Sá Barreto, incluíam em seus programas de governo a continuidade e melhoria da festa, promessas bem recebidas pela população.

De maneira criteriosa, as intenções do Dr. Livônio podem e devem ser analisadas de diferentes perspectivas, incluindo a de intencional autopromoção e

---

<sup>28</sup> Vale ressaltar que o mesmo ocorreu no final do ano de 2015.

marketing político. É preciso considerar que nessa época o país vivia a Ditadura Militar, e os governos militares, na década de 1970 implementavam várias políticas voltadas para o desenvolvimento nacional, nas quais as manifestações da cultura popular assumiam um papel importante.

Esta festa antes era controlada pela igreja e pelas tradicionais famílias de Barbalha. O surgimento do Pau da Bandeira estava subordinado aos sentidos estritos da festa religiosa. Na década de 70, o fator importante é que o Estado entre. Isto acontece, pela primeira vez, na administração de Fabiano Sampaio e ele incorpora a festa do Pau da Bandeira e ressignifica o evento religioso incluindo o desfile dos grupos folclóricos, as barracas de comidas típicas, etc. Isto acontece em um momento em que o cariri e Barbalha viviam uma decadência econômica, acontecia a difícil passagem de uma economia rural, baseada sobretudo na cana de açúcar, para novas alternativas, entre as quais se incluíam a indústria e o turismo. Enquanto de maneira geral se pensava naquela época, de maneira geral, na industrialização como solução, Barbalha percebeu o potencial turístico, com seus casarões, com firmeza da elite, pelo clima, a beleza do cenário, as fontes de águas... E é dentro deste contexto que ele vai perceber o potencial da festa. Aí entram os políticos de estado. Dentro do significado que tenha para a sociedade local, era um acontecimento com plena potencialidade de ser oferecido a um olhar do estranho que buscava conhecer costumes e paisagens novas (ARAÚJO, 2009).

Em matéria de política, a memória coletiva da população de Barbalha está permeada por lembranças de grandes nomes de prefeitos, vereadores, governadores etc., ou por referências a antigos senhores de engenho e coronéis. Uns e outros ligados às famílias tradicionais importantes, lembradas pela historiografia “oficial” e popular como grandes nomes da história de Barbalha: os *Lunas*, os *Sampaio*s, os *Sá Barreto* e os *Correias*.

As ações do prefeito tinham um objetivo claro voltado ao turismo, o que imprimiu um novo formato à festa, criando vários caminhos para a participação da população. Criou-se uma programação de apresentações de grupos folclóricos, imitando, em parte o formato dos desfiles de “escolas de samba carioca”, e por outro lado, lembrando os desfiles cívicos tão em voga na Ditadura Militar. Em 1973, a prefeitura incentivou as atividades dos grupos folclóricos, levando-os a se fortalecerem em prol da festa. Alguns deles, como os *penitentes* e as *incelências*, que nada tinham a ver com a programação da festa, também foram incluídos. A prefeitura cria políticas de

promoção e financiamento para os grupos,<sup>29</sup> fornecendo indumentárias, transporte e uma pequena quantia em dinheiro, a ser repartida entre os membros dos grupos. As manifestações que ocorriam de forma espontânea em localidades apropriadas, passaram a ser ensinadas em escolas, e o lugar das velhas senhoras dançantes passa a ser ocupado por jovens estudantes. A “turistificação” ou espetacularização da cultura popular – também referido como “carnavalização da festa” – causou polêmica e tem sido motivo de discussão para alguns pesquisadores locais. Paz e Silva (2013), referem-se aos conflitos que a intervenção da prefeitura gerou entre os grupos, que passaram a disputar os escassos benefícios oferecidos pelo poder público.

Além disso, levou a mudanças e alterações significativas nas formas de expressão desses grupos. Em destaque, as autoras citadas referem-se ao “resgate” de algumas formas de expressão que já estavam em processo de desuso; à ressignificação de algumas práticas e a um crescente processo de espetacularização das apresentações, caracterizado pela incorporação de elementos advindos de outros “bancos de símbolos” – para usar a expressão utilizada por Van der Port (2012), citado anteriormente.

O “apoio” aos grupos pelo poder público incentivou novas formas de disputa, competição e concorrência entre eles, e a disputa que antes se dava principalmente na dimensão simbólica, artística, passou a acontecer na esfera econômico-financeira, gerando assim uma relação de interdependência entre os grupos e o poder público, o que acabou resultando numa forma de dominação deste sobre aqueles, o que ocasionou, ou pelo menos contribuiu, para o cenário de “exploração” (midiática, turística, política) que se exerce sobre esses grupos em nome de uma “devoção”.

Estes aspectos se coadunam bem com a realidade de uma cidade de interior, onde a política é algo que atravessa todas as esferas sociais. Está presente nas conversas de esquinas, na disputa entre os representantes das famílias de renome, e na tendência da população a assumir posições definidas frente a este ou aquele grupo de status e “partido” (Weber, 1974). Esta relação da população com a política é bastante estreita, pois em muitos casos “estar do lado de alguém” politicamente falando, pode definir a permanência no emprego, a possibilidade de “ganhar” um emprego, estabelecer contatos etc.

---

<sup>29</sup> Quadrilhas, Penitentes, Pau de Sebo, Capoeira, Maneiro Pau, Bandas Cabaçais, Caninha Verde, Dança de Cesário Pinto, Dança do Coco, Reisado de Couro, Reisado de Congo, Pau Mirim, Grupo dos Mateus etc.

A festa se tornou o carro-chefe dos programas de governo, especialmente como material principal do marketing político. A população, por sua vez, também a utiliza como critério para avaliar a qualidade da gestão dos prefeitos e sua equipe.

Quando a festa deixou de ser comemorada na Praça da Estação e passou a ser realizada no Parque da Cidade (um local fechado) passou a ser cobrado um valor que variava de acordo com o porte da banda contratada. A gratuidade da festa surgiu de uma iniciativa da gestão pública no intuito de tornar mais democrática a participação dos cidadãos no festejo, foi e ainda é motivo de discussão e divergência de opiniões. Se por um lado a gratuidade possibilitou de fato ampliar a festa a todos que dela gostariam de participar, por outro lado, a Prefeitura Municipal não investia o suficiente para contratar bandas de grande porte o que foi motivo de insatisfação, pois segundo moradores “a festa perdeu uma das melhores partes”. Nessa época, quando havia a participação e investimento de empresas, dos comerciantes, juntamente com a Prefeitura Municipal, o número de pessoas da cidade e das cidades circunvizinhas davam uma atmosfera de grande movimento todos os dias de festa. Hoje essa participação intensa de pessoas se restringe ao dia do cortejo do pau da bandeira.

Uma festa bem organizada, com abundância e luxo, avalia a qualidade da administração municipal. Por outro lado, uma festa “pobre” decorre de uma administração deficiente. Diz uma moradora:

Eles (prefeito, vereadores) podem não fazer nada o ano inteiro, pode não tá nem aí pra outras coisas, as ruas podem tá quebradas, tão nem aí pra educação, mas se eles quiserem se eleger de novo, é só fazer uma festa que preste que o povo num instante esquece de tudo isso. Nesses três anos, a festa não prestou pra nada, dava era vergonha, mas espere esse ano pra ver como vai ser. pelo menos melhor, é ano de eleição minha filha, a coisa muda.<sup>30</sup>

Outro morador refere-se à mesma questão:

Pode ser que este ano a festa seja melhor. A pessoal reclamou muito ano passado, que não veio nada que prestasse (de bandas que fazem shows no parque da cidade durante os dias de festa), só as bandas de sempre, que não presta, umas que ninguém nem conhece. Esse ano pode ser que mude ou não, porque o prefeito não pode se eleger mais mesmo, então ele não vai tá nem aí, vai trazer o que quiser, não precisa mais agradar.<sup>31</sup>

<sup>30</sup> Morador entrevista concedida em Junho de 2013.

<sup>31</sup> Morador, entrevista concedida em Junho de 2014.

No domingo do pau da bandeira do ano de 2014, ano de eleição para Presidente, Senador, Governador, Deputados Federais e Estaduais, podemos também constatar como a festa é utilizada para promoção política, não somente local. Na celebração da missa a Santo Antônio, no domingo pela manhã, ocupando os primeiros bancos da igreja, um grupo de políticos prestigiavam a celebração, entre eles: o Prefeito Zé Leite, o ex-Prefeito Rommel Feijó de Sá, Dorivan Amaro (Ex-secretário de Cultura), o Secretário da Cidades Camilo Santana, o Secretário de Cultura do município Antônio de Luna, Secretário dos Esportes Fernando Santana, vereadores: Rildo Teles, Daniel Cordeiro, Jose Aurino Saraiva Duarte (Preu), Dr. Antônio Correia, entre outros. Após a missa, este grupo seguiu à frente do cortejo dos grupos folclóricos que vai da Praça da Matriz até o Largo do Rosário, para dar continuidade às festividades.

Atento ao interesse dos políticos sobre a festa, um entrevistado, disse-me: *Isso parece mais um comício do que a festa do pau, nunca vi tanto político junto, tu acha que aí não tem coisa?! Com certeza. Esse povo não dá ponto sem nó, sabe porque é? Ano político.*<sup>32</sup> Alguém gritou ao meu lado: *Viva o político da bandeira!* Fazendo alusão irônica ao grito que deveria ser: *Viva o pau da bandeira!*

O período da festa é propício para eventos ligados à política, ainda mais quando o ano é eleitoral. Neste ano, por exemplo, foi destaque a passagem do candidato à Presidência da República pelo Partido Socialista Brasileiro (PSB), Eduardo Campos<sup>33</sup> e a propaganda aérea da campanha do candidato pelo Partido dos Trabalhadores (PT) ao Governo do Estado do Ceará, Camilo Santana.

Em anos anteriores, outros eventos se destacaram. Um dos mais recordados pela população, foi quando em 2012, representantes da prefeitura exigiram que os carregadores parrassem o carregamento do pau, que já estava entrando na Rua do Vidéo, para se aguardar a chegada do então governador do Estado, Cid Gomes. O fato, dividiu opiniões, causando muita discussão e revolta, sobretudo, por parte dos próprios carregadores. Um deles afirmou: *Isso é uma falta de respeito com a gente, todo esse trabalho, cansados, e ainda tem que fazer uma coisa dessa. Palhaçada!* No ritual do carregamento do pau, é costume que alguns carregadores sejam carregados “na cabeça

---

<sup>32</sup> Os depoimentos aconteceram durante a apresentação do cortejo no domingo do pau da bandeira de 2014.

<sup>33</sup> O ex-governador de Pernambuco e ex-candidato à Presidência da República Eduardo Campos morreu em acidente na queda de aeronave em Santos, litoral de São Paulo juntamente com outros seis tripulantes do voo. Após a tragédia, Marina Silva (ex-Senadora) vice-presidente de Eduardo Campos, assume a candidatura tendo como vice Alberto Albuquerque (líder do PSB na Câmara).

do pau”, como uma forma de enaltecer e exibir o companheiro. Essa “honra” é concedida aos mais antigos, aos mais respeitados, a exemplo do Capitão do Pau.

Carregar pessoas na “cabeça do pau” passou a ser parte do ritual, o que se restringia apenas aos carregadores, porém, passou no decorrer dos anos incluir outras pessoas sobretudo autoridades políticas, como prefeito, ex-prefeitos, vereadores, deputados estaduais que se faziam presente na festa, entre outros. Por vezes, tal feito causava desconforto e revolta entre os carregadores e também entre a população, por tratar-se de uma festa cultural e não política.

Na cidade circulam rumores sobre a ingerência de políticos no processo de escolha do “Capitão do Pau”, personagem de grande relevância e importância no âmbito da festa. Trata-se de uma liderança carismática, representante e porta-voz dos interesses dos carregadores do pau da bandeira. Organiza, orienta e regula as ações do grupo conhecido como a “sociedade dos carregadores do pau da bandeira”. A escolha do capitão é feita democraticamente pelos próprios carregadores, em votação aberta, embora este cargo venha sendo ocupado a mais de doze anos pela mesma pessoa: Rildo Teles, também vereador da cidade.

Estes aspectos, envolvendo política, economia, interesses públicos e privados demonstram a complexa rede que são as festas. A festa de Santo Antônio é uma representação das formas de como os indivíduos constroem a partir de referenciais sociais, simbólicos, culturais, práticos, ritualísticos, históricos, uma maneira de se apresentar e representar o mundo através das suas ações e sobretudo da socialização dessas ações. O secretário de cultura da cidade diz que a cultura popular é algo que nasce do povo, é para o povo e feita com o povo, estabelecendo-se então a ideia de coletividade, e nesse sentido é importante, quase que necessário, que haja um encontro de interesses.

Tão imprescindível quanto quem faz a festa, é também para quem ela é feita, tão necessário quanto o pau da bandeira é o sentido e o significado da oferta, tão importante quanto cada um que participa de alguma maneira da festa é o que os leva a participar, não necessariamente a similitude dos motivos, objetivos, interesses, mas o fato de conseguirem dentre todas as variações construir meios para fazê-la acontecer.

## **2.2 O Pau da Bandeira: “uma festa dentro da festa”**

Os festejos do domingo do pau da bandeira, como ficou conhecido o dia de abertura oficial da festa de Santo de Antônio, começam por volta das sete horas da manhã, quando os grupos artísticos do folclore e da cultura popular local se concentram e se organizam na Praça da Matriz para o cortejo. Moradores, turistas, pesquisadores, chegam cedo à Igreja Matriz de Santo Antônio para assegurar um lugar na celebração religiosa, que costuma ter um grande número de pessoas. A igreja recebe ornamentação especial para a comemoração da trezena de Santo Antônio, e a missa é diferenciada das demais, é mais longa, o ofertório recebe alimentos representando a produção agrícola da cidade, há a benção dos carregadores que logo seguem para a “cama do pau” com a finalidade de iniciar o carregamento.

Ao término da celebração, na rua ao lado da Igreja os grupos folclóricos já estão ensaiando, e se organizando na sequência em que seguirão no desfile. Nos últimos anos, as escolas têm apresentado projeto que tem por objetivo incentivar a participação das crianças e dos jovens no intuito de preservar e resgatar as manifestações dos grupos culturais locais. Como um esforço pela “renovação da tradição” através da juventude, com novas formas de fazer com mudanças em algumas práticas, na vestimenta, experimentam-se novas formas de participação numa tentativa de dar “continuidade” à “tradição”.<sup>34</sup>



(Foto 11: Grupo de Reisado do Congo. FONTE: Arquivo pessoal. Ano: 2012).

---

<sup>34</sup> Sobre este aspecto da festa ver mais em Paz e Silva (2013).





(Foto 12: Grupo folclórico dos Penitentes. FONTE: Diário do Nordeste: [diariodonordeste.verdesmares.com.br](http://diariodonordeste.verdesmares.com.br). Ano: 2013).



(Foto 13 e 14: Bandas Cabaçais e Pífanos. A primeira sem datação informada na fonte; a segunda datada de 2013. Fonte: Site Barbalha Terra de Santo Antônio: [facebook.com/barbalhaterradesantoantonio](https://facebook.com/barbalhaterradesantoantonio)).

As apresentações seguem em cortejo num percurso que se estende da Igreja da Matriz, percorrendo toda a Rua do Vidéo,<sup>35</sup> até o Largo da Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Em anos anteriores este percurso se estendia da Igreja da Matriz ao Parque da Cidade, onde aconteciam as apresentações dos grupos e shows com bandas locais. Sobre o cortejo, num misto de suas memórias entre o que se via e o que hoje é a festa, Silva (2013), diz:

O sentido profundo das danças, cantos e rituais de fé, para a vida do homem do campo, pode ser contemplado no desfile dos grupos folclóricos da Igreja para a praça. A praça acolhe a manifestação popular, regada de fé e alegria, tornando-se pequena para tanta gente. O povo rodeando o palco, armado no meio da praça, assiste à

<sup>35</sup> Esta é a rua central e mais conhecida da cidade. Por ela passa o cortejo do pau da bandeira, serve de referencial e ponto de encontro para os brincantes.

evolução dos brincantes. O povo se via e se identificava nas manifestações que expressavam suas raízes culturais. Enquanto ocorriam as apresentações, o povo ocupava toda a extensão da praça e suas adjacências, sentado nas barracas, passeando na praça [...], o clima festivo em sintonia com a fé no santo padroeiro, preparava e reforçava a expectativa de todos, para em algumas horas, no período da tarde ver a chegada do pau da bandeira (SILVA, 2013, p. 222).

Por volta do meio-dia, as ruas estão lotadas por pessoas, sobretudo por turistas, concentradas no Corredor Cultural, localizado no Centro da cidade. Em pontos de referência distintos, palcos são montados para as apresentações de bandas locais, regionais e até nacionais. Um se localiza no Largo do Rosário, outro na Praça Engenheiro Dória,<sup>36</sup> mais um no Marco Zero, e finalmente, na Praça da Matriz.

A Festa de Santo Antônio tem duração média de quinze dias, nesse período acontecem as quermesses ao lado da Igreja Matriz, nas quais várias atividades lúdicas e recreativas ocorrem com a finalidade de arrecadar fundos para a Igreja. Bingos, rifas, shows religiosos e outros compõem a pauta de eventos organizados pela paróquia, além do parque de diversão e as barraquinhas de comidas típicas. Enquanto isso, no Parque da Cidade realizam-se os shows da parte social da festa.

A valorização e investimento do poder público na festa desde os anos de 1970 até hoje acarretou a presença crescente de turistas<sup>37</sup> de várias partes do Brasil. Porém a população local, afirma ter havido uma inegável desvalorização da organização e administração da festa. No discurso dos “nativos” figura a comparação entre o que era a festa de outrora e a do presente. Contabilizam o que se perdeu, o que não existe mais, o que poderia voltar a ser de novo. Frases do tipo são recorrentes: “A festa já prestou, já foi boa; hoje só vale a pena mesmo o domingo do pau da bandeira, porque o resto, presta mais não”. Segundo eles, uma prova disso, é o fato de que o fluxo de turistas não é mais o mesmo. “Ninguém gosta de festa ruim, o povo gosta de se divertir, dançar, se não tem banda grande – nacionalmente conhecidas – não tem o que se fazer aqui”. Como já mencionei anteriormente, na opinião deles, a culpa deve-se ao poder público que foi investindo cada vez menos na festa. Em consequência diminuiu o turismo, o que arrefeceu o comércio, que por sua vez influenciou outros setores, e assim se criou a repetição de um ciclo.

<sup>36</sup> Esta praça é também conhecida como a Praça da Estação, onde antigamente funcionava o terminal ferroviário da cidade, e hoje abriga o terminal rodoviário.

<sup>37</sup> Sobre a relação da festa e o turismo ver DIAS, (2012).

O passar das horas aumenta a expectativa da chegada do pau, já sinalizada pela presença de alguns carregadores no Centro da cidade e pela queima de fogos que acompanha o percurso, para se consumir o ritual do carregamento e levantamento do Mastro de Santo Antônio.

Uma “festa dentro da festa”, assim se refere Silva (2013) ao ritual do pau da bandeira. Compõe-se por vários momentos, que apresentaremos a seguir: escolha e corte da árvore, descanso na “cama do pau”, carregamento e hasteamento da bandeira.

A escolha da árvore segue critérios não necessariamente rigorosos, mas específicos. Por se tratar de um mastro, deve alcançar altura mínima que lhe permita ser avistado de diversos pontos da cidade. Segundo Silva (2013):

A tendência da escolha do caule obedece aos requisitos de a árvore ser adulta, ter diâmetro compatível com o tamanho dos braços dos carregadores, permitindo a sua locomoção. A altura é fator determinante na escolha, geralmente optando-se por árvores que variam entre 20 e 25 metros, que permita o cumprimento da exigência simbólica da religiosidade, que consiste no hasteamento da bandeira do santo de devoção (SILVA, 2013, p. 144).

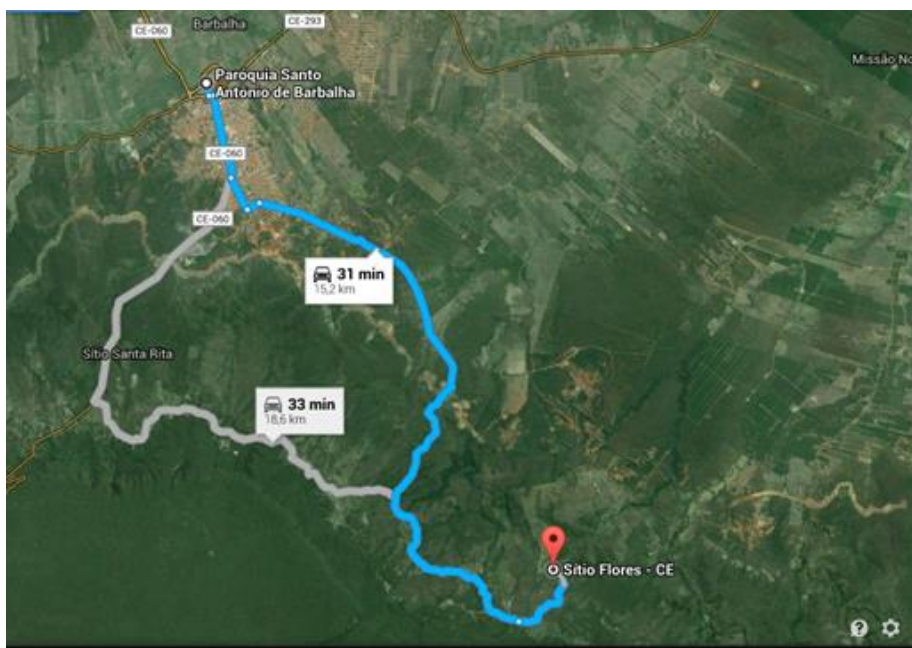
A árvore, no imaginário dos carregadores e na interpretação de Silva (2013), deixa de ser apenas um caule, um tronco e “pela exigência do simbolismo religioso se transforma em pau da bandeira” (2013, p. 145). Esta relação dos carregadores, com o pau da bandeira e com a floresta tornou-se mais íntima e mais consciente (sobretudo no sentido ambiental) nos últimos anos, uma conscientização necessária devido às mudanças ocasionadas pela regulamentação sobre a sustentabilidade do festejo.

Considerando o porte exigido para que a árvore seja escolhida, o sopé da Chapada em muito contribui, pelas condições climáticas, pela formação geológica, pelas fontes de água natural, enfim condições que facilitam a escolha, com diversas possibilidades.

Há dois critérios básicos para a escolha da árvore a ser cortada e transformada em mastro: tem que ser madeira de lei, ou seja, madeira bem conceituada, resistente e de importante valor econômico. Historicamente podemos destacar a utilização das seguintes madeiras: Aroeira (*Schinus terebinthifolius*), Pau D’arco (*Tabebuia roseo-alba*), Cedro (*Cedrela fissilis*), Pau Ferro (*Caesalpinia férrea*), Braúna (*Melanoxylon braúna*), Angico (*Anadenanthera macrocarpa* Benth)), Jatobá (*hymenaea courbairl*), entre outras (ALEXANDRE et al, 2013, p. 59).

Para além dos termos técnicos e conhecimentos científicos da árvore que será escolhida, os carregadores traduzem-na numa linguagem bem simples: “o pau deve ser grande e grosso”. Isto está relacionado ao fato de que a árvore representa a oferta dos carregadores ao santo padroeiro, trata-se do sacrifício, carregar somente não é suficiente, deve contar também o esforço, a superação do medo, do cansaço transformados pela fé, na coragem que necessitam para transportar o mastro e ofertá-lo a Santo Antônio. A árvore precisa ser viável ao carregamento, então outros fatores como: ser um pau reto, sem muitas ramificações e galhos, são importantes, pois facilitam o carregamento e diminuem o número de acidentes, visto que a segurança dos carregadores é algo que entre eles é bastante relevante.

O local de corte da árvore faz parte também da “tradição”, e desde meados de 1928, o Sítio São Joaquim, propriedade da família Teles, que após a morte do patriarca João Filgueiras Teles, e por questões políticas, não permitiu mais o corte no referido sítio, o que causou desagrado entre os carregadores, pois tratava-se de um local tradicional que compunha a celebração, e devido à diversidade de árvores que se encontra no local. O fato é que depois do ocorrido, outro local foi escolhido para a retirada, o que recaiu, desde de 2004, sobre o Sítio Flores, propriedade de Benjamim Sampaio (Alexandre et al. 2013). Hoje, por uma questão de preservação ambiental, os locais são alternados entre um sítio e outro, mudança que faz parte das muitas que se incorporaram à festa nos últimos anos. Mas os carregadores ainda resistem diante da retirada do pau do Sítio Flores, para eles, a tradição só está “completa” quando a árvore provém do Sítio São Joaquim.



(Foto 15: localização e distância percorrida do carregamento do Pau da Bandeira, do Sítio Flores à Igreja Matriz de Santo Antônio. Fonte: Google Maps. Ano: 2015.)

O corte da árvore acontece aproximadamente quinze dias antes do carregamento. Em anos anteriores ao acordo feito com ICMBio, muitas pessoas: moradores, pesquisadores, turistas, jornalistas etc. entravam na mata para participar do ritual. Faziam uma grande “farra”, regada à bebida alcóolica, com muito barulho e algazarra. Grupos adentravam a mata, percorrendo caminhos diferentes, o que ocasionava enorme prejuízo à vegetação. Depois do TAC, o número de participantes foi reduzido significativamente. A principal estratégia foi mudar o dia do corte, que acontecia em um final de semana, passando a ser realizado durante os dias úteis. Os carregadores, por causa da mudança, passaram a receber dispensa do trabalho no dia do corte.

Chegado o dia, segue para a mata uma comissão composta por representantes dos carregadores do pau da bandeira, liderados pelo Capitão do Pau, lideranças políticas, representantes do ICMBio e também representantes do IPHAN, além de algumas equipes jornalísticas. A escolha, antes feita somente pelos carregadores, submete-se hoje a uma série de exigências advindas das autoridades ambientalistas, podendo ser, em alguns casos revogadas, o que leva à necessidade de nova escolha.

Antes, porém, de se dirigirem à mata, por volta das sete horas da manhã, seguem em alvorada<sup>38</sup> rumo à Igreja Matriz de Santo Antônio, onde recebem a benção do padre. De mãos dadas, adentram a Igreja seguindo o Capitão do Pau. Este momento é considerado pelos carregadores muito importante e emocionante, pois irão receber a benção que os protegerão dos males durante o percurso. O padre profere a benção, pedindo a Deus pela intercessão de Santo Antônio, para que o corte da árvore, transcorra com normalidade e com paz para a felicidade de todos. De mãos dadas todos rezaram o “Pai Nosso”, e ao término da oração, o Padre asperge água benta sobre os carregadores. Está concluído o ritual propiciatório, deve-se passar para as fases seguintes.

Em caminhões, carros, motos, seguem rumo a mata, percorrendo a principal avenida da cidade; o barulho dos fogos e das músicas nos carros de sons, atraem os moradores para fora de suas casas, que curiosos e “alegres” compartilham e observam a movimentação.

---

<sup>38</sup> No ano de 2014 percorreram algumas ruas do Centro da cidade de mãos dadas até chegarem à Igreja.





(Foto 16: os caminhões que transportam os carregadores do centro da cidade à mata. Fonte: página Barbalha Terra de Santo Antônio. Sem informação de data na fonte.).

A entrada na mata cerrada requer que caminhos sejam abertos, e árvores de pequeno e médio porte sejam derrubadas ao longo do percurso, até o local de corte:

Antes de iniciar a derrubada, os cortadores e carregadores presentes no local se reúnem em torno da árvore escolhida e com as mãos tocando nesta, rezam um Pai Nosso e uma Ave Maria, pedindo a Santo Antônio que tudo corra bem durante a celebração. Em seguida, o Capitão dá a primeira machadada (Alexandre et al 2013, p. 60).



(Foto 17: Oração anterior ao corte do Pau. Foto 18: Corte do Pau da bandeira. Fonte: Diário do Nordeste: [diariodonordeste.verdesmares.com.br](http://diariodonordeste.verdesmares.com.br). Ano 2014).

Nos primeiros golpes, há um forte simbolismo de distinção, e o primeiro é sempre desferido pelo Capitão do Pau. Na sequência, outras machadadas deveriam ser dadas pelos demais carregadores, porém, com a presença de políticos, aqueles acabam sendo preteridos em favor destes. Mas cada carregador, depois dos dignitários, faz questão de dar sua machadada na árvore-mastro. Quanto à participação de mulheres no

processo, fala-se apenas de uma vez, uma exceção, considerando que o ritual é estritamente masculino. Dona Narcisa, a protagonista, explica o ocorrido:

É porque meu sobrinho estava doente, e ele é cortador do pau da bandeira há muitos anos e ele tava doente com uma doença que nem o médico até descobriu, mas graças a Deus ele recuperou através de remédios mais, assim do médico e também de remédios caseiros e eu mesma fiz uma promessa pra Santo Antônio pra que ele pudesse buscar o pau da bandeira este ano eu sou a primeira pessoa a dar a primeira cortado com o machado no pau da bandeira de santo Antônio. Quer mais?! Pois é a sessenta e quatro anos eu moro aqui nesse sítio, o sítio Batoque, e sempre eu faço o almoço dos carregadores, dos carregadores não, da comissão que vem fazer a escolha do pau da bandeira, eu faço o almoço que Rildo Teles pede pra mim fazer e eu faço todo ano e estou aqui, ao dispor dele todo ano e eu vou cortar o pau da bandeira este ano, eu vou dá a primeira cortada, como promessa com Santo Antônio, porque eu tive o que desejava, o que eu precisava, era a saúde do meu sobrinho, porque eu tava muito preocupada com ele (Dona Narcisa, 2010, em entrevista ao projeto Cultura e Natureza na festa de Santo de Antônio de Barbalha - CE).

Após o Capitão do Pau e as lideranças políticas, o corte da árvore segue, observando cuidados necessários para evitar acidentes. Lembro-me que ao rever vídeos e áudios do momento do corte, chamou-me atenção o barulho da árvore no momento da queda. Estando todos concentrados e de certa forma apreensivos sobre como a árvore vai cair, para qual lado, a atenção redobrada para que não haja ninguém no local da queda, faz-se um silêncio expressivo quebrado apenas pelo canto dos pássaros. Após a queda, comemora-se com muitos gritos de alegrias, abraços, bebendo cachaça, comendo baião de dois, tomando banho de riacho e se lambuzando na lama.

O próximo passo é desgallar e retirar a casca, estas que serão utilizadas nas simpatias das solteironas em busca de casamento. Depois de “aparelhada”, a árvore é carregada até o local denominado *cama do pau*. Um trajeto bastante penoso por se tratar de mata fechada, enfrentando-se passagens d’águas, subidas, descidas, lama etc. Na *cama do pau*, o tronco descansará durante cerca de quinze dias, período necessário e suficiente para, segundo os carregadores, a madeira secar, ou seja, perder um pouco do líquido, ficando mais leve e facilitando o carregamento.

É chegado então, o tão aguardado dia, o domingo do pau da bandeira! E sobre este dia, as opiniões se expressam de maneiras diversas:

- A única coisa que ainda presta nessa festa é o dia do pau;
- A festa mesmo começa e acaba do domingo;

- A festa acabou, não tem mais banda, não tem mais nada nas ruas depois do dia do pau, se não aproveitar o domingo, não se aproveita mais nada da festa de Santo Antônio;
- Só não acabaram com a festa toda ainda porque o pau da bandeira acontece por causa do povo, independente de qualquer coisa os carregadores iam buscar o pau, carregar e o povo ia sair nas ruas pra ver.<sup>39</sup>

A movimentação começa cedo, às quatro horas da manhã, quando o silêncio da madrugada é rompido por fogos de artifício, ouvidos em toda a cidade e em municípios vizinhos. Os carregadores reúnem-se no Mercado Central, e de lá partem para a *cama do pau*. A multidão anuncia: “Vamos buscar o pau da bandeira!”, repetindo o verso da música cantada por Alcymar Monteiro. A queima de fogos de artifício é entendida não somente como anúncio, mas um convite, sobretudo, para os homens que carregarão o mastro:

Parece que o domingo amanhece diferente de todos os outros, é como se fosse algo que contagia, que chama a gente, eu nunca tinha ido, mas esse ano não consegui não ir, meus amigos todos participam e me chamaram, quando começam os fogos e o carro de som tocando a música é muito bonito.<sup>40</sup>

No Mercado Central é oferecido aos carregadores um reforçado café da manhã, caldo de mocotó de boi, para, segundo o Capitão do Pau, “dá sustança aos carregadores”. O dia vai clareando e eles vão se aglomerando no local, muitos carros tocando as músicas da festa, motocicletas, pessoas montadas a cavalo, a pé, de bicicleta, bem como as equipes de reportagem, gravando o momento e fazendo entrevista com os carregadores e pessoas ali presentes (incluindo políticos). Vão até à Igreja receber novamente as bênçãos do pároco, e de lá, em caminhões, serão levados à *cama do pau*. A comunidade barbalhense sai à calçada para observar a movimentação.

Chegando à mata, o clima é de diversão e descontração, espaço reservado a brincadeiras, bebedeira, mas também voltado à concentração, preparação. Como diz Sousa (2009, p. 2): “na mata, os carregadores fazem a festa; banhos, bebidas, comidas e música são os ingredientes da concentração para o grande momento.” As poucas mulheres que aparecem no local são acompanhantes dos seus maridos, pesquisadoras ou repórteres. O porquê disso, explicou-me um carregador:

<sup>39</sup> Entrevistas realizadas em Maio – Junho de 2014.

<sup>40</sup> Morador e carregador [pela primeira vez] do pau da bandeira, 2012.



Isso não é lugar pra mulher, pode ser perigoso, o pau da bandeira é coisa de homem, sem contar que é no meio do mato, alguns dos carregadores bebem, passam dos limites e mulher, diferente de homem, não tem como se defender, então, é melhor não vir, esperar lá em baixo, no centro da cidade, como todo mundo. As mulheres que vem pra cá, já vem sabendo que não é pra elas, mas vem mais aquelas mais dirmanteladas, que gosta da farra, tu sabe né?! (Entrevista – Junho de 2014).

Identifiquei-me entre eles como pesquisadora. Minha chegada à cama do pau fora inicialmente tímida, não queria ser vista como ameaça e espantar meus potenciais entrevistados. Dei umas voltas, conheci o local, reconheci algumas pessoas e comecei a conversar com alguns deles, e depois de algum tempo, estávamos tirando fotos, eu ouvindo muitas histórias sobre os antigos amigos e parentes que eram carregadores, cura de doenças, as brincadeiras etc. Fui acolhida pelo grupo, que ao me aceitar, exigiu-me o batismo.

O batismo acontece quando há um novato entre os carregadores. No chão de barro vermelho, os veteranos fazem um buraco, enchendo-o com água, cachaça, urina, cerveja. O resultado é uma “lama” na qual o “neófito” será “arremessado”. Além disso, terá suas roupas rasgadas, e às vezes, pequenos machucados resultarão do confronto entre os corpos, simulação de luta que acompanha o “drama”. No meu caso, o batismo deu-se de forma mais sutil: não fui jogada na lama; arremessaram-na contra mim, sujando-me inteiramente, da roupa aos cabelos. O cheiro era muito forte e persistente. O batismo mostrava que, apesar de não ser um deles, tinha sido acolhida, e então as distâncias e dificuldades tinham diminuído.



(Foto 19: o batismo de lama dos novatos; Foto 20: Meu batismo. Fonte: Acervo Pessoal. Ano: 2012).

Diante disso, senti-me mais à vontade para fazer as entrevistas. Vale destacar que a presença de alguns dos meus parentes e amigos, facilitou-me a abordagem. Nos depoimentos, além da emoção, havia algo recorrente, apesar das diferentes histórias, dos diversos significados e sentidos que cada história carregava, convergiam para o mesmo ponto: *tradição, fé, coragem, é bom ser carregador, eu via, achava bonito e queria fazer também.*

Os carregadores expressam um sentimento de pertencer a um grupo fraterno, de irmãos, o que não anula disputas e hierarquias. O comprimento do pau, por exemplo, é um mapa definidor das posições e do lugar que cada carregador deve e pode assumir. Embora existam alguns critérios práticos na distribuição, como agrupar-se pela semelhança de compleição física, especialmente a estatura, os critérios de distinção simbólica são extremamente importantes. Quanto mais prestígio tiver o carregador, mais terá o direito de se aproximar da “cabeça do pau”. De maneira geral, o prestígio é representado pela antiguidade no ritual.

Antes de se iniciar o carregamento propriamente dito, enquanto o pau ainda descansa na sua “cama”, vários carregadores o rodeiam, sentados, com um pé sobre ele, ou demarcando-o com um galho qualquer de árvore. Inqueridos sobre os significados daquele gesto, um deles respondeu:

Cada um tem que marcar seu lugar. Os que já tem e todo mundo sabe que o lugar é dele mesmo, nem se preocupam, pois todos respeitam, mas cada um que quer ficar cada vez mais na frente, então é preciso saber escolher seu lugar e guardá-lo.

Outro carregador afirmou:

Já fazem 37 anos que eu carrego o pau da bandeira, meu lugar na cabeça já é garantido, às vezes eu nem vou lá pra cama do pau, porque eu já tô velho né, não aguento mais como antes, mas na hora que eu chego, o pau pode estar em qualquer lugar, quando eu chego meu lugar já tá lá, se tiver alguém a gente vai se organizado, mas a cabeça já é certa, e eu não abro mão<sup>41</sup>

O espaço de cada um, que aparentemente mostra-se aleatório, segue critérios de distribuição. Simbolicamente, representando a estratificação social do ritual, o “pau” se divide em três partes: *cabeça, meio e cordas*, que quanto à distribuição do prestígio representa um contínuo, cujo maior reconhecimento dirige-se à *cabeça*. Esta é a parte

---

<sup>41</sup> Entrevista com carregadores do pau da bandeira – Junho de 2014.

mais grossa e pesada, destinando-se aos carregadores mais antigos, mais experientes e mais fortes. Para eles, junto com a honra por estar ali, recebem uma grande responsabilidade. Como dizem: “a meta de todo carregador é chegar à cabeça”.



(Foto 21: “marcando território”; Foto 22: “guardando o lugar”)



(Foto 23: “esse lugar é meu”. Todas as fotografias mostram o que simbolicamente os carregadores chamam de “marcar território”, todas as legendas foram tiradas das falas dos carregadores. Arquivo pessoal. Ano: 2012).

No *meio* do pau, distribuem-se os homens de estatura mediana, e quanto ao prestígio, estão a meio caminho entre a *cabeça* e as *cordas*, estas que representam a outra extremidade do pau, onde se distribuem os mais novos, que ainda não sustentam o peso do madeiro aos ombros, a função principal é ajudar na orientação e direção do movimento conjunto, o que exige dedicação e atenção.





(Foto 24: As cordas que auxiliam no direcionamento do pau da bandeira. Arquivo pessoal. Ano: 2015).

O carregamento só se inicia por volta do meio-dia. Durante o tempo de espera, acontecem as brincadeiras, bebedeira, e um almoço é servido. Fogos de artifício avisam aos espectadores que mais uma vez o ritual do carregamento está se iniciando.

Finalmente chegou a hora. Uma rajada de fogos de artifício irrompe no ar. Os carregadores fazem uma “corrente” com as mãos dadas, o capitão do pau faz um pequeno discurso para incentivar e encorajar os homens, em seguida erguem as mãos e rezam um Pai-Nosso e uma Ave-Maria. Saúdam Santo Antônio com um *Viva!!* Elevam o pesado tronco aos ombros e dão início a um percurso de aproximadamente seis quilômetros que consumirá em torno de oito horas.

No caminho, onde a poeira é o pano de fundo, os homens vão se revezando no carregamento: enquanto uns descansam, bebem muita cachaça, brincam, sujam-se jogando os companheiros ao chão, simulando brigas, rasgam as roupas uns dos outros e de quem mais se propuser a participar, outros, em movimento, sustentam o pesado tronco de aproximadamente duas toneladas.



(Foto 25: momento da oração que inicia o cortejo; Foto 26: Início do Cortejo. Fonte: Acervo Pessoal. Ano: 2012).



(Foto 27: Divisa entre a zona rural e urbana de Barbalha – CE. Arquivo de Tito Livonio, pesquisador da festa. Ano não informado na fotografia.)

Amiúde a marcha é interrompida e o pau é jogado ao solo. Este é um dos momentos mais perigosos e que exige atenção e sincronia dos carregadores, conquistadas através da experiência. Um carregador disse-me que, nesse momento, a única forma de comunicação possível “é sentir que o pau vai cair. A gente sente quando ele vai cair, quando a gente tá com ele no ombro nós sentimos o momento da queda, aí todo mundo se afasta e o pau cai no chão”.

Alguns acidentes fazem parte do histórico do carregamento. Há casos de amputação traumática de dedos dos pés, pernas fraturadas, entre outros. Um dos carregadores contou que há alguns anos, houve um acidente sério, o que os deixou apreensivos. Disse-me um deles: “a gente dava uns cinco passos e jogava o pau no chão, até que a gente conversou e tranquilizou todo mundo, porque daquele jeito não ia dar certo”. A cachaça é indispensável, mas cabe a cada um a responsabilidade com sua própria segurança e dos demais, caso um carregador se exceda na bebida, ele é retirado do carregamento.

À frente dos carregadores, segue um carro de som, levando os locutores que orientam e animam o cortejo. As músicas servem para embalar o ânimo de todos, especialmente as de autoria de Zé Veloso, o Pavão.<sup>42</sup> Uma personagem que aos poucos

<sup>42</sup> José da Costa Veloso da Costa, conhecido por Pavão foi animador do Pau da Bandeira de Santo Antônio durante muitos anos, era filho de Melquíades Veloso, um antigo “Capitão do Pau da Bandeira”.

vai se transformando em lenda. Barroso (2010) diz que Pavão representa “a alma do Pau da Bandeira”. Era um sujeito que usava chapéu de cangaceiro, dono de uma enorme barriga, voz tonitruante, dono da cachaça e que comandava tudo cantando, brincando. Ele era a incorporação viva da festa: alegria, o coração do povo. Os seus versos se tornaram famosos, e tinham na simplicidade melodiosa da letra a capacidade de tocar a todos, como nesta tirada:

Maneiro-pau, maneiro-pau,(  
 todo mundo responde):  
 dê de lá que eu dou de cá,  
 maneiro-pau, maneiro-pau,  
 mas quem perdeu foi Alencar,  
 maneiro-pau, maneiro-pau.  
 Agassi chamava Ana,  
 maneiro-pau, maneiro-pau,  
 e o chama Luzia,  
 maneiro-pau, maneiro-pau.  
 Do burro espero um coice,  
 maneiro-pau, maneiro-pau,  
 e meu palpite é ventania,  
 maneiro-pau, maneiro-pau.<sup>43</sup>

O percurso, da cama do pau até entrada do Bairro Bela Vista, compreende a zona rural; deste ponto até à Igreja da Matriz, ocorre em zona urbana. São dois cenários completamente diferentes, não só pelas condições de terreno, que vai do barro ao calçamento/asfalto, mas principalmente pelo volume de pessoas. Na zona urbana as multidões vão se incorporando ao cortejo, o que torna a marcha mais complicada e lenta.

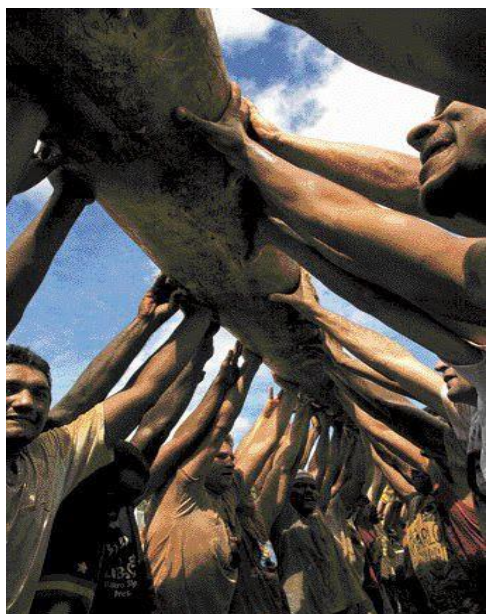
---

Começou a participar do carregamento do pau da bandeira aos dez anos de idade. Conquistou o respeito e admiração dos carregadores e da comunidade barbalhense, tornou-se um autêntico representante da cultura popular de Barbalha e do Cariri. Faleceu em 2009, aos 87 anos, e nos anos seguinte é lembrado e homenageado pelos carregadores sempre que entoam suas músicas: [crato.org/chapadadoararipe](http://crato.org/chapadadoararipe)).

<sup>43</sup> Fonte: [crato.org](http://crato.org)



(Foto 28: momento de preparação para tirar o pau da bandeira do chão. Fonte: Diário do Nordeste: [diariodonordeste.verdesmares.com.br](http://diariodonordeste.verdesmares.com.br). Ano: 2012)



(Foto 29 :momento em que erguem o pau do chão para dar continuidade ao cortejo. Fonte: Blog do Crato)

Em alguns lugares específicos da cidade como na entrada do Bairro Bela Vista, na Estátua de Santo Antônio, em frente ao Hospital Maternidade Santo Antônio, no largo do Rosário em frente à Igreja, na rua do Vídeo, na Igreja Matriz de Santo Antônio e antes do “fincamento” do mastro, os carregadores colocam-no na ponta dos dedos, dando aos espectadores a impressão de leveza, como se flutuasse sobre suas cabeças. Ouvi de alguns comentários do tipo: “não é só eles não, com certeza ali tem o dedo de Santo Antônio, é uma coisa muito bonita de se ver”. É durante este trecho que, geralmente, algumas mulheres são abordadas e esfregadas no “pau”, seguindo a tradição



que reza: “quem senta no pau de Santo Antônio, com certeza casa”. Algumas se oferecem voluntariamente para se sentar, outras fogem, e outras recebem incentivos das amigas. Há aquelas que se sentam e posam para fotos.



(Foto 30: No largo do Rosário os carregadores exaltam Santo Antônio levantando o pau acima da multidão. Fonte: Jornal Diário do Nordeste: [diariodonordeste.verdesmares.com.br](http://diariodonordeste.verdesmares.com.br). Ano: 2010).



(Foto 31 e 32: Carregamento do Pau. Fonte: Jornal Diário do Nordeste: [diariodonordeste.verdesmares.com.br](http://diariodonordeste.verdesmares.com.br). Ano não consta nas fotos)

Quando finalmente o cortejo chega ao local onde o mastro será erguido, há comemorações, as pessoas ovacionam os carregadores, é também o momento de preparação para a apoteose do ritual:

O pau chega ao destino final, sendo colocado ao chão, num momento em que os carregadores e o povo exaltam a sua alegria pelo êxito da condução do mastro de aproximadamente três mil quilos a uma distância de seis quilômetros. Rezam e agradecem a Deus, manifestando com vivas e palmas a fé em Santo Antônio. Uma pausa para descanso, enquanto se amarra a bandeira do santo na extremidade do mastro. No seu meio cravam dois ferros, no lugar em que, com parafusos, se amarra um cabo de aço, a ser puxado pelos carregadores através de uma catraca, que corresponde a um carretel de ferro,



idealizado pelo saudoso devoto, Mestre Pedro Batista (SILVA, 2013, p. 236).

O mastro é lenta e cuidadosamente erguido, é um momento de grande apreensão por causa do iminente risco, porém de eminente beleza.

O mastro já se encontra erguido e a bandeira de Santo Antônio balança aos ventos vindos do Vale do Salamanca. Os carregadores exaustos, comemoram, alegram-se, agradecem, choram, rezam e compartilham o resultado do esforço conjunto, suas palavras são de agradecimento:

Missão cumprida, graças a Deus, fizemos nossa obrigação, acima de tudo com muito amor, com muita devoção e com muita dedicação, sem nenhum incidente, sem nenhum acidente, e o mais importante, com muita paz e muito amor, e com muita fé em Santo Antônio, e mais uma vez Barbalha, e registramos de uma forma positiva, com êxito, mais uma vez, essa festa, essa comissão, faz parte dessas duas décadas, fez com que a festa fosse da melhor maneira possível (Bebê, 2010).

Missão cumprida, muito suor, muito esforço, muita fé graças a Deus (Joel, 2010).

Antes de tudo é uma emoção muito grande, que esse serviço quem fazia era meu pai, por mais de 50 anos e ele cumpria essa tradição e há 11 anos que eu tô nesse serviço (George, 2010).

Graças a deus, você viu que a emoção é, com essa emoção a gente tem a força, e a força do povo faz a diferença, e graças a Deus chegou em paz, sem nenhum acidente, isso é que é importante, taí o pau da bandeira de Santo Antônio hasteado mais uma vez, com a garra de todos esses carregadores e com toda essa gente que veio nos prestigiar, então está de parabéns vocês que estão nos apoiando e essas pessoas que vieram prestigiar essa festa (Maguila, 2010).



(Fotos 33 e 34: Hasteamento do pau em épocas diferentes. A primeira data do ano de 2012 e a segunda não apresentava datação na fonte. Fonte: Site Miséria e Barbalha Terra de Santo Antônio. Datas não informadas.).

Nos quinze dias que seguem, há apresentações de bandas regionais e nacionais nos palcos montados no Parque da Cidade com entrada gratuita, na Rua da Matriz ao lado da Igreja. O encerramento da festa acontece sempre no dia 13 de Junho, dia de Santo Antônio, com a procissão.

Cada bairro, distrito tem um santo que representa sua comunidade. No dia da procissão, os “santos” destas localidades vêm reverenciar Santo Antônio, o grande homenageado, com andores caprichosamente enfeitados e carregados aos ombros dos moradores.

O andor de Santo Antônio destaca-se entre os demais por ser maior, contendo uma imagem de mais ou menos um metro de altura, conduzidos por um carro-andor motorizado. A ornamentação varia anualmente, e há muitos anos é confeccionada na casa de Marciano Teles Duarte, responsável pelas despesas financeiras e artística da estrutura. A sua casa é também o ponto de partida da procissão. Formando um grande bloco, a aglomeração de pessoas e santos nos seus andores, inicia a caminhada rumo à Igreja, ao troar de efusivo e luminosos fogos de artifício. Os cânticos e orações ecoam dos alto-falantes posicionados em carros e trio-elétricos, marcando o ritmo da procissão.

Engrossando as fileiras da multidão, estão aqueles que vêm pagar promessas, os que ainda pedirão alguma graça na fé de alcançá-la, devotos fervorosos, turistas, os que apenas se deixam levar pela multidão e os religiosos. Os motivos são variados. Alguns fiéis fazem o percurso com os pés descalços, outros com trajes de cor marrom, imitando o hábito dos franciscanos. Muitos com terço na mão, água, fotos e outros objetos para receberem a benção do padre. Canta-se, chora-se, louva-se, agradece-se.

O percurso é variável, não segue rigidamente pelas mesmas ruas todos os anos, mas sempre percorre os principais logradouros da cidade. Chegando à Igreja da Matriz, devido ao grande número de pessoas, a celebração religiosa ocorre no pátio da Igreja.

Ao final, a expectativa volta-se para as flores que ornamentam o andor. Impacientes, muitos não esperam pela distribuição e avançam sobre ele, apropriando-se do que conseguem pegar. Em consequência a imagem de Santo Antônio quase vai ao chão. Todos os anos recomenda-se que essa atitude seja evitada, mas não surte nenhum efeito, já faz parte do drama.

Encerra-se a festa e as pessoas, então, retornam às suas casas. Fecha-se o ciclo do ano do tempo de festa, renovando-se as expectativas para o ano seguinte. Do alto de algumas dezenas de metros, Santo Antônio estampado na sua bandeira, fortemente

sustentado por “seu mastro”, assiste a tudo como Padroeiro e importante emblema daquele povo.

### **CAPÍTULO 3: MUDANÇAS E CONTINUIDADES: SOBRE AS FORMAS DE APROPRIAÇÃO DA FESTA**

#### **3.1 Sobre a dinamicidade dos rituais (parte I): da renovação**

A experiência de participar, analisar, compreender a festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio, possibilitou-me metodologicamente, não apenas enquanto pesquisadora, mas enquanto indivíduo (mais no sentido de cidadã barbalhense) levantar a questão sobre a *continuidade* da festa. Enquanto cientista social, precisei recorrer a fontes teóricas que despontassem para compreensão de tal questionamento.

Paradoxalmente, como muitos outros aspectos que permeiam a festa, para além da continuidade (das festas anuais, como é o caso da festa de Santo Antônio) há um “começo, um meio e um fim” determinado pelo tempo de festa, do qual já nos referimos nos capítulos anteriores, este ciclo se renova, todos os anos, pois diante do que fora observado, constatamos que “a festa não acaba quando termina”.

Durante a inserção no campo busquei perceber a partir de quê, de quem, por que e/ou como a festa continua acontecendo. Este foi um questionamento não só metodológico, mas também pessoal. Nas falas dos participantes durante as entrevistas, conversas e reflexões sobre a festa, considerei o questionamento sobre a continuidade como um dado que se revelou no campo, atentando para a sensibilidade que o pesquisador deve ter ao se inserir num trabalho de pesquisa, ampliando seu olhar não necessariamente para encontrar as respostas que procura, mas também e sobretudo para identificar e entender o que campo está querendo lhe dizer.

Na tentativa de entender o caráter continuativo da festa optei por observar a dinamicidade dos rituais sob dois ângulos: o primeiro referente à sua capacidade de renovação e reinvenção tanto no sentido subjetivo, no que se refere às motivações, interesses, objetivos dos participantes, quanto num sentido objetivo, referente à adequação, inclusão, adaptação de instrumentos, vestimentas, objetos, danças, ambientes, pelas quais têm passado os grupos e participantes da festa; e o segundo refere-se ao caráter socializador destes rituais, característica esta que permeia a festa como um todo. Tanto o aspecto socializador quanto a capacidade de renovação caracteriza a continuidade da qual estamos nos referindo. A entrada de novos atores-

participantes (filhos de carregadores, netos de mestres dos grupos folclóricos, investimento político-financeiro, a espetacularização) bem como a adaptação da festa à essas mudanças é que levou a considerar consistente a hipótese em questão.

Os rituais são, também, um meio pelo qual se constitui e se expressa uma identidade. Na festa de Santo Antônio, no ritual do pau da bandeira, a participação dos carregadores é motivada a partir de uma espécie de ciclo complementar que o ritual possibilita, o indivíduo participa porque quer ser identificado como carregador, porque isso o torna diferenciado, ao passo que esta diferenciação acontece pelo reconhecimento coletivo que o ritual desperta. Certamente há outras motivações, outros interesses e objetivos envolvidos nesse processo, porém identificar-se com o ritual para ser identificado/reconhecido como carregador por aqueles que participam do festejo. Alves (2005, p. 320-322) quando fala da festiva devoção ao Círio de Nazaré diz que a festa atualiza o mito ao passo que sacraliza os espaços e uma das principais formas de manifestação da identidade do povo paraense através da performance ritual.

Tendo por referência a análise do processo ritual proposto por Victor W. Turner (1974), a partir da relação *communitas* x estrutura, faremos o esforço de tentar compreender o ritual do pau da bandeira como drama social e as ações dos indivíduos como performances.

Para pensar a “*communitas*” é preciso antes pensar na estrutura social, que está enraizada no passado e se estende para o futuro pela linguagem, a lei e os costumes. Neste sistema estrutural estável há muitas dimensões de organização, territorial, política, impostos pelo conjunto social que a compõe. A “*communitas*” por sua vez é potencialmente extensiva aos limites da humanidade. Por não se encontrar necessariamente dentro de um conjunto de regras, enraizado em determinado território seus movimentos tornam-se mais amplos e menos estruturados, no sentido contrário em relação ao da estrutura social.

Apesar das diferenças, há entre elas uma relação visto que a *communitas* só pode ser percebida, apreendida se justaposta (ou pela hibridização) à estrutura social, como uma espécie de dependência ou de correlação, uma se manifesta através da outra. Ao contrário da estrutura social, a *communitas* é pensada coletivamente, segundo Turner “as pessoas umas com as outras”, caracterizada também por relações interpessoais na busca por um mesmo objetivo.

Na perspectiva de Turner, o campo da vivência, seja no espaço social seja no ritual é antiestrutura, ou seja a *communitas*, e por ser antiestrutura é passível de mudanças, por isso a ideia de processo.

A festa não é algo estático, e sim dinâmico, onde novos elementos vão constantemente sendo justapostos, abandonados, inseridos. A história muda e no mesmo movimento as pessoas adquirem novas visões de mundo e de como experimentá-lo, por isso, “a cultura é dinâmica”, lembra o antropólogo Laraia (1986, p.98-99): “os homens, ao contrário das formigas, têm a capacidade de questionar os seus próprios hábitos e modificá-los” e esta capacidade de modificação, de reinvenção a que atribuímos a sua continuidade. Quando encaramos a festa como ritual, da perspectiva de Turner, o significado encontra-se para além da vida cotidiana, uma espécie de “fugir da realidade” mesmo que inserida nela, onde há um revigoramento da vida tanto social quanto ritualística.

Encontram-se à *margem* pelo fato de estarem fora da sua estrutura social e convivendo num momento que se caracteriza pela momentaneidade, na esfera simbólica do momento presente.

Dos rituais que podem ser observados na festa, o ritual do pau da bandeira será enfatizado neste capítulo, visto o evidente destaque durante o período festivo, que se constata na fala dos participantes locais, turistas, mídia, etc. Para Turner (1974, p. 19), “os rituais revelam os valores no seu nível mais profundo (...) os homens expressam no ritual aquilo que os toca mais intensamente”, com estas palavras o autor traduz o que é vivido durante o ritual de corte, carregamento e hasteamento do pau da bandeira na festa de Santo Antônio. Durante as entrevistas e análise do material provindo do campo de pesquisa, indaguei os carregadores sobre *o que é ser um carregador do pau?* Esclareceu-se a diferença entre ação e vivência:

Costumam ir (carregar o pau) sempre os mesmos, mas qualquer um pode carregar, mas pra tudo isso tem um cuidado, a gente se prepara pra aquilo, a gente, o momento que o pau vai cair, a gente sente que ele vai cair, então não é qualquer um que pode dizer “eu sou carregador”, isso vem com a experiência (...) Qualquer um pode carregar, mas pra ser mesmo carregador, tem que ter a coisa da tradição, tem que gostar, (João Paulo, carregador do Pau da bandeira – Entrevista em Maio de 2014).

É como algo que se caracteriza também pela transitoriedade, por ser um *lugar de passagem*. Encontramos na festa o caráter de imediaticidade da *communitas* quando esta abre caminho para a mediação da estrutura, enquanto nos rituais de passagem os

homens são libertados da estrutura e entram na *communitas* apenas para retornar à estrutura revitalizada pela experiência da *communitas*, o que caracteriza a revitalização, mesmo que simbólica, do indivíduo e do ritual que nela acontece.

Vale salientar que a discussão do autor se refere mais especificamente aos rituais de passagem, que não é exatamente o que acontece no ritual do pau da bandeira, existem interpretações divergentes sobre essa questão. Alguns carregadores começam jovens e continuam durante muito tempo (como acontece com a maioria) o que não configura (do meu ponto de vista, baseado nas observações e dados coletados) que se trate de um ritual de passagem<sup>44</sup>, pois o fato de sair das cordas para a cabeça do pau, tem mais haver com experiência e força, do que necessariamente com a idade, por assim dizer. De maneira comparativa, alguns rituais de passagem acontecem em tribos indígenas com rituais obrigatórios que marcam a passagem da fase infantil para a juvenil e/ou adulta sendo indispensável a participação de todos os meninos ou meninas do grupo. Neste caso trata-se de uma conquista, um mérito, e não necessariamente algo a ser seguido ou realizado.

Os ritos de passagem, segundo Arnold van Gennep (1960, citado por Turner, 1974), “esses rituais acompanham toda mudança de lugar, estado, posição social de idade”, marcando mudanças do indivíduo na estrutura social, o que para Turner é uma espécie de renascimento. No processo de liminaridade e *communitas* o indivíduo experimenta o distanciamento e reaproximação da sua posição enquanto indivíduo na esfera social, advém desta perspectiva a substancial contribuição de Turner para discussão dos rituais, sobretudo do que estamos tratando, os carregadores do pau da bandeira, distanciam-se da sua condição de agricultor, comerciante, vendedor, funcionário público, de “pessoa comum” e passam a ser “herói”, como são chamados durante o carregamento devido ao feito que conseguem realizar e que reúne coragem, força e fé.

Certamente o destaque e o reconhecimento coletivo configuram e alimentam a motivação dos carregadores; por não haver ganhos financeiros, no processo de troca recebem-na como recompensa, além das graças alcançadas por intermédio do santo padroeiro. Assim o ritual é revitalizado pelo compromisso e dívida assumida com o

---

<sup>44</sup> Uma interpretação possível é que no simbolismo do pau da bandeira compreenda mesmo um ritual de passagem, o neófito que se tornará carregador, que deixará as cordas rumo à cabeça do pau. Ritual de passagem permite simbolicamente a passagem de um estado a outro, da pessoa, o sacrificante, o iniciado. Rituais de passagem são rituais de iniciação ou transformação. As festas anuais são rituais de renovação que comportam rituais de transformação dentro de si.

santo e (direta ou indiretamente) pelo reconhecimento coletivo que do ritual sucede. Não se trata, porém, de algo tão simples como possa parecer, ao destacarmos o reconhecimento coletivo como fonte do que constitui a continuidade do ritual, incluímos fatores relacionados à identidade, memória, a participação de várias gerações da família, que refletem a história, anseios da população que compartilha valores comuns concretizados na festa de maneira geral.

Sobre a dinâmica da mudança nas festas populares, Pessoa (2007) diz que

Há que se abrir para o novo que cedo ou tarde acaba chegando e preenchendo nossos espaços vitais, até mesmo os de nossa habitação. Mas na festa também se pode aprender que o novo, por mais irremediável que seja, precisa ser integrado à herança que recebemos, que foi e, em muitos casos, ainda permanece sendo reconstituída, reproduzida e ensinada por abnegados artistas e sábios conservadores da cultura popular. A festa popular é o grande e fecundo momento a nos ensinar que a arte de viver e de compreender a vida que nos envolve está na perfeita integração entre o velho e o novo. Sem o novo, paramos no tempo. Mas sem o velho nos apresentamos ao presente e ao futuro de mãos vazias (PESSOA, 2007, p.39).

Diante da relação citada entre novo e velho nos remetemos à ideia recorrentemente discutida nos estudos sobre cultura, festas, entre o tradicional e o moderno, certamente não enveredaremos por este caminho, mas cabe considerar estes termos na medida em que aparecem constantemente, por exemplo, na fala dos participantes durante as entrevistas, especialmente entre os carregadores. O ritual de carregamento tornou-se parte do modo de vida destes indivíduos, logo, o uso do termo soa como preocupação. A tradição, entendida por eles, representa e carrega memórias, ao passo que contribui também para formá-la, neste sentido está diretamente ligada à ideia de tempo/temporalidade, e um exemplo disso é a participação pelo sentimento carregado pelas diferentes gerações dentro da mesma família ao longo do tempo: “A festa é tradicional porque acontece há muito tempo” afirma um carregador. Outro carregador completa: “A festa já virou tradição, carregar o pau, levantar o pau, participar da festa já é algo tradicional, eu vou todos os anos, gosto de fazer parte dessa tradição e não deixo de ir nem um ano” (João Paulo – carregador do pau). A tradição também está relacionada às mudanças. Nas festas, nos rituais há aquilo que não se pode mudar pois compromete o valor do feito, como mudar a forma de carregamento do pau, segundo um carregador: “Não é a mesma coisa, a gente carregar o pau no ombro do que um trator sair arrastando o pau pela cidade”. Por outro lado, há mudanças que se tornam



necessárias, como é o caso dos trajes e objetos característicos dos grupos de reisado encenados hoje pelos jovens. Para Cruz,

A festa em louvor aos santos nos ajuda a compreender esse contexto híbrido onde a tradição na celebração coletiva conquista novos adeptos, que constroem novos eventos e identidades, experimentam tradições, trazem as memórias africanas e atualizam o ser baiano (CRUZ et. al. 2008, p. 23-24).

Sobre esse assunto, mas em outro contexto, Trigueiro (2007) vem afirmar que a cultura está constantemente sendo criada, reinventada e, conseqüentemente, adquirindo novos significados culturais. O autor sugere que com a espetacularização dos festejos, o investimento no turismo, a presença da mídia e as intervenções políticas (sobretudo financeira) nas festas culturais, tem como consequência também a construção de novos significados e novas relações sociais nos quais são incorporados outros valores (no caso midiáticos e políticos) aos valores “tradicionais”. Segundo o autor, é nesse contexto híbrido, no qual se misturam rituais tradicionais com características contemporâneas, celebrados nas festas populares, que novas relações sociais são construídas, “temperadas com as vinculações culturais e as conversações com os outros de fora dos seus territórios que vão instituindo as identidades e os estatutos de convivência e conveniência cultural” (TRIGUEIRO, 2007, p.109). Afirma ainda que

São essas práticas do passado que chegam ao presente, com as suas diversidades nacionais, regionais e locais, de significados, de referências e de desdobramentos em processos culturais de apropriações e incorporações de novos valores simbólicos que vão construindo outras identidades (TRIGUEIRO, 2007, p. 107).

Experimentando novas formas de dar continuidade à festa, a mudança torna-se imprescindível, a inserção necessária de novos elementos (pessoas, objetos, lugares) é, juntamente a outros fatores, a possibilidade de manter o que “nativamente” alguns moradores, políticos e carregadores chama de “manter a tradição”. Recorro constantemente a este termo, devido ao uso recursivo do mesmo durante as entrevistas. Indagado sobre a inserção e o interesse dos jovens na participação da festa, como forma de incentivo e de investimento para a continuidade do carregamento do pau, Roberto “Maguila” carregador há mais de trinta anos diz:

Os jovens se interessam sim pela festa, e é incrível, porque hoje a gente vê, tem crianças que...eu “tiro” por um sobrinho meu, ele tem quinze anos e há quatro anos ele já participa do pau de Santo Antônio, e tem outros. O próprio filho do Régis (outro carregador da “velha guarda”) no braço ele já foi batizado como “raminha branca” na

época, ele menino de braço; então isso aí, futuramente ele vai ter a curiosidade de querer participar, por que? Porque ele já viu o pai dele, já viu os colegas, e outro e outros que vêm participando que a cada ano que passa tem novidade de jovens, de garotos que querem participar, e sempre aqueles que vem, sempre serão bem-vindos. (Roberto Maguila- carregador do pau – Entrevista em Maio de 2014).

Dos fatores que estão contribuindo para mudanças na festa, o investimento no turismo cultural-religioso e a tecnologia (presença de emissoras de televisão, internet, programas de rádio, redes sociais, etc.) aproximam os jovens em estar participando da festa. Ao mesmo tempo em que conhecem sobre a festa, mais querem participar, sobretudo pela resposta que a sociedade retorna aos participantes, em particular aos carregadores. Para alguns desses, o carregamento traz encantamento e admiração e motiva os jovens a dar continuidade à “tradição” de carregamento do pau. Thiago Barreto, carregador do pau, diz:

Creio que os jovens têm interesse sim em estar participando da festa, tem pessoas que realmente têm gosto diferente, gostam de participar mais com o lazer, nos palcos, se divertindo e tudo, mas cada vez mais eles se aproximando, vendo aquilo tudo do começo até o final, eles vão se abrilhando para no próximo ano eles chegarem a participar, é uma festa que é agradável e isso incentiva a participarem e gostarem mais dessa festa. (Thiago Sá Barreto – carregador do pau da bandeira – entrevista em Maio de 2014).

Sobre a participação da nova geração de carregadores, o então Secretário de Cultura diz que a participação dos jovens é também motivada pela forte presença das tecnologias, o registro em celulares, câmeras, o compartilhamento dessas imagens e informações nas redes sociais, contribui para desenvolver a curiosidade do jovem e conseqüentemente a participação dos mesmos:

As novas tecnologias vêm a somar, é tanto que no dia do corte (como você foi e viu) o monte de gente que vai já por curiosidade, já pra um dia ser carregador, até crianças você vê por lá; este ano meu sobrinho veio com uma câmera agregada ao corpo, temos uma empresa de fornecimento de internet filmando e sabendo quantas pessoas entraram no site pra ver o pau da bandeira online, isso desperta uma curiosidade muito grande também na juventude e nas gerações vindouras pra que eles sejam também protagonistas dessa história (...). Um grande relevo da nossa festa são os grupos de tradição, e tinha uma multidão de jovens acompanhando esses grupos de tradição, talvez eles nem tenham tanto conhecimento do que seja esses grupos, mas o momento mágico faz com que eles acompanhem e gostem desses mesmos grupos e isso motiva alguns grupos que a gente trabalha nas escolas, com os grupos mirins, o seio é a escola mesmo de se trabalhar isso. (Antônio de Luna – Secretário de Cultura (gestão 2012 – 2016) – entrevista em Junho de 2014).

A escola, como citado pelo secretário, é um importante instrumento na adaptação e reformulação dos processos de mudanças pelas quais passam os grupos, os rituais, as formas de se fazer a festa. Juntamente com os grupos, a escola possibilita abertura para uma possibilidade de reinvenção, ao passo que intermedeia o tradicional e as mudanças cabíveis que venham a contribuir com a continuidade desses grupos. Sobre isso, o projeto *Salto para o Futuro*, iniciativa do Governo Federal através do Ministério da Educação, lançou em 2007 um boletim reunindo textos de diversos autores sobre a importância pedagógica das festas populares. O livro intitulado “Aprender e ensinar nas festas populares” o professor Jadir de Moraes Pessoa cita:

A dimensão educativa da festa expressa-se, especialmente, numa ambiguidade que lhe é intrínseca: a festa visa marcar em cada membro do grupo social os seus valores, as suas normas, as suas tradições; ao mesmo tempo em que se transforma sempre num grande balcão, numa grande demonstração das inovações, das mudanças, das novas descobertas, das novas concepções e, porque não dizer, da fecundidade das transgressões (PESSOA, 2005, p. 39).

Na tentativa de manutenção e continuidade dos grupos folclóricos, como já mencionado no capítulo anterior, a Prefeitura municipal, enveredou por esta perspectiva apontada por Pessoa, além do conhecimento repassado de geração em geração pelos mestres e representantes dos grupos da cultura popular local, a escola se tornou também um importante aliado neste processo de “preservação dos grupos”. Vale salientar e esclarecer que não se trata, necessariamente, de uma reprodução fiel dos grupos tradicionais, mas uma forma de incluir e incitar as crianças e jovens a terem conhecimento da riqueza cultural da qual também fazem parte. Para Pessoa é importante esse incentivo nas escolas, com a ressalva de que:

Há a possibilidade de (tais ações) serem desenvolvidas, nas escolas, releituras ou recriações das festas populares, seja por grupos de teatro ou pelos próprios alunos. Aqui vale o alerta dos folcloristas, no sentido de que essas recriações são consideradas “para folclore”. Ou seja, elas não são o fato folclórico em si, como no caso de um grupo de Reisado fazendo seu ritual próprio, sempre ensaiado, corrigido e avalizado por seus mestres, os guardiões daquela tradição. Mas, como o objetivo é sempre pensar sobre o que a escola e seus sujeitos podem aprender com a festa, a reprodução desta, mesmo se feita por outros sujeitos, pode ser de grande oportunidade. (PESSOA, 2007, p. 7-8).

Destacamos a relevância dos rituais a partir da sua repetitividade enquanto elemento fundamental para que o mesmo seja continuado, os exemplos, a fala dos participantes alertando para a importância de medidas e ações a serem realizadas no intuito de tornar isso possível, a repetição por grupos de jovens, a contribuição positiva

de meios de comunicação e do avanço tecnológico, a herança cultural passada de geração em geração seja nos quintais de casa, nos terreiros dos grupos, na rua, ou mesmo partindo de uma iniciativa pedagógica nas escolas ou instituições afins, como Organizações Não-Governamentais (ONG's) e também do poder público, segundo Cruz (2008):

As práticas de natureza rituais ou simbólicas, através da repetição, inculcam certos valores e normas e dão continuidade em relação ao passado. Desse modo, o espaço festivo reproduz os rituais das gerações passadas, reforça as tradições, repete códigos comportamentais e também cria novos códigos (CRUZ, et. al. 2008, p. 28).

A criação de novos códigos, novas formas, novos interesses, novos participantes, são equivalentemente importantes quanto à renovação dos mesmos, ressignificação de formas de uso em alguns lugares (como no largo do rosário, onde acontece a culminância no dia do pau da bandeira) e em outros, uma forma de apropriação completamente nova. Refiro-me ao espaço da Praça Filgueira Sampaio, popularmente conhecida como *Calçadão*, localizada entre as ruas do Vidéo e a Rua da Matriz, neste espaço, concentram-se “os alternativos”, identificados assim por algumas pessoas entrevistadas durante a festa, estas que transitavam ou não pelo local. Por alternativos, entende-se, proeminentemente o grupo LGBTQ+. O local tornou-se um ponto de referência para encontro de um público específico, apesar da fluência e do trânsito de pessoas diversas, sendo que esta ocupação acontece apenas durante o período da festa, ou pelo menos de maneira mais incisiva, nesta época. Comentários como: “Eu não vou passar por ali não, que as pessoas já sabem quem você é”; “ali só dá aquele tipo de gente mesmo”; “quem você vê lá naquela praça pode ter certeza que é gay”, essas e outras falas foram propagadas nas entrevistas, estabeleceu-se uma referência estereotipada do lugar em relação às pessoas e também o contrário, das pessoas em relação ao lugar. Bem como a Rua da Matriz, conhecida como Rua da Igreja, onde o “público alternativo” são o que os entrevistados chamaram de “a elite de Barbalha”, juntamente com os “hippies”. Nas palavras de Socorro (abordada aleatoriamente para entrevista): “é o povo diferente sabe, meio estranho, que gosta dessas músicas de cultura, um povo meio hippie, tá vendo óh”. Outros espaços também passaram por este processo, mas estes citados em mais evidência.

Esta é mais uma forma de mostrar a transversalidade, a multiplicidade e as transformações que acontecem no ambiente festivo, com adaptação de espaços, de

pessoas, de relações, de fazeres e saberes diversos compondo dentre outros fatores a *festa*.

### **3.2 Sobre a dinamicidade dos rituais (parte II): do aspecto socializador**

Nos valendo da discussão anterior, discutiremos como a transitoriedade dos e nos espaços, pessoas, interesses, instituições, caracteriza o aspecto socializador do ambiente festivo. Neste sentido a discussão se beneficia dos conceitos de “efervescência coletiva” e “sociação e sociabilidade”, conforme apresentados por Durkheim (1996) e Simmel (2006), respectivamente, incluindo a contribuição de novos autores e também pesquisadores do referido festejo. O objetivo foi perceber e interpretar como acontecem as relações e apropriações e de que forma contribuem para que a festa continue acontecendo de forma “igual”, porém renovada.

Ao passo que se constrói a relação entre o indivíduo e a festa, se constrói concomitantemente o dado que se repete, que permanece e que permite a continuidade da festa. Com a repetição dos rituais incluindo novos indivíduos, inova-se também seus significados caracterizando a dinamicidade e transitoriedade tanto do festejo quanto da rede de relações sociais, pessoais, simbólicas que se estabelecem nesse ambiente. Mudanças estas caracterizadas tanto nos aspectos físicos, seja nas roupas dos grupos folclóricos, nos instrumentos das bandas cabaçais, no surgimento de novos espaços, na identificação de pessoas que surge com o trânsito nesses espaços, seja pelas intervenções políticas das instituições que “regulamentam” e organizam a festa (IPHAN, ICMBio, Prefeitura Municipal), quanto também nos aspectos subjetivos, que compete a todos e a cada um que participa do festejo, desde as crianças e jovens que são incentivadas pelos grupos escolares ou por influência das gerações de participação familiar, seja por cidadão barbalhense, dentre outros aspectos, que competem a motivação, tratando-se portanto de algo não definível e difícil precisão.

Na festa enquanto mediação, há a possibilidade de pode ir da subjetividade do significado simbólico à objetividade materializada e/ou vice-versa, ou seja, da objeto materializado à significado simbólico subjetivo que lhe é atribuído, no caso da Festa de Santo Antônio, podemos citar como exemplos, a transformação da árvore em *pau da bandeira*, um kit com raspas de uma árvore, um oração e a imagem de um santo em *kit casamenteiro*, o homem que é considerado herói, etc. Neste contexto da festa de Santo Antônio, vale destacar que, o que impulsiona todo este é movimento, no caso das festas

da religiosidade popular como é o caso aqui exposto é, além de outros variados elementos (que não seria possível nem mesmo conveniente abordar todos pelas suas amplitudes e quantidades), a crença, a fé, a devoção dos participantes, foram os fatores que mais se sobressaíram durante às pesquisas, entrevistas, conversas, fosse de maneira clara ou a partir da minha interpretação (do ponto do qual eu enquanto pesquisadora estive). Como consequência disso, pode-se perceber como a representação dessas práticas interferem, influenciam e complementam a vida individual e social dos mesmos.

Sobre as representações, Durkheim diz que ao passo que são processos, são também resultados, exemplifica demonstrando o papel da religião como uma espécie de liga, que serve para evidenciar os vínculos entre os indivíduos. Na relação *todo x parte* só é possível falar da dimensão exterior do indivíduo a partir da sua dimensão social, é, pois a representação coletiva do indivíduo que serve como evidência e elo desta relação.

Sentimentos individuais quando associados, fazem surgir algo exterior às consciências particulares, o todo não é apenas a soma das partes, por isso o agrupamento dá origem ao nascimento de fenômenos que não provêm diretamente da natureza dos elementos associados (DURKHEIM, 1999). Este *todo*, seria a representação do que, na definição do autor, seria a Sociedade, entendo-a como,

O mais poderoso feixe de forças físicas e morais cujos resultados a natureza nos oferece. Em nenhuma parte encontra-se tal riqueza de materiais diversos levado a tal grau de concentração. Não é surpreendente pois que uma vida mais alta se desprenda dela e que reagindo sobre os elementos dos quais resulta eleve-os a uma forma superior de existência e os transforme-os. (DURKHEIM, 1999, p. 29).

Além deste, outro importante autor que trata da relação entre indivíduo e sociedade, a partir do conceito de sociabilidade, é Simmel. Diz ele:

Na sociabilidade não entram o que as personalidades possuem em termos de significações objetivas, significações que têm seu centro fora do círculo de ação (...) esse caráter objetivo, que gira em torno da personalidade, precisa se separar de sua função como elemento da sociabilidade (SIMMEL, 2006, p. 66 – 67).

Quando entendemos os fenômenos sociais como originados na coletividade, torna-se evidente que sua explicação deve provir também desta base, e não do caráter personalístico individual dos atores, mesmo desempenhando papel fundamental, pois é no resultado da ligação e relação entre estas consciências que se pode buscar entender as explicações, para tais fenômenos.

Certamente é preciso esclarecer que nesta discussão, quando falamos de sociedade, referimo-nos de maneira mais direta e associativa aos grupos, especificamente como fora feito até então, relação estabelecida mais diretamente com o grupo de carregadores do pau da bandeira. Não são desconsideradas as limitações que tal intento trará, porém nosso objetivo é mostrar como os grupos se organizam e se socializam com e apesar das individualidades, que são tão necessárias quanto, tornando-se algo além, uma nova realidade, uma nova forma de consciência social. Neste caso, a associação entre as teorias dos autores e o nosso objetivo se aproximam e clarificam um ao outro, segundo Quintaneiro (1995), as consciências particulares unindo-se, agindo e reagindo umas sobre as outras, fundindo-se dão origem à uma realidade nova que é a consciência da sociedade, que tem formas de fazer com que os indivíduos se sujeitos sintam e pensem de forma específica.

A sociedade seria então o resultado, o fim último da associação destes indivíduos, se a compreendermos dentro desta concepção. É inegável que tal fenômeno, é produto do ajuntamento de consciências, e que apesar de se impor, o todo mantém ligação com as partes, pois dela se compõe e a ela compõe. A força de coerção e a coesão do grupo, parte do que está entre um indivíduo e outro, na socialização, não como fim, mas como *processo* de sociabilidade.

Os homens quando se reúnem é sempre o resultado das necessidades de interesses específicos. Só que para além desses conteúdos específicos, todas essas formas de socição são acompanhadas por um sentimento e por uma satisfação de estar justamente socializado, pelo valor da sociabilidade enquanto tal. (SIMMEL, 2006, p. 64)

O aspecto socializador é ao mesmo tempo causa e consequência da significação dos rituais, expressando os valores dos que participam, para Turner (1974, p. 19) expressam aquilo que os toca mais intensamente, supondo um compartilhamento e intercalação da parte de um com a do(s) outro(s).

Para Valei (1994) os rituais articulam, desarticulam e rearticulam aspectos do cotidiano e da experiência cotidiana, estimulando o trabalho reflexivo, produzindo reinterpretações e reformulações que produzem novas informações e perspectivas, sobrepõe-se aos conflitos e desigualdades (sagrado, profano, brancos, negros, pobre, rico) por expressar uma face dessa coletividade. A sociologia simmeliana, em concordância diz que a festa é uma forma de plasmar os diversos conteúdos criando laços de sociabilidade, mesmo quando conflitantes, pois se baseiam em formas específicas de ser com/e para o outro, visto que no fenômeno festivo é possível

identificar os fundamentos dos vínculos coletivos que tecem a sociedade. Para Perez (2002):

A forma lúdica de sociação não tem conteúdo, nem propósitos objetivos, nem resultados exteriores, é uma estrutura sociológica que, em sua relação com a sociação concreta, determinada pelo conteúdo, é semelhante à relação do trabalho de arte com a realidade. (PEREZ, 2002, p.19).

Nas tentativas de estabelecer e criar caminhos que possibilitem as mudanças, mas ao mesmo tempo a continuidade desses rituais, os indivíduos são postos como parte essencial para fazê-lo, despertar no indivíduo sobretudo nas crianças e nos jovens, os valores culturais, morais, familiares de participar do festejo impulsiona-os a querer participar, considerando os mais variados objetivos que os levam a tal. É neste impulso propulsor despertado em cada um, visando algo maior (ser visto pela sociedade barbalhense como carregador do pau da bandeira) que reside o poder de interação entre eles. Desse poder de interação entre os indivíduos, explica Simmel,

A própria sociedade, em geral, significa a interação entre indivíduos. Essa interação surge sempre a partir de determinados impulsos ou da busca de certas finalidades (...) esses impulsos fazem com que o ser humano entre, com outros, em uma relação de convívio, de atuação com referência ao outro, com o outro e contra o outro, em um estado de correlação com os outros. Isso quer dizer que ele exerce efeito sobre os demais e também sofre efeito por parte deles. (SIMMEL, 2006 p. 60 -61).

Esta capacidade de sociação é “a forma (que se realiza de inúmeras maneiras distintas) na qual os indivíduos em razão de seus interesses se desenvolvem conjuntamente em direção a uma unidade” (Idem, p. 60) por meio da qual são realizados estes interesses que podem ser: sensoriais, ideais, momentâneos, duradouros, conscientes, inconscientes, casuais, etc. e que, conclui o autor, formam a base da sociedade humana (Idem, p. 61). Simmel pensa a sociabilidade como um jogo social,<sup>45</sup> onde todos são iguais (num faz de conta) mas cada um é reverenciado em particular, e segundo o autor, “fazer de conta, não é mentira” (SIMMEL, 2006, p. 173).

Não se trata de resumir as formas de sociação das diversas instâncias (religião, artes, jogos, as festas) em apenas faz de conta, são na verdade formas de experienciar a vida em coletividade da perspectiva do estar-junto.

---

<sup>45</sup> Jogos sociais: todas as formas de interação e sociação entre os seres humanos, na seriedade da realidade, está imbuído de conteúdos intencionais. No jogo estes elementos têm uma vida própria, são movidos exclusivamente pela sua própria atração. (...) jogo da sociedade tem um duplo sentido profundo a saber: não somente joga na sociedade aquele que age externamente, mas com ele joga-se de fato a sociedade (SIMMEL, 2006, p. 72).



É do estar-junto que é possível identificar o relacionar-se entre os indivíduos, segundo Leonel (2010) a análise desses fenômenos não deve ficar apenas na superfície manifesta, é necessário compreendê-los mais a fundo, como formas geradoras de relações de sociabilidade, aproximando-os das formas puras sociológicas nas quais, relacionar-se é a questão mais fundamental.

A participação nos rituais, requer uma espécie de complementariedade entre os indivíduos, são partes intercaladas entre o indivíduo e os outros. Os rituais são uma forma de expressão da sociedade que a produziu, neste espaço convergem o mundo cotidiano e o mundo lúdico propiciado pela festa. Estabelece-se uma forma de linguagem na qual agregam-se comportamentos, símbolos, traduzindo em forma de ritos os aspectos do cotidiano, sobretudo da vida coletiva.

No âmbito da festa, estimula-se o trabalho reflexivo, o que possibilita novas interpretações e reformulações de códigos abrindo portas para a produção de novas perspectivas, tendo como consequência desta reinvenção despertar do interesse de admiradores, que passam a ser participantes. Segundo a tradição simmeliana, a festa é uma “forma” capaz de plasmar conteúdos diversos, e destinada à promoção de laços de sociabilidade, mesmo que conflitantes. Através do fenômeno *festa* é possível os fundamentos dos vínculos sociais que tramitam na sociedade, esses vínculos são tecidos na relação com e para o outro. Perez (2002) afirma que:

A forma lúdica de sociação não tem conteúdo, nem propósitos objetivos, nem resultados exteriores, é uma estrutura sociológica que, em sua relação com a sociação concreta, determinada pelo conteúdo, é semelhante à relação do trabalho de arte com a realidade. (PEREZ, 2002, p.19).

O ritual do pau da bandeira representa de certa forma o jogo de “faz de conta” do qual fala Simmel, onde todos são iguais, mas reverenciados em particular, e segundo este autor, “fazer de conta não é mentira” (SIMMEL, 2006, p.173). Aos carregadores atribui-se pela população o título de herói, que se torna uma verdade a partir do momento que acreditam sê-lo, mesmo que apenas no *faz de conta* da festa. Tem-se, portanto representado na festa, o estar-junto, compondo um dos meios de experienciar a vida em coletividade através da ludicidade. Entendendo que o relacionar-se é questão fundamental (sobretudo do que rege às questões sociológicas) propõe-se entender os rituais festivos como uma das formas geradoras das relações de sociabilidade, visto que

emana dessas relações (bem como do contexto histórico e as particularidades de cada grupo) a pluralidade dessas manifestações de significados diversos.

Da perspectiva simmeliana, a festa enquanto resultado do jogo da sociabilidade, teria para além de outros interesses, os interesses emocional-afetivos, pode-se encontrar a viabilidade prática desta definição, quando perguntados sobre o que os levava (carregadores do Pau) a participar da festa e manter vivo o ritual, ter por maioria de resposta, o fator emotivo, o sentimento de gratidão.

A festa se caracteriza como um espaço de ligações, o mecanismo mesmo que configura um forma de compreensão da sociedade, ao passo que torna compreensível símbolos, desordena a ordem da realidade cotidiana (tendo uma organização que lhe é própria), reconfigura espaços, permite a troca, o surgimento, a reafirmação e sobretudo a expressão de sentimentos individuais e coletivos, assim “o estudo da sociabilidade festiva permitiria uma forma privilegiada de compreensão da experiência humana de produção de vínculos sociais” (LEONEL, 2010, p. 39).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sobre conclusões, acredito as mais eficientes são aquelas que nos levam a começar a trilhar por novos caminhos. É o que intento. A produção deste trabalho, deu-se sobretudo por acreditar na possibilidade de que possam vir a ter outros interesses como uma leitura dentre as muitas possibilidades de leituras e interpretações cabíveis dentro do mundo festivo.

Ao longo da pesquisa, fosse nos lugares, nas pessoas, no modo de fazer, deparei-me o tempo todo com o objeto o qual não procurava e acabei por encontrá-lo. Tomar a mudança como ponto de partida para entender o contexto no qual se dá a continuidade dos festejos, fez-me perceber que o ciclo não tem começo nem fim, apenas muda, se transforma. Não há um ponto inicial, nem um momento exato em que as mudanças acontecem, seja no âmbito temporal ou espacial, de quando devam acontecer, atribuo em grande parte à dinâmica que emana do próprio contexto e do/no campo festa.

A festa é lembrada, comparada em relação ao “como já foi” e “como poderia ser”, entre esses dois períodos há a festa que acontece. Isto pode ser observado na fala de diferentes participantes que ocupam diferentes lugares no ambiente festivo. Os carregadores do pau da bandeira, por exemplo, enxergam no próximo (????), a possibilidade de estar lá novamente, e no momento em questão carregando o pau agradecendo alguma prece atendida ou outro motivo, pedem concomitantemente, a graça de estar ali no ano seguinte, e enquanto Santo Antônio lhe der forças para fazê-lo, ele assim o fará, recordando todo o tempo que já carregou e que mesmo passados (em alguns casos) vinte, trinta anos, “a fé sempre o renova e dá coragem para continuar indo buscar o pau”.<sup>46</sup>

Tratando-se de uma festa religiosa, não há como deixar de considerar a relação com o divino, com o subjetivo retratado na crença, na fé, e nas ações advindas da mesma. Para alguns é o compromisso com o santo padroeiro pelo cumprimento da promessa (seja por obrigatoriedade, por prazer, por brincadeira, por medo de castigo da quebra do compromisso com o santo, etc.), que faz com que suas motivações se renovem a cada ano, uma renovação que trás consigo as mudanças que lhe são características.

---

<sup>46</sup> Fala de Rejão em entrevista, carregador há 35 anos.

Uma delas, em relação aos carregadores, por exemplo, é a mudança “no seu espaço do pau”, passados 35 anos, como no caso citado e como tantos outros, já não há mais a mesma disposição física dos anos anteriores, a presença continua indispensável mas agora simbolicamente. O lugar do carregador não deixa de ser dele, mas já não há condições que lhe permitam fazê-lo, contudo sua presença é sinônimo de força, de almejo, de referencial para os demais, considerando que não se trata de algo imposto ou regrado, tem mais a ver com reconhecimento coletivo sobre este indivíduo, o que também garante de certa forma o aspecto continuativo do qual falamos no decorrer do trabalho.

Não adentramos no mérito da discussão teórica sobre tradição, embora tenha sido citado em muitas falas durante as entrevistas. Falava-se de uma tradição, que se configurava relativa há alguns aspectos especificamente, uma delas em relação ao tempo e à repetição, ou seja, ao fato de a festa acontecer a (há) um longo período de tempo significava (aos olhos dos participantes) que se tratava de uma festa tradicional; atrelava-se também ao termo tradição, quando se falava na hereditariedade, a maioria dos participantes apresenta certo grau de parentesco no que diz respeito sobretudo ao carregamento do pau, sendo portanto uma “tradição de família”; das percebidas em campo estas merecem mais destaque. Bem como anteriormente exposto, não adentrou-se da discussão que ainda hoje faz-se do aspecto “tradicional” no campo das pesquisas das ciências sociais e outras, seja em relação à modernidade, seja na definição do que é tradição e em contrapartida o que não é, enfim, trata-se apenas de evidenciar que mesmo sem uma definição exata, a tradição (seja num sentido único e definido, seja da junção de alguns dos sentidos que possa vir a ter) também compõe o cenário no qual a festa acontece, e tal qual outros elementos, deve ser considerada como tendo influência no conjunto do que estamos considerando como relevante para o aspecto continuativo da festa.

Refletindo, então, sobre a conclusão do ciclo iniciado com as inquietações de perguntas curiosas, preocupadas, angustiadas, ansiosas, esperançosas, trouxe-me o campo muito além do que eu buscava. Para além das respostas, encontrei(-me) com *as pessoas* que deram (e continuarão dando) sentido ao que foi, ao que é e ao que será feito. São pessoas individuais, em conjunto, por diferentes motivações e por diferentes caminhos, que pluralizam, dinamizam, enfeitam e formam a festa que é única e ao mesmo tempo tão plural, tão dinâmica, e tão magicamente enfeitada pelos suores,

choros, sorrisos, danças, vestimentas, ofertas, brincadeiras e a fé que dela emana e que é por ela manifesta.

O campo, as entrevistas, eu enquanto pesquisadora e enquanto cidadã, as intervenções políticas, econômicas, turísticas, midiática, as redes sociais, o fluxo de informações e de pessoas dos lugares e nos lugares estão sendo constantemente modificados e por isso mudados a todo momento. São essas mudanças que apontam para a renovação dos seus significados.

A festa não poderia continuar a mesma porque aqueles que o fazem não são também os mesmos, mudam-se os sentidos, mudam-se os fazeres, muda-se quem faz, muda-se aquilo que disso é consequente, ou seja, a festa. A experimentação que cada um faz, é perceptível ainda na expectativa e em todas as características trazidas pelo *tempo de festa*, sem estabelecermos aqui uma definição (ou definições) de que tipos são tais expectativas, mas que são estas, em parte, que orientam o curso do festejo.

A esta discussão vale destacar, que tais como as mudanças, as permanências também configuram papel fundamental ao contexto continuativo da festa, bem como complementam de certa forma às mudanças. A linha entre o que se pode e “deve” mudar e o que permanece é deveras tênue, há um jogo não somente de interesses, que exige cuidados no trato de questões que circundam tais questionamentos, pois desta intervenção, advêm os resultados conjuntamente para a festa.

Por fim julgo importante tornar novamente claro, a proposta que por ora se encerra. À luz do que, na busca pelo o que é festa, encontrei e pude perceber um dos seus muitos sentidos, um dos muitos pontos possíveis de observá-la, retomo a fala de que o encerramento de algo só é válido, se abrir a possibilidade de ser o início de outros novos caminhos. Que no surgimento de novos pensamentos de estudiosos das festas, este trabalho venha a ser o meio pelo qual se estabeleça novas formas de pensá-la, fazendo acontecer a mudança que faz com que as interpretações e por conseguinte os resultados, sejam sempre outros, mesmo sendo da mesma festa, que será sempre a mesma, sendo sempre outra(s).

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval M. de. **Festas pra que te quero: por uma historiografia do festejar**. *Patrimônio e Memória*. São Paulo, v. 7, n. 1 p.134-150, jun. 2011.
- ALEXANDRE, J. F.; SOUZA, O. T. de.; BEZERRA, S. N. R. Freire. **Festa de Santo Antônio de Barbalha: patrimônio de fé, devoção e carnavalização**. In SOARES, I. de M.; SILVA, I. B. M. da. *Sentidos e devoção: festa e carregamento em Barbalha*. Fortaleza: Iphan, 2013, p. 44-79.
- AMARAL, Rita. **As mediações culturais da festa**. Revista Mediações, Londrina, v.3, n. 1, p. 13-22, jun./jul., 1998a.
- \_\_\_\_\_. **Festa à brasileira - Significados do festejar, no país que "não é serio"**. São Paulo: USP. Tese de Doutorado em Antropologia Social. 1998b.
- ARANTES, Antônio Augusto. **O que é Cultura Popular**. São Paulo: Brasiliense, 2007
- ARAÚJO, José Edvar Costa de. **O Papel Político-Pedagógico das Manifestações da Cultura Popular na Construção de Modelos e Conceitos de Relações Sociais – O Caso da Festa do Pau da Bandeira de Barbalha**. 1994. 125 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Educação. Fortaleza, 1994.
- ARAÚJO, J. E. C. de. **Dimensões socioeducativas da Festa do Pau da Bandeira: decifrando pluralidades e multiangulações**. In SOARES, I. de M.; SILVA, I. B. M. da. *Sentidos e devoção: festa e carregamento em Barbalha*. Fortaleza: Iphan, 2013, p. 184-213.
- BANCO DO NORDESTE. **Documento referencial do pólo de desenvolvimento integrado Cariri cearense/Banco do Nordeste**; Coordenação Francisco Mavignier Cavalcante França; Organização Ricardo Lima de Medeiros Marques. –Fortaleza, 2001.
- BAKHTIN, Mikhail M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**. São Paulo: HUCITEC (Brasília): Editora da Universidade de Brasília, 1987.
- BRANDÃO, Carlos R. **A cultura na rua**. Campinas: Papirus, 1989. Disponível em: [sitiodarosadosventos.com.br/livro/imagens/stories/anexos/a\\_cultura\\_na\\_rua.pdf](http://sitiodarosadosventos.com.br/livro/imagens/stories/anexos/a_cultura_na_rua.pdf) acesso em: 17/09/2014.
- CARDOSO, Antônio I. D.; SILVA, J. F. da. **Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha: intervenção cultural na natureza mediada pela fé**. In SOARES, I. de M.; SILVA, I. B. M. da. *Sentidos e devoção: festa e carregamento em Barbalha*. Fortaleza: Iphan, p. 138 – 157, 2013.

CARIRY, Rosemberg. **Festa do Pau da bandeira de Barbalha**. In SOARES, I. de M.; SILVA, I. B. M. da. *Sentidos e devoção: festa e carregamento em Barbalha*. Fortaleza: Iphan, p. 80 – 137, 2013.

CASCUDO, Luís da C. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. São Paulo, 1988.

CLIFFORD, James. **Sobre a autoridade etnográfica**. In: A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil, mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

CHIANCA, Luciana. **Devoção e diversão: expressões contemporâneas de festas e santos católicos**. *Revistas ANTHROPOLÓGICAS*, ano 11, volume 18 (2): 49 – 54, 2007.

D'ABADIA, Maria I. V. **Louvação e proximidade: as festas de padroeiros fora do Brasil**. In: B. goiano. *geogr. Goiânia*, v. 30, n. 1, p. 93-105, jan./jun. 2010.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 6 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997a.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o Brasil Brasil?** 8 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997b.

DA MATTA, R. **O ofício do etnólogo ou como ter “Anthropological Blues”**. In: NUNES, E. (org.). *A Aventura Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

DEL PRYORE, Mary. **Festas e Utopias no Brasil colonial**. 1ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

DIAS, Audisio S. **Região caririense: turismo religioso e manifestações culturais na festa do pau sagrado de Santo Antônio de Barbalha**. Dissertação de Mestrado. Fortaleza, 2012.

DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares de Vida Religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. Tradução. Paulo Neves – São Paulo: Martins Fontes, Coleção tópicos, 1996.

DUVIGNAUD, Jean. **Festas e civilizações**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.  
Eliade, M. *O sagrado e o profano*. [Tradução Rogério Fernandes]. – São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ESTEVAM, Carlos. **A Questão da Cultura Popular**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1963

FERRETI, Sérgio F. **Festas religiosas populares em terreiros de culto afro**. In: BRAGA, S I G. *Cultura Popular, Patrimônio Imaterial e Cidades*. Manaus, EDUA/ FAPEAM, p. 77 – 97, 2007.

FERRETI, Sérgio. **Religião e Cultura Popular Estudo de festas populares e do sincretismo religioso**. Palestra em Recife, no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, 2001.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e senzala**. 45 ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

HEBENBROCK, Josuel M. da S. **O Processo Comunicacional na Festa Popular de Santo Antônio, no Sertão do Ceará**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, Campina Grande, 2010.

IBAMA. **Plano de Manejo da Floresta Nacional do Araripe**. Dezembro, 2004.

LEONEL, Guilherme G. **Festa e sociabilidade: reflexões teóricas e práticas para a pesquisa dos festejos como fenômenos urbanos contemporâneos**. In Cadernos de História, Belo Horizonte, v.11, n. 15, p. 35 – 57, 2010.

LOPES, Mônica de S. **Das origens da festa à brasileira**. Revista científica./FAP, Curitiba, v.1, p. 1-10, jan./dez. 2006.

MARTINS, J.C. de O. **Festa de Santo Antônio de Barbalha-Ceará: sagrado e profano em circularidades de significados**. In SOARES, I. de M.; SILVA, I. B. M. da. *Sentidos e devoção: festa e carregamento em Barbalha*. Fortaleza: Iphan, 2013, p. 10-43.

MARTINS, Jose C. de O.; FREIRE, Edwilson. **“E viva o pau!!!... E viva Santo Antônio!!!” O sagrado e o profano na festa católica brasileira**. Disponível em: [encipecom.metodista.br/mediawiki/images/8/8d/GT6-005-E\\_viva\\_o\\_pau-Clerton\\_e\\_Edwilson.pdf](http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/8/8d/GT6-005-E_viva_o_pau-Clerton_e_Edwilson.pdf) acesso em: 15/09/2014.

MEDINA, Nana Mininni. **Educação Ambiental: Uma Metodologia Participativa de Formação**. 2. ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 1999.

MENEZES, Renata de C. **Celebrando São Besso ou o que Robert Hertz e a escola francesa de Sociologia têm a nos dizer sobre festas, rituais e simbolismo**. In: Revista Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, 29(1): 179-199, 2009.

OLIVEIRA, Antônio G. A. **Para além do sagrado: tradições religiosas e novas formas de sociabilidade: a festa de Santo Antônio em Barbalha – CE**. Dissertação de Mestrado, Fortaleza, 1999.

PASSOS, Mauro. **Quando o povo é a festa – o significado social e religioso do Círio de Nazaré**. Disponível em: [encontro2014.historiaoral.org.br/resources/anais/8/1398803717\\_ARQUIVO\\_ABHOTextocompleto2014.pdf](http://encontro2014.historiaoral.org.br/resources/anais/8/1398803717_ARQUIVO_ABHOTextocompleto2014.pdf) acesso: 08/09/2014

PAZ, Renata M.; SILVA, Simone P. da. **Nos bastidores da festa: o reisado do Congo e a dinâmica das relações entre os grupos populares e os poderes públicos na Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio em Barbalha**. In SOARES, I. de M.; SILVA, I. B. M. da. *Sentidos e devoção: festa e carregamento em Barbalha*. Fortaleza: Iphan, 2013, p. 158-183.



PEREIRA, Paulo Cesar C. **O baile de São Gonçalo em São Vicente Férrer: a representação do guia na relação com o santo e com o promesseiro.** Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. São Luís, 2008.

PEREZ, Léa F. **Festas e viajantes nas Minas oitocentistas, segunda aproximação.** In Revista de Antropologia, São Paulo, USP, 2009, V. 52 Nº 1. p. 288-338.

PEREZ, Léa F. **Dionísio nos trópicos: festa religiosa e barroquização do mundo. Por uma antropologia das efervescências coletivas.** Disponível em: [antropologia.com.br/arti/colab/a12-lfreitas.pdf](http://antropologia.com.br/arti/colab/a12-lfreitas.pdf) acesso em: 02/08/2014.

PIRES, Flávia F. **Os filhos-ausentes e as penosas de São Sebastiãozinho. Etnografia da Festa da Catingueira / PB.** Rio de Janeiro: UFRJ/ MN, 2003.

SÁ, Susanne X. de.; BARBALHO, Alexandre A **Festa de Santo Antônio de Barbalha – CE – Patrimônio Imaterial.** Revista do Mestrado Profissional em Planejamento em Políticas Públicas. P. 464-512.

SAHLINS, Marshall D. **Ilhas da História.** Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

SANCHIS, P. **Arraial: festa de um povo, as festa católicas portuguesas.** Lisboa: Dom Quixote, 1983.

SILVA, Josier F. da. **Uma Representação Sócio-Espacial da Cultura no Município de Barbalha: O Embate entre Tradição e Modernidade como Desafio Educacional.** In: CAVALANTI, Maria Juraci Maia. et. al. (Org's). História da Educação - Vitrais da Memória: Lugares, Imagens e Práticas Culturais. Fortaleza: Edições UFC, p. 314 – 330, 2008.

SILVA, Josier F. da. **Santo Antônio de Barbalha: memórias de festa e fé!** In SOARES, I. de M.; SILVA, I. B. M. da. *Sentidos e devoção: festa e carregamento em Barbalha.* Fortaleza: Iphan, p. 214 – 237, 2013.

SILVA, Simone P. da. **Os Sentidos da Festa: (Re)Significações Simbólicas dos brincantes do Reisado de Congo em Barbalha – CE (1960-1970).** Dissertação de Mestrado em História UFPB, João Pessoa, 2011.

SIMMEL, G. **Questões fundamentais da Sociologia: indivíduo e sociedade.** Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SIQUEIRA, D. **Pluralidade e trânsito religioso entre as novas religiosidades: sincretismo brasileiro constituinte.** I Simpósio de Religião e História. Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, 1999.

SOARES, Igor de M. **Alguns registros sobre a Festa de Santo Antônio.** In SOARES, I. de M.; SILVA, I. B. M. da. *Sentidos e devoção: festa e carregamento em Barbalha.* Fortaleza: Iphan, p. 238 – 256, 2013.

SOUZA, Océlio Teixeira de. **A Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha: entre o controle e a autonomia.** Dissertação de Mestrado. Centro de

Humanidades – Curso de História. Universidade Federal do Ceará/Universidade Federal do Rio de Janeiro. Fortaleza, 2000.

SOUZA, Océlio T. de. **A festa do pau-da-bandeira de Santo Antônio de Barbalha(CE): Uma experiência religiosa popular.** ANPUH – XXII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – João Pessoa, 2003.

SOUZA, João V. A. de. **A festa e o calendário religioso na demarcação dos tempos da vida social.** In: XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais. Salvador, 2011.

SOUZA, João Carlos de. **O caráter religioso e profano das festas populares: Corumbá, passagem do século XIX para o XX.** Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 24, nº 48, p. 331 – 351, 2004.

SOUZA, Océlio T. de. **Devoção, Riso e Sacrifício na Festa do Pau da Bandeira** [online] In: OS URBANITAS - Revista de Antropologia Urbana. Ano 6, vol. 6, n. 9, 2009. Disponível via <<http://www.osurbanitas.org/osurbanitas9/oceliotdesouza-09-2009.html>>. acesso em 13/07/2014.

SCHWARTZ, Stuart B. **Segredos Internos: engenhos e escravos na sociedade colonial.** São Paulo., Cia. Das Letras, 1995.

TEODORO, Rosa J. **Fazendo festa, criando história(s) e contando estória(s): o Doze em Ouro Preto, MG.** Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte, 2003.

VAINFAS, Ronaldo. **Santo Antônio na América Portuguesa: religiosidade e política.** In: Revista USP, São Paulo, n.57, p. 28-37, março/maio 2003.

VAN DE PORT, Mattijs. **Candomblé em rosa, verde e preto: recriando a herança religiosa afro-brasileira na esfera pública de salvador, na Bahia.** *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 13, n. 22, jul./dez. 2012, p. 123-164.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**, 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

VILAR, Marinalva; MARQUES, Roberto; GONÇALVES, Cláudio Ubiratan; SOUZA, Océlio Teixeira; PAZ, R. M. **A Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha: algumas reflexões.** In: VILAR, Marinalva; MARQUES, Roberto. (Org's.). Estudos Regionais: limites e possibilidades. 1 ed. Crato: CERES, 2004, p. 15-158.

ZALUAR, Alba. **Os homens de Deus: um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular.** Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

\_\_\_\_\_. **Os santos e suas festas.** Religião e Sociedade, vol. 8, p. 53-60, 1982.

\_\_\_\_\_. **Milagre e castigo divino.** Religião e Sociedade, vol. 5, p. 161-187, 1980.